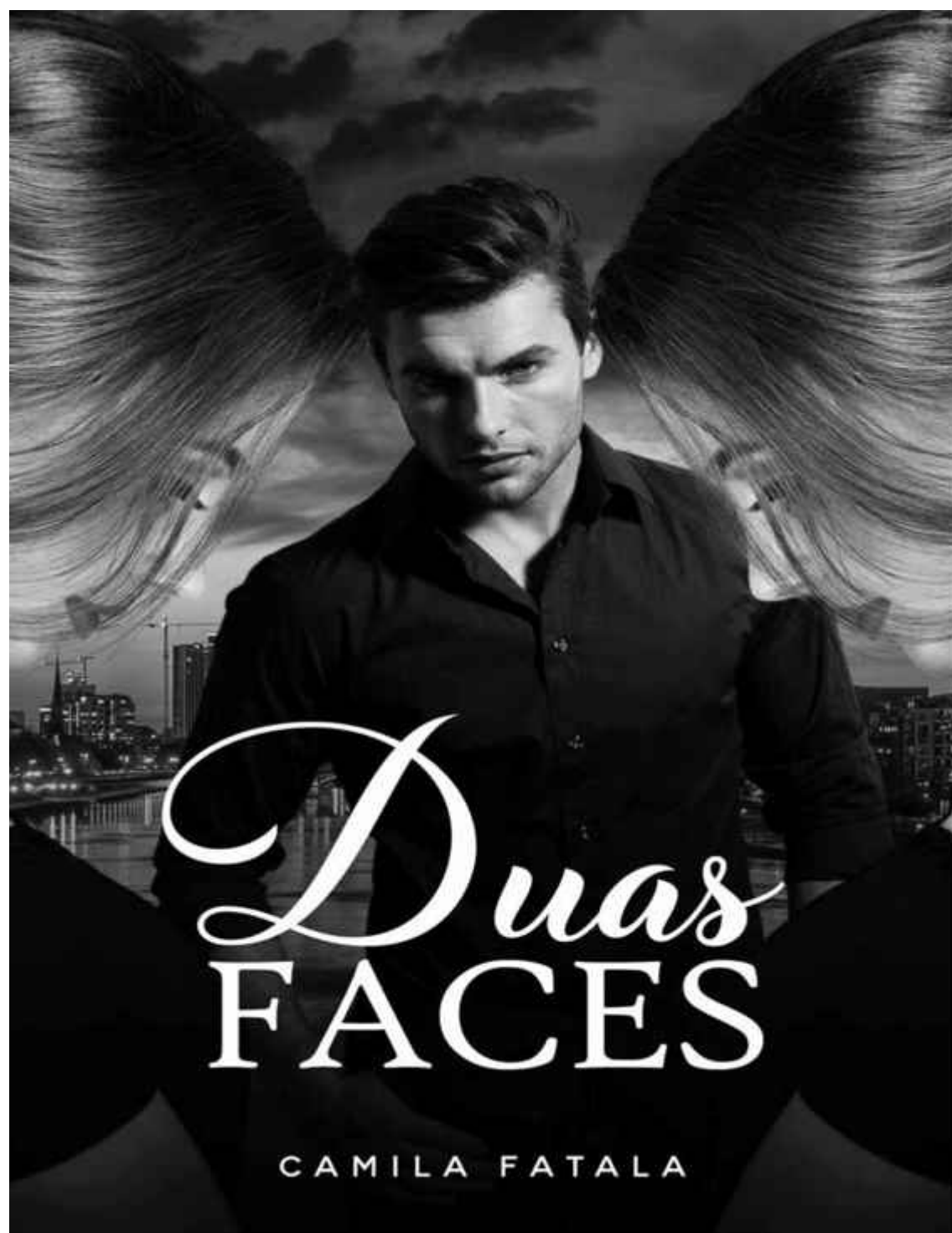




Duas FACES

CAMILA FATALA





DUAS FACES.

Publicado em julho de 2019.

Capa: LA CAPAS.

Dedicado aos meus leitores mais fiéis, desde o Orkut!

Sumário

[Prólogo.](#)

[Capítulo 1.](#)

[Capítulo 2.](#)

[Capítulo 3.](#)

[Capítulo 4.](#)

[Capítulo 5.](#)

[Capítulo 6.](#)

[Capítulo 7.](#)

[Capítulo 8.](#)

[Capítulo 9.](#)

[Capítulo 10.](#)

[Capítulo 11.](#)

[Capítulo 12.](#)

[Capítulo 13.](#)

[Capítulo 14.](#)

[Capítulo 15.](#)

[Capítulo 16.](#)

Prólogo.

Abril, 2019.

Sentei-me na cama alisando a colcha branca com flores amarelas que me era tão familiar, peguei o travesseiro e o abracei por alguns instantes, fazendo aquele perfume tão amado me dominar por completo. Junto com o perfume veio também à dor, aquela dor que, no último ano, vinha me corroendo de uma maneira imensurável.

— Quer levar alguma coisa, Daniel? — Pergunta Cibeles.

— Não, senhora.

Examino o ambiente todo com calma, aquele quarto tinha muitas histórias, que jamais esqueceria.

— Lucy mantém... quer dizer. Ela mantinha esta prateleira assim desde que tinha quatro anos. — Cibeles sorri ao mexer nas bonecas.

Dor. Angústia.

— Eu me lembro. Quando éramos adolescentes, ela me fez arrastar esse peso todo para simplesmente verificar se o papel de parede estava intacto. — Sorrio com a lembrança. — Fiquei tão zangado.

A lembrança me entristece.

Como nos acostumamos a ficar bravos com coisas tão tolas.

— Ela sempre soube como conseguir tudo de você.

— É verdade.

Tudo. Principalmente meu coração.

Seguro o porta-retratos que estava ao lado da cama, era uma foto nossa, ela tinha dezoito anos e eu, vinte e três.

— Foi no dia que vocês resolveram pedir ao Richard permissão para namorarem. — Diz nostálgica.

— Eu estava tremendo de medo, achei que Richard fosse me expulsar daqui.

— Ele quase fez isso, mas quando os viu tão próximos... — Suspira. — Vocês se conheciam desde sempre praticamente. Todos nós sabíamos que aquele dia chegaria.

Lembro-me como se fosse hoje, o dia que me mudei para a casa ao lado de Lucy. Eu tinha nove anos e ela quatro, era uma garotinha muito curiosa, que mesmo eu a expulsando todos os dias do meu quintal, continuava a invadir para me ver brincar com os carrinhos. Foi assim que ela me dominou, virando minha melhor amiga e com o passar do tempo, a mulher da minha vida.

— Lucy sempre foi minha melhor amiga, foi a única mulher que amei. —

Repouso com calma o porta-retratos em seu devido lugar.

— Eu sei. Eu sei, meu querido. — Alisa meu ombro com a voz embargada.

— Preciso ir, agora. — Levanto-me.

— Quando parte? — Ela limpa uma lágrima que escorre em sua bochecha avermelhada.

— Esta noite.

— Já sabe para onde irá?

— Saberei esta noite, ainda não nos avisaram.

Dei uma última olhada no quarto.

Meu Deus. Iria sentir tanta falta dele. Dela.

— Até à próxima, Cibele. — A abraço.

Ela funga em meu ombro. Está emocionada.

— Não voltará mais, não é? — Sussurra ainda abraçada a mim.

— Não. Não consigo mais. Esse último ano tem sido muito... não dá.

— Eu entendo. Acredite, entendo. — Alisa meu rosto com carinho.

— Obrigado, por tudo.

— Vá com Deus, querido.

Capítulo 1.

Novembro, 2017.

Ela estava perfeita!

Magnífica!

Deslumbrante!

O vestido longo verde esmeralda realçava seus olhos da mesma cor, os cabelos castanhos caíam em ondas na altura dos cotovelos, seu corpo pequeno e magro era tão encantador. Uma boneca.

Lucy não estava apenas linda esta noite, mas também radiante e eu havia proporcionado essa felicidade. Nunca em toda minha vida tinha me sentindo tão homem, quanto naquele momento. Ali, vendo a mulher que eu amo, sorrindo daquele jeito por minha causa... nossa, não tinha como expressar minha felicidade.

Orgulhoso! Eu estava orgulhoso de mim mesmo!

As pessoas estavam a rodeando e parabenizando-a, fiquei apenas a observando de longe, seus olhos a todo momento me buscavam em meio à multidão, sabia que ela se sentia tímida com tanta atenção, mas naquele momento era uma timidez bem-vinda. Toda vez que alguém a elogiava, ela tocava seus cabelos, era uma mania que tinha desde pequena, uma mania que eu amava.

O que eu não amava naquela mulher?

Quando vi que me lançou um olhar de socorro, me aproximei.

— Com licença, será que posso pegar minha noiva por um momento? —
Pisco para suas amigas.

— Claro! — Responderam em uníssono.

— Ufa, obrigada! — Lucy agradece me abraçando.

— Gostou da surpresa, meu amor? — Aliso seu rosto com cuidado.

— Se gostei?! Eu amei, Daniel!

Seus lábios se juntaram aos meus, com aquela delicadeza que só ela conseguia ter.

— Em pouco tempo será a Sra. Collins. Como se sente sobre isso? — Levo sua mão que exhibe o enorme diamante até meus lábios, beijando seus dedos com carinho.

— Espero esse momento desde pequena! Como poderia estar me sentindo? Estou eufórica!

Seu sorriso era tão grande que me deixava louco.

— Estou muito feliz que tenha aceito, foi um grande alívio. — Confesso.

— Achou mesmo que eu diria *não*? — Ela ri alto.

— Achei. — Mordo meu próprio lábio.

— Você sempre foi meu melhor amigo. Crescemos juntos. Foi meu primeiro namorado. Por que diabos não aceitaria? — Sacode a cabeça descrente.

— Só se eu estivesse louca!

— Nunca se sabe. — Dou de ombros.

Noto Allison se aproximando com um sorriso sacana nos lábios.

— Então, já que os pombinhos vão se casar, quando poderei organizar a despedida de solteiro, Daniel? — Allison se empolga jogando os braços em volta do meu pescoço e de Lucy.

— Você? Não confio! — Lucy arqueia uma sobrancelha o olhando desconfiada.

— Qual é, Lulu?! — Ele se faz de ofendido.

— Certeza que terá no mínimo dez mulheres nuas rodeando meu noivo! — Ela bufa.

— Como pode pensar isso de mim? — Allison coloca a mão no peito parecendo chocada. — Só serão uma ou duas.

Nós rimos. Conhecemos nosso amigo e sabemos que Allison não tem mais jeito.

— Vai me dizer que suas amigas, principalmente a Jéssica, não irá preparar nada? — Allison a questiona.

— Irão. — Sorri animada.

Como assim?!

— Ah, a senhorita terá uma?

Foi a minha vez de arquear uma sobrancelha desconfiado.

— Você conhece a Jéssica, amor. Ela não aceita um não como resposta. — Ela alisa suas mãos em meu peito e me olha de uma maneira inocente.

— Conheço ela até bem demais, é igualzinha ao Allison. O que me faz ficar com umas vinte pulgas atrás da orelha. Não estou certo de me preocupar?

— Um pouco. — Sorri enquanto me lança uma piscadinha.

— Ah, é? Conversaremos mais tarde, mocinha! — A puxo pela cintura e a beijo.

— Entendi, sinal para vazar. — Escuto Allison resmungar.

— Dorme no meu apartamento? — Provoco mordiscando seu lábio inferior.

— Por que você não dorme no meu?

— Prefiro no meu.

— Mm. Ok.

Sabe que é mentira. Sempre prefiro o dela.

Estaciono o carro em frente à uma casa de dois andares com um jardim florido e uma cerca branca. Lucy fica alguns segundos apenas observando a casa atentamente, quando finalmente foi entendendo porque estávamos ali, seus olhos procuraram os meus e eu nunca tinha visto aquelas duas esmeraldas brilharem tanto.

— Por que paramos aqui? — Sua voz é ansiosa.

Ela quer uma confirmação. Quer saber se está certa em sua teoria.

Não respondo. Apenas desço do carro e vou até sua porta, ajudando-a descer.

— Vamos a olhar por dentro? — Seguro sua cintura conforme atravessamos o jardim.

Ela não se aguenta de curiosidade.

— Dan, você a comprou?

— Ainda não.

Antes de entramos, paro na porta e eu me viro para ela.

— Lembra quando éramos mais novos e desenhávamos nossa casa dos sonhos?

— Lembro! — Seus olhos brilham de emoção.

— Esta foi a mais próxima que encontrei. — Sorrio.

Abro a porta revelando seu interior.

Lucy dá um passo para dentro e fica boquiaberta com tudo que vê.

— Nossa! Olha esta sala! Olha que lareira mais linda!

Olhando cômodo por cômodo, ela parece estar explodindo de felicidade. Por várias e várias vezes se virou para mim, perguntando se não estava sonhando. Nunca fiquei tão feliz de repetir uma frase:

“Não, você não está sonhando, amor.”

— Se você gostou, posso assinar o contrato amanhã mesmo.

— Jura?

Sua expressão de plenitude era tão maravilhosa que minha vontade era assinar agora mesmo o contrato. O jeito como ela subia as escadas como uma garotinha correndo e explorando cada cantinho da casa, meu Deus, não tinha dinheiro que pagasse aquilo.

— Juro. — A sigo indo para o segundo andar.

— Ninguém nunca entendeu o porquê de nós querermos uma casa assim, sendo que, podíamos morar na beira da praia. — Ela me olha de uma maneira que faz meu coração inflar de felicidade.

— *“Porque queremos envelhecer em uma casa com uma linda cerca branca.”* — Sussurro nossa frase de adolescente.

— Dan, eu te amo!

Ela corre até mim, a levanto pela cintura fazendo com que suas pernas entrelaçassem em minha cintura.

— Eu também te amo, anjo.

Tomo seus lábios para mim, beijando-a com verdadeira paixão.

— Acho que seria uma ótima ideia se testássemos nosso quarto, o que acha? — Sussurra alisando os lábios em meu pescoço.

— Ótima ideia! — Rio caminhando com ela em meus braços até o único quarto que ainda não havíamos entrado.

— Onde está nos levando?

— Este será nosso quarto.

Eu havia pedido para Allison arrumar tudo para mim.

E não é que ele deu conta?

Lucy fica com seus lindos olhos arregalados ao ver um colchão no meio do quarto, onde velas o rodeiam para iluminar o ambiente, próximo há um balde com gelo e champanhe, e uma bandeja com vários petiscos e morangos com chocolate.

— Como fez isso? — Seu sorriso se alarga.

— Tive uma ajudinha. — Digo enquanto lentamente abaixo a alça de seu vestido com minha boca.

— Dan... — Geme, agarrando-se em meus ombros.

— Aqui seremos muito felizes, Sra. Collins.

— Não tenho dúvidas, Sr. Collins. — Sorri desfazendo o nó de minha gravata.

— Vem cá!

Colo seu corpo a parede, fazendo-a rir baixinho com minha brutalidade.

— Agora é a hora que me fará sua, Sr. Collins?

Ela geme quando aliso minha língua entre seus seios.

— Sim, essa é a hora, futura Sra. Collins.

Estava sentado na janela observando Lucy deitada com apenas um lençol cobrindo seu pequeno corpo.

Como eu podia ser tão sortudo assim?

Sério, a vida realmente tinha me recompensado pelos meus pais terem morrido tão cedo, pois me presenteou com uma mulher incrível, que além de ser linda, inteligente, amável e doce, ainda era minha melhor amiga. A pessoa que eu mais confiava no mundo. A pessoa que acreditava em mim em todos os sentidos. A pessoa que me amava profundamente, igual eu a ela. Nem podia

acreditar, que logo, Lucy seria minha esposa. Sem falar em minha carreira no exército estava indo muito bem, aos poucos estava ganhando a confiança e respeito de todos.

Ah, muito obrigado!

Fecho meus olhos agradecendo a Deus por tudo que havia me dado.

Escuto sua voz sonolenta:

— O que está fazendo aí?

Meus olhos vão rapidamente em sua direção.

— Pensando.

— Em quê?

— Na vida. — Suspiro.

— Exemplo?

— Que minha vida é boa demais!

— Mm, ela é tão boa assim? — Sorri, provocando-me ao abaixar um pouco o lençol.

Vou até ela e me deito sobre seu corpo.

— Com certeza!

— Aí! Você é muito pesado! — Resmunga.

— Não reclamou há uma hora. — Mordo sua orelha.

— Há uma hora estava tão excitada que poderia ter feito qualquer coisa comigo! — Sorri feito uma menininha.

— E se eu te deixar excitada novamente? — Deslizo minha língua até seus seios.

— Por favor! — Geme.

Abril, 2018.

— Sério, daqui dois meses será seu casamento. Você não vai me deixar fazer uma despedida de solteiro? — Resmunga Allison.

— Não, não quero nada disso. Não sei por que fica insistindo. — Resmungo me deitando na cama.

— Que homem não quer aproveitar uma noite com várias gostosas? Logo você vai estar enforcado mesmo! — Bufa, deitando-se na cama ao lado.

— Diferente de você, respeito minha companheira. Sem falar que Lucy é única para mim. — Fecho meus olhos.

— Sério, você nunca transou com mais ninguém?

Ele sempre fazia a mesma pergunta.

— Não. Lucy foi minha única namorada, já está cansado de saber.

— Sério que nunca a traiu? Nenhuma vez? Cara, a enfermeira Nicolly se

arrasta por você. Jura que nunca comeu ela? Nem uma vez?

— Já falei, Allison! — Me irrita. — Nunca traí a Lucy, nunca. Não poderia fazer algo desse tipo com a mulher que amo. Agora vê se dorme! — Resmungo, virando-me de costas.

Uma batida forte na porta nos deixa em alerta, rapidamente me levanto para atender. Era o Major, batemos continências e ficamos posicionados.

— Descansar, homens. — Sua expressão está tensa.

— Aconteceu algo, senhor? — Allison se aproxima de nós.

— Na verdade, sim. Capitão Collins, receio que deva arrumar suas malas, sua volta foi solicitada com urgência. — Seu tom de voz não parecia duro, mas receoso, muito receoso para meu gosto.

— Claro, senhor. Posso saber o que houve?

— É a sua noiva, Capitão.

O quê?

— Lucy?

— Sim, Capitão. Ela sofreu um acidente de carro voltando do trabalho.

Meu Deus!

— Lucy sofreu um acidente? — Agarro sua farda. — Como ela está?

Ele se cala por um instante.

— Como ela está? — Grito.

— Sinto muito, Capitão. Parece que ela faleceu no local do acidente.

— Não!

Dor. Era tudo que conseguia sentir.

Capítulo 2.

Deixar Los Angeles não será nenhum sacrifício, muito pelo contrário, acho que não conseguiria ficar aqui por muito mais tempo. Tudo aqui me lembrava a Lucy, não que eu quisesse a esquecer, até porque seria impossível, mas lembrar dela há cada segundo era doloroso. Então estava grato por finalmente saber para onde seria mandado a serviço.

— Capitão Collins, será mandado para nosso QG em Wiesbaden, Alemanha. Terá como função ajudar no treinamento militar da cidade.

— Sim, senhor. — Bato continência.

Alemanha, ótimo. Longe o bastante para tentar recomeçar.

— Podem ir para o avião agora, lá encontrarão seus pertences e tudo mais que necessitarão. — Orienta o Major.

— Sim, senhor!

Rapidamente oriento meus soldados e vamos para o avião. Sou o primeiro a entrar sem nem olhar para trás.

Adeus, Los Angeles. Adeus, dor.

— Precisa de alguma coisa, Capitão? — Nicolly se senta ao meu lado, enquanto coloco meu cinto.

— Não, obrigado. Irá para Wiesbaden conosco?

— Sim, pelo jeito meus soldados e superiores precisam de uma enfermeira.

— Sorri enquanto me olha com aqueles olhos castanhos expressivos.

— É sempre bom ter ajuda. — Limito-me a dizer.

Nicolly era uma mulher atraente, tinha um rosto muito bonito, seu corpo era sexy, e seu jeito provocante chamava a atenção, mas não conseguia me sentir entusiasmado como os demais. Nem mesmo quando ela deixava claro que tinha interesse em mim.

— Como você está? — Inclina-se ao meu lado, colocando sua mão em meu antebraço.

— Bem e você?

— Estou bem também. Como está lidando com o luto? Completou um ano, não é?

— Estou lidando bem, obrigado. — Minto. — É, completou um ano, há duas semanas.

— Fico feliz, logo a dor será apenas uma lembrança. — Desliza sua mão desde meu antebraço até chegar em meu ombro.

— Obrigado. Senão se importa, gostaria de dormir um pouco, a viagem será bem longa.

— Claro. — Levanta-se indo se sentar com as outras enfermeiras.

Minha primeira semana em Wiesbaden foi boa, quase não tive tempo para pensar na ausência de Lucy. Trabalhava o dia todo sem parar, isso fazia com que ao chegar a noite dormisse como pedra. Só não estava melhor, pois sentia falta do meu amigo Allison, que estava na Itália.

Na sexta-feira à noite eu e os demais estávamos de folga. Eric, o 2º Sargento, insistiu que eu fosse com ele e os demais soldados beber, por mais que dissesse que preferia descansar, acabaram me convencendo. Ou melhor, me vencendo pelo cansaço.

— Vocês vão gostar muito daqui! — Eric ri ao estacionar a caminhonete em frente a uma casa enorme.

— O que é isso? — Questiono.

— Descobri logo que cheguei. É um lugar onde podemos beber, jogar e nos divertir com algumas mulheres.

Porra!

A última coisa que precisava agora era de um bordel!

— Vamos comer algumas putas! — Grita um dos soldados me fazendo revirar os olhos.

— Vamos lá! — Incentiva Eric.

Apenas sigo eles em silêncio.

Por quê? Por que me deixei ser convencido?

Nos sentamos em uma mesa e logo algumas garotas vieram nos servir. Peço uma cerveja e fico observando o ambiente, Eric parece muito familiarizado, se sente em casa. Cumprimenta algumas das moças e acaba fazendo comentários machistas sobre cada uma delas. Limito-me a observar e ficar em silêncio enquanto bebo minha cerveja.

— Quero comer aquela ali! — Um dos soldados aponta para uma jovem loira.

— Vocês têm que ver a minha! Ela é tão linda! — Eric ri alto.

— Sua? — Pergunto.

— Sim, sempre quando venho aqui fodo ela! É a minha favorita!

— Você nem sabe o nome dela? — Irrito-me.

— Claro que sei, se chama Allana! É tão gostosa e linda, que é impossível não decorar o nome! — Ri debochadamente.

Tenho vontade de ir embora, mas acabo me torturando e resolvo ficar.

Alguns soldados vão atrás de algumas jovens e somem pelos quartos, Eric continua comendo e bebendo enquanto alisava todas as jovens que passavam por

ele.

Um lixo de homem!

— Cacete! Como ela está gostosa hoje, sério, já estou duro! — Eric saliva olhando para o balcão atrás de mim.

Viro-me para ver de quem se trata.

Quando meus olhos focam nela, é como se eu estivesse sonhando, pisco várias e várias vezes tentando acordar, mas meu coração acelerado denuncia que não era um sonho.

Eu estou acordado, realmente estou acordado!

Minhas mãos em pouquíssimos segundos ficam geladas e trêmulas, minha respiração está tão entrecortada que quase não consigo levar oxigênio para meus pulmões. De repente, um arrepiou toma meu corpo, fazendo com que me estremecesse por completo e todos os pelos de meu corpo se arrepiem, minha boca está tão seca que é quase impossível de engolir.

Pisco mais algumas vezes, porém a imagem linda e dolorosa não desaparece:

Lábios carnudos, maçãs avermelhadas, nariz arrebitado e pequeno, olhos verdes e brilhantes como esmeraldas, cabelos castanhos moldando toda a estrutura delicada do rosto indo até as costelas, corpo pequeno e delicado, uma verdadeira boneca.

Sim, ela era do jeitinho que me lembrava!

Lucy. Minha amada, Lucy!

A visão da mulher de minha vida é interrompida com o grito de Eric.

— Allana!

Minha pequena Lucy ao ouvir ele gritando por essa tal Allana, o olha com uma expressão cansada, mas logo se recupera, exibindo um sorriso maravilhoso.

Levanto-me para a observar melhor, não estou acreditando no que vejo.

— Allana, venha aqui! — Eric volta a gritar fazendo com que ela coloque a bandeja sobre o balcão e ande até nós.

Quando ela está há poucos centímetros de mim, meu coração parece parar.

Não. Não é possível!

Observo ela com todo cuidado do mundo, cada pequeno traço, sinto vontade de tocá-la. Meu maior desejo naquele momento é de puxá-la para meus braços e beijá-la até ambos acabarmos sem ar, mas não posso, devo estar sonhando, ou enlouqueci de vez.

— Você... — Suspiro me aproximando um pouco mais, o que a faz me notar.

Seus maravilhosos olhos procuram os meus.

— Ah. — Arquejo tendo que me segurar na cadeira.

A maneira que ela me olha, sou capaz de jurar que consegue enxergar minha alma, minha dor, minha ânsia de tocá-la, aqueles olhos conseguem enxergar tudo que há em mim.

Sim, é ela! É minha Lucy!

— Viu, Capitão? Não disse que ela era linda!

Ela abaixa a cabeça parecendo constrangida.

— Allana, este é meu amigo, Capitão Collins. Ele é novo na cidade.

Ela volta a me olhar, mas desta vez me lança um sorriso tímido e maravilhoso.

— Oi, seja bem-vindo.

Ah, a sua voz!

Sua voz ainda é a mesma, mas o sotaque é diferente, seu inglês é grosseiro, pois há muito do alemão presente. Sua voz me traz um misto de sentimentos; ao mesmo tempo que fico emocionado por ouvi-la novamente, sinto uma dor horrível pelas lembranças.

Não consigo responder. Estou completamente em choque.

Eric então acaba soltando uma gargalhada.

— Acho que meu amigo aqui, está deslumbrado com sua beleza.

Não consigo olhar para ele, só tenho olhos para ela!

Meu Deus, como era possível?

Será que havia bebido demais? Será que estava realmente ficando louco?

Eric passa um de seus braços pela cintura dela, fazendo com que seu pequeno corpo se colasse ao dele. Aquele pequeno gesto fez com que eu quisesse quebrar a cara dele.

Ele estava tocando nela, na minha Lucy!

— O que está usando por baixo deste vestidinho vermelho? — Ele a questiona, deixando-a ainda mais tímida.

— Eu... — Ela parece não conseguir dizer.

— Não seja tímida assim, você é uma puta, Allana! Comporte-se como tal!
— Ele a repreende.

Filho da puta!

Eu vou matá-lo!

— Não fale assim com ela! — Elevo minha voz.

— O que foi, Capitão? É verdade! — Ri me olhando sem entender.

— Não se deve tratar uma mulher assim!

— Ela não é uma *mulher*. Ela é uma *qualquer*. E está acostumada a ouvir essas coisas, não?

Minha Lucy abaixa a cabeça.

— Não é, Allana? — Repete com um tom mais firme.

— Sim, claro. Eric tem razão, devo parar com essa timidez tola. — Levanta a cabeça e esboça um sorriso forçado.

— Boa garota! — Eric agarra seus cabelos e a beija com força.

Meu sangue ferve. Eu vou matar esse filho da puta!

Quando dou um passo em direção a eles para o empurrar para longe dela, ele à solta.

— Quero te comer agora! Vamos! — Diz a puxando para mais junto de si.

— Mas, eu não terminei aqui... — Ela gesticula para o bar.

— Não esqueça, Allana. Eu te comprei! Não me interessa se ainda não conseguiu todas as gorjetas que gostaria, quero te comer agora!

— Perdão, me desculpe. Vamos, meu quarto já está pronto. — Ela passa seus olhos por mim mais uma vez.

O quê?!

Eles vão para um quarto?!

Esse porco não pode pôr as mãos nela!

Ele já colocou!

Por mais que minha mente tivesse razão, eu não podia deixar de tentar intervir nesta vez. Definitivamente não podia deixar ele a levar para um quarto e... não. Não mesmo!

Eu *precisava* ficar perto dela.

Eu *precisava* descobrir mais sobre ela.

Eu *precisava* mantê-la ao meu lado por mais tempo.

Foi então que eu tive uma ideia:

— Eric, seja lá o valor que tenha pago, eu dobro.

Ele me olha espantado.

— Qual é, Capitão? Tem várias outras por aqui! — Brinca.

— Eu quero ela! — Digo com mais firmeza.

— Mas...

Eu não costumava usar minha hierarquia para conseguir vantagem nas coisas, normalmente era bem tranquilo quanto a isso, mas aquele momento, eu faria qualquer coisa para tê-la perto de mim.

— Eu disse que quero ela! — Esbravejo.

Noto que ela se assusta com minha postura. Droga!

Perdão, meu anjo, não foi minha intenção!

— Mas...

— Posso fazer isso de um jeito simples; te pagando e finalizando o assunto. Ou posso usar do meu poder, você decide! — Digo o mais sério que posso.

Eric se afasta um pouco dela e assume uma postura mais submissa.

— Sim, senhor.

— Querida, mostre-me seu quarto. — Digo a olhando diretamente nos olhos.

Ela está claramente assustada.

Não precisa ficar com medo, nunca te machucaria, Lucy.

— Sim, senhor. Por aqui, por favor.

Capítulo 3.

Ando lentamente atrás de minha linda Lucy. Sinto-me flutuando, meu corpo já não parece estar ao meu domínio. Ele é totalmente dela. Obedece apenas a ela e somente ela. Eu sou completamente dela.

Lucy, meu amor!

Estou sonhando. Não há outra explicação, só posso estar sonhando.

Começo a observando atentamente, seu vestido vermelho é tão curto que deixa sua bunda quase à mostra, ela o puxa várias vezes na intenção de domá-lo, mas falha miseravelmente. Timidamente ela me olha sobre os ombros, seus lindos olhos verdes me mostram quão nervosa e apreensiva está.

Não, anjo!

Desejava de todo coração que ela soubesse que não iria fazer mal algum. Só queria ficar ao seu lado para poder decifrar este sonho maluco!

— Este é meu quarto. — Para diante de uma porta vermelha.

Não consigo tirar os olhos dela. Não consigo. Estou hipnotizado por aquela jovem à minha frente.

— Ok. — Sussurro. Ela abre a porta e eu continuo a seguindo.

O quarto não tem nada de muito especial, sua aparência é simples e surpreendentemente iluminada; uma cama de casal, uma tevê presa a parede vermelha, uma mesa com duas cadeiras, dois criados-mudos e uma poltrona, me parece bem limpo e organizado.

Como ainda não sou capaz de tirar os olhos dela por muito tempo, sigo-a atentamente, vejo quando se aproxima da parede próxima a cama e se recosta lá, abraçando o próprio corpo, de modo protetor.

Sento-me na cama em silêncio, apenas mantendo meus olhos fixos nela.

Sua expressão me mostra que está receosa com minha presença.

— Como é seu nome?

Eu havia escuto antes – Allana –, mas agora que estávamos a sós, precisava descobrir mais sobre quem, de fato, ela era.

— Allana, senhor. — Seus olhos se fixam nos próprios pés.

— Meu nome é Daniel, pode me chamar pelo nome, por favor.

Uma mecha de seu lindo cabelo se solta de trás da orelha, mas rapidamente ela o coloca em seu devido lugar, entrelaçando seu dedo indicador na mecha e a arrastando. Esse simples gesto me desperta: não era a maneira que minha Lucy costumava fazer.

Quem é você, querida?

Ela alisa os próprios braços como se estivesse com frio, mesmo o ambiente

estando quente o suficiente para descartarmos qualquer casaco. Sua língua umedece os lábios lentamente e seus pequenos ombros se elevam como se ela estivesse estremecendo.

— O que foi? — Pergunto de maneira gentil.

— Desculpa, senhor. — Diz assustada.

Ela começa a tirar o vestido rapidamente.

Não, meu anjo, não era há isso que estava me referindo!

— Espere. — Levanto a mão para a impedir.

— Estou indo muito rápido? — Parece constrangida.

Meu Deus, ela parece um bichinho indefeso.

Quem é você, meu anjo? Por que é tão parecida com o amor da minha vida?

— Desculpe, é que eu... — Ela se perde nas palavras.

Franzo a testa.

Quem é você?

O que está fazendo em um lugar como esse? Claramente ela não pertence aqui.

— L-Lu... Allana, venha até aqui, por favor. — Estendo a mão.

Ela se aproxima rapidamente, seguro minha respiração ao notar que estende sua mão para tocar a minha. Delicadamente seus dedos se deslizam pela palma de minha mão, até estarem presos aos meus, dou uma leve apertada, na intenção de nunca mais soltá-los.

Meu corpo se aquece imediatamente com o contato, me fazendo relaxar completamente. Uma paz domina minha alma. É como se após muito tempo, eu conseguisse respirar novamente.

E é maravilhosa a sensação!

Seu toque é uma paz bem-vinda, mas surpreendentemente, diferente do que imaginei. Por um segundo, acreditei que todas as minhas lembranças com Lucy fossem voltar como flashback, como em uma cena de filme, mas não, a paz que estava sentindo era maravilhosa, só que diferente de tudo que já havia sentido em minha vida.

Naquele momento eu tive a certeza: ela não era a Lucy!

Mas não quero que essa paz acabe, não quero!

Levo sua mão em direção aos meus lábios, roçando lentamente minha pele nos nós de seus dedos na tentativa de os aquecer, já que estavam completamente gelados.

— Sua mão está gelada.

— É, eu estou nervosa. — Confessa.

— Por quê?

— Porque sempre fico quando... quando vou me deitar com alguém.

Você realmente não pertence a nada disso, posso sentir.

Por que está aqui, meu anjo? Como chegou aqui?

Meu Deus, quero a encher de perguntas!

Calma, Daniel! Não vá assustar a garota!

Ela deixa seu olhar cair, fazendo os longos cílios moldarem seus lindos olhos de um jeito encantador.

— Fique tranquila, não quero fazer sexo com você.

Eu seria hipócrita em dizer que sua aparência não estava me deixando, no mínimo, tentado em descobrir se seria igual era com minha Lucy. Mas essa, doce, frágil e linda garota, não era ela. Por mais parecida que fosse, não era. E eu, estava interessado demais em decifrá-la, para querer apenas sexo.

— Não? — Seus magníficos olhos se enchem de lágrimas.

Oh, não! Meu anjo, não chore!

— Não. — Suspiro na pele de sua mão.

Não consigo evitar, levo minha mão que está livre até seus cabelos e o toco com todo cuidado do mundo.

Não vou te fazer mal, pequena. Eu juro que não.

— Ah. — Ela respira aliviada.

Abandonando seus cabelos, deslizo o dorso de meus dedos na sua maçã avermelhada de seu lindo e familiar rosto. Sua pele é macia como seda, mas totalmente diferente do que imaginei que seria. Tocá-la era como tocar o desconhecido, mas de um jeito estranhamente bom.

— Você trabalha aqui há muito tempo?

Preciso saber quem é você, Allana.

Preciso saber por que é tão parecida com minha Lucy.

— Um mês e meio. — Sua voz é fraca e tímida.

— Você é de Wiesbaden mesmo?

— Prefiro não falar, senhor.

— Não tem família?

Ela me olha desconfiada.

— Desculpe, mas é que quero entender, como uma jovem como você, veio parar nesse lugar.

Ela se encolhe o máximo que é possível e me olha sob aqueles cílios enormes.

— Desculpe, mas não quero falar da minha vida.

Daniel, vá com calma!

Preciso ganhar sua confiança primeiro, para obter as respostas que quero.

Tento mudar de assunto.

— Me perdoe, não quis ser intrometido. Está com fome?

Ela me olha com os olhos arregalados e brilhantes.

— Sim, não comi nada ainda.

— Ok, vou ligar pedindo algo para comermos.

— Obrigada.

Não há muitas opções, então opto pelo que será mais rápido, já que ela está com bastante fome. Peço dois sanduíches e refrigerantes, acho que ela irá gostar.

Não leva nem quinze minutos para nos trazerem.

Comemos em silêncio sentados à mesa, meus olhos só a abandona, quando realmente é necessário, pois estou completamente hipnotizado por ela. Estudo cada gesto que faz; o modo como mastiga, como toma seu refrigerante, a maneira como leva o guardanapo à boca com gentileza.

É, realmente, ela não é a Lucy!

De repente, ela rompe o silêncio:

— Posso te perguntar uma coisa, senhor?

— Pode, mas, por favor, me chame de Daniel.

— Ok. — Ela sorri. — Daniel, se não quer... sabe, sexo? Então por que pagou para ficar comigo?

Porque quero muito descobrir mais sobre você!

— Porque você me lembra muito alguém que conheci. Quando te vi, pensei até que fosse ela.

— Uma ex-namorada? — Sorri.

— Noiva. Minha ex-noiva.

— Mm, terminaram?

— É uma longa história.

— Desculpe me intrometer.

— Não se preocupe. Mas, diga-me, por que este trabalho?

— Foi o único que consegui. — Seus ombros caem.

— Você é jovem, com certeza conseguiria qualquer outra coisa.

— Não é tão simples.

Como assim?

— Eles, os homens, te tratam muito mal?

— É bem relativo, alguns me respeitam, já outros...

— Como por exemplo?

— Sempre peço para que não me beijem na boca. Todos até o momento tinham respeitado isso, mas o seu amigo, Eric. Bem, ele, ele não. Disse que estava me comprando por inteira, então tive que abrir uma exceção. — Sua voz é baixa e triste.

Tão triste que é de cortar o coração.

Eric, seu filho da puta!

Sem perceber, ela acaba bocejando e sua expressão de cansada me comove
— Tenho você até o amanhecer. Estou muito cansado, gostaria de dormir.
— Minto. — Tudo bem para você?
Seu olhar se ilumina de gratidão.
— Mas...
— Pode ficar com a cama, vou ficar ali no sofá.
— Você pode dormir na cama comigo, prometo não me mexer muito. —
Seus olhinhos de menina me deixam encantado.
Ah, pequenina!
Obrigado, mas não pretendo dormir, quero passar a noite toda te olhando.
— Tudo bem, vou ficar bem no sofá.
— Sério, nem sei como te agradecer. — Ela se levanta rapidamente puxando os lençóis da cama e se deitando sob eles.
— Boa noite, Allana.
— Boa noite, Daniel.
Sento-me no sofá e fico admirando seu rosto tão familiar. Não me lembro que horas exatamente consegui dormir, mas a última vez que vi, passava das quatro da manhã.
Sou despertado por um toque gentil e delicado em meu rosto.
— Senhor, já são sete e meia.
Que voz mais doce e linda!
— Amor. — Beijo sua mão próxima ao meu rosto.
— Desculpe, você estava sonhando, eu acho.
A primeira coisa que vejo ao abrir os olhos é aquele rosto lindo e encantador. Meu Deus, fazia muito tempo que eu não acordava sob aquele olhar que sempre amei.
Lembre-se, Daniel: ela não é a Lucy!
— É, acho que sim. — Espreguiço-me. — Bom dia, Allana.
— Bom dia, senhor.
— Daniel, por favor, me chame pelo nome.
— Está bem, dormiu bem?
— Sim e você?
Levanto-me, em um impulso involuntário, me aproximo dela e lhe dou um beijo carinhoso na testa.
— Muito bem.
Vejo suas maçãs ficarem ainda mais vermelhas com meu gesto.
— Desculpe, foi involuntário. — Digo.
— Tudo bem.
— Tem tempo para tomar o café da manhã comigo?

Ela olha para o relógio e pensa sobre o assunto.

— Se não levar muito tempo, eu iria adorar.

— Ok!

Pedimos o café da manhã e o tomamos, enquanto eu continuava a observar.

— Como chama a pessoa que toma conta daqui? — Questiono.

— Jorge. — Diz com a voz tensa.

— Preciso falar com ele antes de ir.

Ela se espanta.

— Vai reclamar por não termos feito sexo?

— Calma. — Seguro sua mão com gentileza sobre a mesa.

Nossa, como o contato de sua pele me causava uma paz sem fim.

— Não vou contar nada para ele, o que fazemos no quarto não é da conta de ninguém. Na verdade, quero ir falar com ele, porque quero lhe oferecer uma boa quantia para que você não fique com mais ninguém além de mim, quero exclusividade total.

Ela me olha espantada, parece não processar minhas palavras.

Fico apreensivo.

— O que foi? Não gostaria disso?

— Não, não é isso.

— Então?

— Eu não tenho como ser mais grata por tudo que fez por mim. Sério, você não tem noção, o quanto significou para mim não ter que passar a noite com o Eric, além de ter uma refeição decente e uma longa noite de sono. Você em poucas horas fez mais por mim do que... enfim, sou muito grata. Mas não entendo. Está pretendendo pagar para que ninguém mais me use... e você também não me usou noite passada. Então, por quê? Por que está fazendo isso?

— Porque você me lembra muito alguém que eu amei imensamente. Sem falar que ontem, ao te ver com o Eric, pude notar o quanto precisava de ajuda. Sei lá, acho que, ao ajudar você, eu terei um pouco de paz de espírito.

— Eu nem sei como agradecer...

— Acredite, te ajudar, me fará mais bem, do que a você.

— Obrigada, Daniel.

— Por nada, anjo.

Ficamos alguns segundos apenas nos olhando e deslizando nossos dedos uns nos outros.

— Preciso ir, tenho coisas a fazer. — Me olha.

— Ok, mas a noite vejo você. Tudo bem?

— Sim. — Sorri com doçura. — Estarei aqui te esperando.

— Estarei ansioso por isso!

Sinto vontade de me oferecer para a levar até em casa, mas não queria a assustar, conseguiria sua confiança e então descobriria, o porquê de ser tão parecida com a minha Lucy.

Capítulo 4.

Antes de ir embora fui à procura do tal Jorge. Seu humor logo se ilumina quando me apresento como Capitão Collins, normalmente não uso de minha hierarquia para ganhar vantagens, mas se ela fosse me ajudar com Allana, não hesitaria nenhum momento em usá-la.

O homem de aparência nojenta e sebosa me olha com curiosidade.

— Em que posso ajudar, Capitão? Sua noite foi prazerosa? — Pergunta com seu inglês ruim.

Fico enojado só de pensar que a doce Allana, tem que interagir com esse nojo de ser humano.

— Foi, obrigado. — Não estava mentindo, realmente havia sido prazerosa. — Quero oferecer uma boa quantia em dinheiro para que você deixe a jovem Allana exclusivamente para mim. Não quero nenhum outro homem se aproximando dela. Apenas eu.

Ele se remexe na cadeira parecendo nervoso.

— Desculpe, Capitão. Isso não será possível.

— Posso saber por quê?

— O sargento Eric já pagou por um mês com ela.

Filho da puta!

— Acho que você pode resolver esse pequeno detalhe. Dinheiro não será problema, é só dizer seu preço.

— Capitão... Allana é nova aqui, isso quer dizer que pagam caro por ela, talvez o senhor prefira outra...

— Não me interessa o preço, eu quero ela!

— Mas...

— Jorge. É Jorge, né? — Ando por sua sala observando os detalhes. — Não iria querer alguém como eu, como seu inimigo, não é?

Noto que ele engole seco.

— Não, senhor!

— Então acho que podemos entrar em um acordo.

Após discutirmos aos valores, fico aliviado em saber que terei Allana pelo menos por um mês, quando o mês estivesse acabando, voltaria aqui para brigar por mais, até ver de fato, onde tudo isso dará.

Antes de ir embora, tento arrancar algumas informações pessoais sobre Allana, talvez se conseguisse um documento, ou qualquer outra coisa, poderia começar uma investigação particular. Porém, para meu azar, aquele lugar era completamente clandestino, obviamente ele não tinha nada de concreto sobre

ela.

Merda!

Quando desço do táxi, encontro Eric e outros homens em frente ao quartel, estão rindo e conversando. Ao notar que estou me aproximando, Eric vem em minha direção rindo de maneira debochada.

— Fodeu muito aquela gostosa ontem à noite?

Quero socar sua cara!

O jeito que se refere a ela faz meu sangue ferver, mas me contenho, preciso manter a postura.

— Respeito, Sargento! É melhor moderar as palavras antes que eu o puna.

— Aproximo-me ainda mais dele, quero que minhas palavras fiquem bem claras.

— Sobre Allana, quero que me faça o grande favor de nunca mais se referir a ela desta forma chula e desrespeitosa, entendido?

Ele fica sério, vejo que está com raiva, mas sabe que infelizmente, para ele, tem que me respeitar.

— Sim, senhor.

— Ótimo!

Será que tudo não havia passado de um sonho?

Será que imaginei toda aquela semelhança?

Não. Não havia sido um sonho. Eu ainda conseguia me lembrar da sua pele na minha, de seus lindos dedos entrelaçados aos meus. Ainda conseguia me lembrar da incrível paz que senti com seu contato. Uma sensação tão diferente e nova, mas que eu gostaria que se repetisse para sempre.

Por quê, Allana? Por que você é tão parecida com o amor da minha vida?

Aliso meu rosto tentando clarear as ideias, estava claro que ela havia virado minha obsessão, mas tinha que tomar cuidado, não podia deixar a semelhança das duas me dominar por completo, não podia mesmo. Teria que lutar com todas as forças contra isso, pois Lucy, eu conhecia a vida toda, sabia como era, sabia de sua essência e caráter. Já Allana, era alguém novo. Alguém que por mais que tenha me passado uma sensação boa, ainda assim, era totalmente desconhecida.

Passei o dia todo tentando me enganar, fingindo que não estava contando os minutos para vê-la, quando na verdade, eu não parava de olhar para o relógio, praticamente, implorando para que os ponteiros rodassem o mais rápido possível.

A cada hora que se passava, meu coração ia se acelerando cada vez mais.

Quando chego no bordel, sou informado que Allana está me esperando em seu quarto. Gosto de saber disso, significa que Jorge cumpriu o prometido e que ela só terá contato comigo e mais ninguém.

Bato na porta de maneira ansiosa por duas vezes. Meu coração está pulsando tanto, que tenho a impressão que se alguém passar ao meu lado é capaz de ouvi-lo. Após alguns segundos, sou recompensado com a linda visão de Allana usando uma camisola branca, qual desenhava seu corpo perfeitamente, me deixando encantado com sua beleza e delicadeza.

Não consigo evitar, eu tento, mas realmente não consigo, levo o dorso de minha mão até seu rosto e o acaricio com ternura, no começo a sinto tensa, mas ao perceber que apenas quero fazer um carinho terno, ela relaxa e fecha os olhos curtindo o contato.

— Você está linda. — Digo a admirando.

Que sensação nova e incrível é sentir sua pele. Uma sensação tão maravilhosa que me faz querer tocá-la para sempre.

Ela me olha com aqueles lindos olhos verdes, enquanto seu sorriso encantador surge timidamente.

— Obrigada, senhor.

Seu sotaque é tão forte, mas eu o acho incrível!

— Daniel, pequena. Daniel. — Deslizo o dorso de meus dedos em seus lábios suavemente.

— Perdão, Daniel. Jorge insistiu que eu te esperasse assim, queria que eu estivesse *pronta* para você. — Soa ansiosa.

— Entendi.

Dou um passo à frente e ela libera espaço para que eu pudesse entrar no quarto.

Ela permanece recostada à porta fechada atrás de nós.

Linda. Perfeita. Maravilhosa.

Por favor, Daniel! Pare de a olhar como um louco e foque em outra coisa!

— Já jantou?

Ela faz que não.

— Está com fome?

— Sim. Eu ainda não comi.

— Pois então, peça o que quiser. Peça o mesmo para mim, jantaremos.

— Está bem!

O sorriso que ela me oferece é capaz de iluminar a cidade toda. Isso faz com que meu coração se acenda completamente.

Ah, garota, como você é encantadora!

Como uma garotinha de cinco anos, ela corre em direção a cama e se joga sobre as colchas pegando o telefone sobre o criado-mudo. Sento-me na poltrona ao lado da cama, cruço as pernas e apoio meus cotovelos nos braços da poltrona, apoiando meu queixo sobre os dedos cruzados à minha frente, fico ali observando aquela linda garota.

Ela faz o pedido em alemão, o que me deixa totalmente no escuro.

— O que pediu? — Questiono quando ela finaliza a ligação.

— Dois filés ao ponto, batatas, pães e vinho para acompanhar. Pode ser, né?

Seus olhinhos estão brilhando tanto que não consigo fazer outra coisa a não ser sorrir.

— O que você quiser, Allana.

Ela sorri sentando-se aos pés da cama ficando frente a frente comigo.

— Obrigada.

— Não por isso. Então, como foi seu dia?

— Foi cansativo. — Expira longamente. — Mas foi muito bom e o seu?

— Cansativo também, estou morto de cansaço.

E não parei de pensar em você; em como está me deixando intrigado.

— Deveria ter ido descansar então.

— Precisava te ver. — Digo com sinceridade.

Seu olhar se desfoca de mim, parece um pouco ansiosa.

— Mm, hoje você vai querer fazer alguma coisa?

— Sim.

Ela concorda com a cabeça, enquanto parece distante.

— Quero conversar com você. — Esclareço rapidamente.

Seus olhos rapidamente procuram pelos meus.

— Isso nós já estamos fazendo. — Sorri timidamente.

Inclino-me em sua direção.

— Sim, mas quero saber mais sobre você.

Ela parece mais perdida agora, do que há pouco, quando achou que eu fosse querer sexo.

— Que foi, pequena? — Toco seus cabelos com cuidado.

— Você está sendo muito... incrível. Sou muito grata, de verdade, mas... eu não quero... — Se cala, como se estivesse com receio de me irritar.

— Não quer falar da sua vida, é isso?

Ela concorda com a cabeça.

Você não espera que a garota vá se abrir assim tão rápido, né?

— Eu te entendo, meu anjo. Sou um completo estranho, eu entendo.

— Desculpe.

— Tudo bem. Estava pensando, e se usarmos estas noites que virão para nos conhecermos melhor?

— É, pode ser. — Não sinto convicção em suas palavras.

De repente ela me olha com curiosidade.

— O que foi?

— Nada, só que... você é muito bonito. Seus olhos azuis são incríveis.

— Obrigado. — Sorrio.

— Você disse que está cansado, né?

— Sim, estou.

— Quando era pequena, minha mãe passava o dia todo andando enquanto vendia seus doces, então sempre quando chegava em casa, eu fazia massagem em seus pés, ela elogiava bastante. Posso fazer em você! — Anima-se. — Claro, se quiser.

— Quer fazer massagem nos meus pés? — Rio.

— Sim! Você está me ajudando e eu quero retribuir de algum modo, nem que for com massagens!

Isso significa ter suas mãos me tocando e aquela paz me envolvendo.

Sim! Sim! Sim! Mil vezes sim!

— Está bem, aceito.

Ela rapidamente se ajoelha à minha frente e tira meus sapatos com agilidade, em questões de segundos se livra de minhas meias e coloca meus pés sobre suas coxas. Suas mãos são tão pequenininhas e delicadas, que parece ser impossível surgir alguma força dali, porém ela me surpreende, mesmo pequena, consegue por uma força incrível na massagem.

Devo admitir que sua massagem era maravilhosa!

— Nossa, que delícia!

Inclino minha cabeça para trás na poltrona e relaxo completamente.

— Só não vá dormir antes de jantarmos. — Provoca.

— Claro que não, Lucy. — Rio.

De repente ela para a massagem.

Levanto à cabeça para a observar.

— O que houve?

— Hã, nada, desculpe.

Retoma a massagem e eu volto a me recostar na poltrona.

Ficamos alguns minutos em silêncio.

— Posso te perguntar uma coisa? — Sua voz é cautelosa.

— Sim. — Sussurro sonolento.

— Lucy era sua noiva?

Rapidamente me desperto a olhando.

Como ela sabe esse nome?

— Era. Como sabe?

— Você me chamou pelo nome dela.

Quando? Ontem?

— Sério? Perdão. Não quis...

— Tudo bem, Daniel. — Um sorriso delicado surge em seus lábios. — Você deve amar muito ela.

Fico em silêncio. Não consigo responder.

— Espero que ela saiba a sorte que tem por ter você. — Seus olhos encontram os meus.

— Sim, eu a amo muito. Quero acreditar que ela saiba o quanto eu a amo.

— Seja lá o porquê de terem terminado, espero que vocês voltem logo. Você é uma pessoa boa, Daniel. — Volta sua atenção à massagem.

Toc! Toc!

— Comida! — Se anima correndo até a porta.

Após Allana lavar as mãos, nos sentamos à mesa e começamos a comer enquanto conversávamos sobre assuntos aleatórios, era muito fácil de conversar com ela, seu humor era leve e devo admitir, estava completamente impressionado com o quanto era inteligente. Seu modo de ver algumas coisas tão simples, me deixavam espantado.

Sério, eu poderia me acostumar facilmente em jantar com ela todas as noites, sua presença sem dúvida alguma estava me fazendo muito bem.

— Mm, estava tão gostoso! — Ela se delícia tomando um pouco mais de seu vinho.

— Você tem algum apelido? — Questiono dando minha última garfada.

— Tenho. Minha mãe sempre me chamava de Lana.

— Posso te chamar assim?

Ela sorri maravilhosamente.

— Sim, claro. Eu posso te chamar de Dan?

Lucy me chamava assim, e ouvir Lana pronunciar meu apelido, me fez sentir um calafrio.

— Pode.

— Perfeito!

— Lana, se importa se eu perguntar algo? — Bebo um pouco do meu vinho.

Ela me olha atentamente, parece me estudar.

— Acho que não, o quê?

— Você sempre morou aqui?

— Não, eu morava em Munique.

— E por que veio para cá?

Rapidamente sua postura muda, ela se encolhe na cadeira e sua voz é só um sussurro.

— Dan, por favor, eu não quero falar sobre isso.

A respeite, Daniel!

— Ok, sobre o que quer falar?

— Qual cidade você vivia nos Estados Unidos? — Seus olhinhos brilharam. Ela quer falar sobre mim. Ok, meu anjo, falaremos. Quero que confie em mim, pequena, só quero a entender, só isso.

— Los Angeles.

— Nossa, é tão lindo quanto dizem?

— É sim, é bem lindo lá.

— Mm, meu sonho é conhecer New York!

— É bem incrível mesmo. Nunca foi para os Estados Unidos?

— Não, nunca saí da Alemanha.

— Espero que um dia conheça, meu país é incrível.

— Imagino. Espero um dia conhecer vários lugares. Espero um dia ter uma vida nova! — Respira fundo.

Estendo minha mão e toco seu rosto com carinho.

— Você terá.

Ela fecha os olhos e parece aproveitar meu contato.

— Obrigada pelo jantar.

— Por nada, pequena.

— Está com sono?

— Estou e você?

— Sim.

— Ótimo, vamos dormir?

— Sim, mas desta vez, durma na cama!

— Não se preocupe, me dei bem com o sofá.

— Dan, por favor, sei que não irá me tocar. É o mínimo que posso fazer, prometo não me mexer muito.

— Está bem, mas você se importa se eu dormir apenas de cueca? É que eu odeio dormir de roupas! — Resmungo.

Ela me olha por alguns segundos, até que finalmente responde:

— Não.

— Ótimo. — Me levanto.

Quando começo a tirar minhas roupas, sinto seu olhar em minha pele a queimando completamente, sem poder evitar acaba me excitando.

Merda, Daniel! Você tem que se controlar!

Rapidamente puxo as colchas e me enfio sob elas, não leva muito tempo para Lana fazer o mesmo. Nos deitados um de frente para o outro, enquanto nossos olhares se estudavam atenciosamente nos mergulhando em um silêncio maravilhoso. Não sei por quanto tempo permanecemos naquela posição, mas era maravilhoso sentir minha pele queimar sob aquele incrível olhar.

Ela umedece os lábios lentamente e quebra o silêncio:

— Posso te confessar uma coisa?

— Claro.

— Você é o homem mais bonito com quem eu *fiquei* aqui. O que me deixa confusa, sabe?

— O que te deixa confusa? — Sorrio.

— Você não é o tipo de homem que precisa pagar para ter sexo. É lindo, educado, encantador e muito gentil. Não tem nada a ver com este ambiente. Então, o que faz aqui?

Queria confessar a ela que nunca tinha vindo a um lugar como esse e que nunca transei com outra mulher sem ser minha noiva. Mas, de repente, me senti inseguro de confessar essas coisas.

E se ela me achar um idiota?

— Na verdade, não frequento esse tipo de lugar, só vim aqui por coincidência. — Limito-me a dizer.

— Ah, entendi, explica muita coisa. — Fecha os olhos.

Levo minhas mãos até seus cabelos fazendo um carinho suave.

— Boa noite, Lana.

— Boa noite, Dan.

Capítulo 5.

Estou tremendo!

Apesar de estarmos a caminho da primavera, o tempo ainda estava bem frio, a Alemanha não brincava mesmo quando o assunto era esse. Aliso uma mão na outra na intenção de me aquecer um pouco, mas, de repente, todo meu corpo parece ser tomado por um calor surreal e maravilhoso, quando a porta se abre e vejo a linda visão de Lana. Imediatamente um sorriso idiota surge em meu rosto e o que mais quero é poder acariciar seu rosto do mesmo jeito que vinha fazendo nas últimas noites.

Ela está linda como sempre, esta noite sua camisola é longa e vermelha, junto de seu robe do mesmo tom e tecido. Seus lindos olhos se arregalam ao me ver, suas mãozinhas literalmente agarram meus braços e me puxam para dentro com força, fazendo-me rir do seu jeito.

— Está um gelo no corredor, venha! — Fecha a porta atrás de nós. — Vem cá. — Guia-me até o centro do quarto e começa a esfregar meus braços até que sinto o calor do ambiente – ou ela, não sei dizer – me invadir.

— Nossa, o que houve com esta noite que está congelando? — Resmungo.

— Logo se vê que não pegou realmente os dias frios daqui. — Sorri de maneira doce.

— É, acho que não mesmo.

— Espere para ver realmente o inverno, nossa, para sair de casa é uma luta.

— Posso imaginar. — Sorrio como bobo a vendo me aquecer como pode com suas mãozinhas.

— Está melhor?

— Estou sim, pequena.

Ela sorri satisfeita e me olha sob aqueles cílios longos.

— Tenho uma surpresa para você! — Se anima.

— Sério? O quê?

Ela corre até um dos criados-mudos e pega da gaveta um potinho vermelho.

— Espero que goste, é simples, mas fiz com carinho. — Me entrega com entusiasmo.

Com curiosidade o abro, o cheiro me domina rapidamente.

Mm, laranja...

É um bolo simples de laranja com uma aparência muito apetitosa.

— Eu estava fazendo hoje, então pensei em você e achei que pudesse gostar. — Encolhe os ombrinhos timidamente.

— Sério, eu amei, amo muito bolos simples e fresquinhos assim! Muito

obrigado, de verdade. — Gentilmente levo minha mão até seu rosto e o toco fazendo um carinho calmo, seus olhinhos se fecham e ela parece muito satisfeita com sua atitude.

Lentamente ela volta a abrir seus olhos, me olhando com doçura ao deslizar seus lábios na palma de minha mão, fazendo uma corrente de energia partir daquele toque para todo meu corpo.

Uau!

— Leve, assim poderá comer amanhã.

— Não prefere que comemos juntos aqui?

— Não. Eu prefiro que coma amanhã lá no quartel, sei lá, talvez assim possa se lembrar um pouco de mim.

De repente ela me olha ansiosa, como se tivesse se arrependido do que havia falado.

— Obrigado novamente, mas honestamente? Não preciso do bolo para me lembrar de você a todo momento.

Você está me acompanhando desde o dia que te conheci, meu anjo.

Suas maçãs ficam extremamente vermelhas, porém seus olhos brilham denunciando que ela havia amado meu comentário.

— Dan, espero que não se importe, mas eu já pedi nosso jantar.

— Perfeito, podemos jantar e depois ver um filme.

— Sim, por favor! — Sorri empolgada.

Jantamos enquanto eu a contava como havia sido meu dia, isso já havia virado uma rotina. Adorava imensamente o fato de ela realmente se interessar em me ouvir, não parecia fazer aquilo apenas por uma *obrigação*, a forma como ela questionava minhas decisões e dava seu ponto de vista sobre várias coisas, me deixava encantado. Era muito bom saber que tinha alguém realmente interessado em me ouvir e ajudar.

Ela me encara satisfeita com o jantar que havíamos acabado de ter.

— Gostou do peixe?

— Amei, pequena. Muito boa a escolha.

— Por um momento fiquei receosa, talvez você não gostasse de peixe.

— Amo.

— Uma massagem nos pés para relaxar?

— Não. — Seguro sua mão sobre a mesa. — Por mais tentador que seja, quero apenas me deitar na cama e ver um filme junto de você, pode ser?

Ficamos alguns segundos apenas nos olhando. Seu olhar era tão intenso, que fazia minha pele queimar e ansiar por mais.

— Sim, pode. — Ela se levanta sem soltar minha mão.

Fico sem reação a vendo tão perto, permaneço sentado estudando seus

movimentos, ela dá um passo para perto da cama me puxando junto, porém, sem percebermos, eu estava pisando na ponta de seu robe e com seu andar, um solavanco faz com que seu corpo caía sobre mim, rapidamente a amparo e a sento sobre meu colo, para que não bata suas costas na quina da mesa.

— Você se machucou? — Pergunto estudando seu rosto e corpo.

— Não, eu estou bem. — Sua voz é baixa e sua respiração está entrecortada.

Meus braços estão em volta de sua cintura, sinto seus seios esmagados contra meu peito, suas mãos estão segurando meus ombros com força, enquanto seu rosto está a pouquíssimos centímetros do meu. Seu cheiro é tão incrível e único. Um perfume que antes de conhecê-la, eu nunca havia sentido, mas que agora, estava completamente viciado e familiarizado.

Quero afundar meu nariz em sua pele, pequena!

Não resisto a tentação, inclino meu rosto em sua direção e deslizo a ponta de meu nariz por toda a extensão de sua mandíbula, fazendo com que ela penda um pouco a cabeça para trás aproveitando meu contato. Sinto suas mãos apertarem ainda mais meus ombros conforme vou me aproximando de sua orelha, deslizo a ponta de meu nariz no lóbulo de sua orelha e continuo o trajeto até descer para o osso de sua clavícula e encaixar meu rosto na curva delicada de seu pescoço, inspiro profundamente seu cheiro maravilhoso, me embebedando completamente dele.

— Ah! — Um gemido delicioso escapa de seus lábios.

Espalmo uma de minhas mãos sobre suas costas, a forçando ficar ainda mais presa a mim, enquanto escorrego a outra mão por toda a lateral de seu corpo, parando espalmada em sua coxa, ainda sobre o tecido do robe.

Suas mãos se deslizam até seus dedos se enterrarem em meus cabelos, lentamente sinto suas unhas roçarem meu coro cabeludo de uma maneira incrivelmente prazerosa. Fecho os olhos e solto um gemido contra a pele sensível de seu pescoço, ao sentir meu hálito quente, seu corpo estremece completamente, fazendo um gemido mais salto sair de seus lábios.

— Dan...

Sua voz me faz a olhar, seus olhos tem o poder de me dominar e consumir completamente.

— Lana, você me encanta a cada segundo. — Subo minha mão das suas costas até sua nuca, fazendo com que ela ficasse parada a minha mercê.

Lentamente vou trilhando um caminho de beijos molhados, passando pelo osso de sua clavícula, subindo por toda a extensão de seu pescoço, indo para o queixo, onde fiz questão de dar uma leve mordiscada e finalmente chegando ao meu grande objetivo: seus lábios. Beijo o canto de sua boca lentamente,

saboreando aquele breve contato.

Quando sinto que ela vai falar algo, um toque de celular ecoa pelo quarto. Não é o meu, então ignoro, aperto ainda mais Lana contra meu corpo, não quero que este momento acabe nunca mais. Quase enlouqueço quando ela geme sobre meus lábios, estou prestes a roubar seus lábios para mim, mas o celular não para, quem quer que seja, está mesmo querendo ser atendido.

— Dan, espere! — Ela me empurra gentilmente. — É meu celular, preciso atender, por favor.

O quê?!

Pisco algumas vezes sem entender.

— Por favor, preciso mesmo. — Implora.

— Ok, pode atender. — Digo ainda sentindo o desejo queimar em minha pele.

— Obrigada! — Ela corre para atender.

Quando se afasta de mim, sinto um vazio estranho, como se só o fato de ela não estar nos meus braços fosse muito errado!

Fico a observando falar ao telefone, ela fala em alemão, não entendo nada do que diz, mas pelo seu tom e sua expressão, eu sei que deve ser algum problema, já que seu lindo rosto se entristece. Quando finalmente se despedi no telefone, seus olhos estão fixos aos meus, sinto minha curiosidade aflorar, quero saber com quem ela estava falando.

Não consigo segurar nem por dois segundos minha curiosidade:

— Algum problema?

— Na verdade, sim.

— Algo que eu possa ajudar? — Levanto-me indo para perto dela.

— Sim, você pode.

— Diga, eu faço.

— Preciso que me libere esta noite.

O quê? Não, não Lana! Eu esperei o dia todo para te ver!

— Mas... eu... o que houve?

Ela parece ansiosa e muito nervosa.

— É pessoal, por favor. Eu sei quão maravilhoso você vem sendo para mim, sou eternamente grata, mas se puder me liberar esta noite... realmente preciso ir para à minha casa!

Sinto um aperto no peito, não quero dormir longe dela.

Ela está implorando, Daniel!

— Se puder me dizer o que é, talvez eu possa ajudar...

— Agradeço, mas é algo que *eu* tenho que resolver.

— Ok. Pode ir, Lana. Tudo bem.

Não, não está tudo bem! Não quero que vá para longe de mim!

— Jura? — Olha-me ansiosa.

— Sim, se é tão importante para você, pode ir.

— É. Acredite em mim, é realmente importante! — Abraça-me forte.

— Só tome cuidado, ok?

— Pode deixar. Prometo que amanhã estarei aqui!

— Esperarei ansioso por isso.

— Obrigada, Dan. Muito obrigada! — Ela me solta e rapidamente saí do quarto, carregando apenas o celular em suas mãos, deixando-me ali, sozinho.

Depois de dias dormindo bem e incrivelmente feliz ao lado de Lana, esta noite estava sendo horrível. Eu havia voltado para o quartel e já fazia mais de três horas que estava em minha cama, mas não conseguia dormir, não sentia nenhum pinga de sono e minha cama parecia horrível, tudo nela era errado; colchão errado; travesseiro errado; cheiro errado; calor errado.

Queria o calor do corpo de Lana próximo ao meu corpo!

Eu queria estar dormindo no bordel, com o corpo da Lana próximo ao meu e seu perfume me dominando toda vez que se mexesse ao meu lado. Queria ter ela ao meu lado e poder tocar seu lindo rosto, deslizar meus lábios por seu pescoço como há poucas horas, poder ouvir seus gemidos e a maneira sexy como chamava meu nome.

Lana, preciso de você para dormir em paz!

Capítulo 6.

Bati ansiosamente na porta, estava com receio de que ela não fosse estar ali, de que seu problema não tivesse se resolvido e que tivesse que passar mais noites longe de mim. Honestamente, não sabia dizer se iria conseguir dormir mais uma noite longe daquela paz maravilhosa que era ter ela ao meu lado.

Meu coração estava quase saindo pela boca por conta da expectativa, mas quando ela abriu a porta, recompensando toda minha ansiedade com aquele maravilhoso sorriso, tudo parecia certo novamente.

— Oi!

Desta vez não esperei ela me cumprimentar, avancei para dentro do quarto e abracei sua cintura com força, levantando-a do chão e enterrando meu rosto na curva de seu pescoço, seus braços rapidamente envolveram meu pescoço e suas pernas envolveram meus quadris.

— Oi. — Escutei seu gemido fraco, quando meus lábios tomaram a carne suave e frágil de seu pescoço.

— Tudo bem... — Subi meus lábios para sua mandíbula. — Com seu... — Segui até sua orelha, mordendo o lóbulo suavemente. — Problema? — Sussurrei em seu ouvido.

— Tudo. Já resolvi. — Ofega me abraçando ainda mais forte.

— Que bom, porque esta noite não pretendo dormir longe de você!

— Nem eu de você. — Confessou com a voz baixa.

— Oi, pequena. — A cumprimento procurando por seus olhos.

Ela sorri.

— Oi, Dan.

— Como foi sua noite?

— Longa... e a sua?

A minha também!

— A minha também, não dormi muito bem.

— Não dormi nada, fui cochilar agora a tarde.

— Mas conseguiu resolver seu problema mesmo?

— Sim, obrigada por me entender. Sério, foi muito gentil da sua parte. — Desliza seus dedos em meu rosto.

— Não foi nada, pequena. — Sussurro sentindo sua carícia.

— Mesmo assim, obrigada. — Desliza seus lábios sobre minha bochecha.

Seu olhar me transmite ternura e desejo, mas, de repente, um pensamento horrível passa por minha mente: e se ela acabasse transando comigo por achar que é sua obrigação por eu estar pagando?

Não. Eu não quero que ela se entregue por esse motivo!

Não quero saber que por eu ter pago, ela se sentiu na obrigação de me devolver em forma de sexo!

Lentamente a coloco no chão e me afasto um pouco.

— Desculpe, me empolguei ao te ver. — Digo enquanto olho para a comida em cima da mesa.

— Ah, tudo bem, não se preocupe com isso. — Seu sorriso é fraco, mas vejo um brilho diferente passar por seus olhos.

— Que bom que já pediu nosso jantar, estou faminto.

— Que tal, se nós comermos na cama? Podíamos conversar enquanto comíamos.

— Ótima ideia! — Me empolgo.

Eu estava amando o fato que ela parecia mais receptiva as minhas perguntas e parecia muito curiosa também em conseguir suas próprias respostas. Seus olhos brilhavam toda vez que eu respondia algo que realmente a interessava.

— Meus pais morreram quando eu ainda era pequeno. — Digo.

— Como eles morreram? — Lana enfia mais uma garfada de macarrão em sua linda boca.

— Eles foram assassinados durante um assalto.

— Que horror, Dan!

— Pois é, mas meus avós maternos foram bons para mim.

— Eles moram nos Estados Unidos também?

— Moravam. Infelizmente, também os perdi há alguns anos.

— Sinto muito, de verdade. Sei como é difícil não ter uma família.

— É sim.

Só em pensar que estava prestes a ter uma nova família, uma família para chamar de minha com a mulher que sempre amei e, de repente, ela se foi também, deixando-me apenas com meus sonhos. A dor ainda existia, apesar de hoje, conseguir pensar do assunto sem me sentir sufocado.

— Minha mãe também morreu. — Confessa.

— Sinto muito, faz tempo?

— Eu tinha dezesseis anos.

— Nossa, e seu pai?

— Nunca o conheci. Figuras masculinas nunca tiveram uma boa reputação em minha vida. — Dá de ombros.

— Sinto muito. Quantos anos você tem?

— Vinte e Cinco Anos.

A mesma idade de Lucy!

— E você?

— Trinta anos. Lana, queria te fazer uma pergunta mais íntima.

Ela me olha receosa, mas acaba concordando.

— Ok, pode perguntar.

— Você trabalhava no mesmo ramo em Munique?

— Não, nunca trabalhei me prostituindo antes, é a primeira vez.

— Por que entrou nisso? Não vê que merece mais?

— Às vezes não temos escolhas. — Abaixa a cabeça.

— Todo mundo tem escolha, Lana.

— É complicado, Dan. Muito complicado.

— Pode me dizer. Pode se abrir comigo.

— Sabe, você se tornou uma das poucas coisas boas e fáceis na minha vida ultimamente, não quero corromper isso também. Quando estamos aqui trancados, por incrível que pareça, é o momento que mais me sinto livre e bem, por favor, não quero tocar nesse assunto.

— Ok. — Aliso seu rosto com carinho.

— Obrigada.

— Mas, prometa-me, que um dia vai se abrir comigo?

— Um dia te conto. E você também? Um dia vai me contar por que mesmo sendo totalmente apaixonado pela sua ex-noiva, não está com ela?

— Ok, um dia te conto.

— Terminou? — Pergunta olhando para meu prato.

— Sim.

— Que tal uma massagem?

— Sim, por favor!

— Vamos lá!

Em poucos segundos ela me arruma na cama e começa seu trabalho, senta aos pés da cama.

— Por muitas vezes hoje me peguei desejando sua massagem.

— Foi cansativo?

— Muito, você não faz ideia!

— Quer que eu massageie suas costas?

— Faria isso?

— Claro, só tire a camisa e vire de costas.

Faço o que me pede, fico apenas de calça jeans e me deito de costas. Ela se senta ao meu lado e começa a me massagear com suas mãos delicadas. Fecho meus olhos e gemo com a sensação maravilhosa que seu contato me causa.

Paz.

Ela se inclina para massagear meu ombro e seus cabelos se alisam em meu rosto fazendo seu cheiro me invadir por completo, uma coisa era muito intrigante, por mais idêntica que a Lana fosse de Lucy, o cheiro das duas eram completamente diferentes e não digo no quesito; fragrância de perfume. Mas sim, do cheiro da pele e dos cabelos. Não esqueceria o cheiro de Lucy jamais, porém o perfume de Lana era muito agradável, tão agradável que me fazia querer o sentir mais de perto.

— Já está dormindo? — Sussurra.

— Não, mas se continuar assim não duro muito. — Brinco e escuto sua risada.

— Pode dormir. — Alisa seus dedos em minha nuca.

— Mm, ok... — Murmuro sonolento.

Acordo sobressaltado no meio da noite com meu braço doendo, ao abrir os olhos, vejo Lana dormindo sobre ele como se fosse seu travesseiro, seu corpo está colado ao meu, suas pernas estão entrelaçadas as minhas e seu braço está sobre minha cintura. Afundo meu nariz em seus cabelos e me embebedo daquele cheiro novo e viciante, não ligo para a dor em meu braço, puxo seu corpo para mais junto do meu.

— Boa noite, Lana. — Beijo sua testa.

Ela resmunga algo em alemão, algo que não sou capaz de compreender. Beijo novamente sua testa e volto a dormir.

Hoje é feriado na cidade e todos nós estamos no centro ajudando na segurança do desfile, não que houvesse muitos problemas em um desfile, mas era bom para treinar os soldados. Estávamos desde cedo ajudando na organização e quando o desfile começou, nos dividimos para percorrer o centro, sempre atentos para que tudo ocorresse como o planejado. Parecia que a população toda tinha decidido participar da festa, havia muitas crianças fantasiadas e muitos vendedores ambulantes.

— Senhor, parece que alguns homens bêbados estão brigando perto do parquinho das crianças. — Um dos soldados me avisa.

— Vamos para lá!

Oriento uns cinco soldados para que me seguissem, vamos até o local da briga, ao chegarmos, rapidamente vejo uma moça com uma menininha em seu colo, há dois homens as cercando enquanto a moça tentava inutilmente se afastar deles.

O mais rápido que posso me aproximo para ver o que estava acontecendo.

— O que está acontecendo aqui?

Quando me viro para a jovem com a garotinha, fico momentaneamente sem reação. É Lana. Ela me olha assustada e com os olhos cheios de lágrimas, enquanto segura com força uma menininha de uns três aninhos entre seus braços.

Mas o que está acontecendo aqui?!

— Perguntei o que está acontecendo aqui? — Berro olhando diretamente para os bêbados.

Ao notar que pergunto em inglês, um dos sujeitos, começa a rir e responde em inglês.

— Conhecemos essa gostosa! Meu amigo aqui já comeu ela!

— Cala a boca! — Lana grita chorando, ao tampar os ouvidos da menininha.

— Não o reconhece? Já fodeu com tantos assim?! — Grita o bêbado.

Não aguento e viro um soco no rosto dele, soco que o faz cair.

— Soldados, levem esses dois agora mesmo! — Ordeno.

Quando me viro para Lana, ela está se afastando de todos o mais rápido que é capaz e mesmo sabendo que devia me manter na postura de Capitão, não me aguento, corro atrás dela.

— Lana, espere! — A alcanço.

— Dan, não! Deixe-me sair daqui, por favor! — Ela chora desesperadamente segurando a menininha que a olha de maneira assustada.

Não sei nem como explicar o que sinto a vendo tão frágil e indefesa assim, minha vontade é de pegar ela em meus braços e a proteger do mundo todo!

A garotinha vendo o sofrimento de Lana, passa seus bracinhos pelo pescoço dela e a abraça forte, como se quisesse a reconfortar, falando algumas palavras em alemão. Por mais que não entendesse o significado das palavras, deu para notar que ela queria que Lana se acalmasse.

— Oh, Nina! — Lana beija o rostinho da garotinha e a aperta ainda mais em seus braços.

— Mutter, weine nicht! — Murmura a pequenina tristonha.

Mutter? Essa palavra eu conhecia, significava mãe!

Lana tinha uma filha?

Observo que alguns curiosos ainda estão próximos de nós, então resolvo reagir:

— Lana, você tem carro?

Ela faz que não.

— Então, me deixe te levar para casa. Não está em condições de andar por aí, olhe como sua filha está assustada.

— Está bem. — Soluça.

Protegendo as duas dos curiosos, as guio até o carro que usei para vir ao

desfile, abro a porta e rapidamente Lana entra com sua pequena filha.

— Calma. — Seguro sua mão por um momento tentando passar confiança.

— Obrigada.

Mais calma, ela consegue me guiar pela cidade, até chegarmos à uma casa muito, muito simples.

— Pronto, estão seguras agora. — Sorrio abrindo a porta do carro.

— Quer entrar? — Pergunta timidamente.

— Se você não se importar, quero sim.

Ela apenas assente me mostrando o caminho; o lugar é muito humilde, não tem aquecimento e é completamente úmido, porém, apesar de ser humilde, é muito bem cuidado, se vê que Lana é muito caprichosa e limpa com suas coisas.

Lana me surpreende ao falar inglês com a pequenina enquanto a coloca sentada no sofá.

— Nina, fique quietinha aqui, que a mamãe vai preparar seu leite, está bem?

A menina herdou a beleza de Lana, seu rostinho é angelical, ainda mais com aquelas maçãs tão vermelhas e seus lindos olhos verdes, a única coisa que não havia herdado era a cor de seus cabelos, pois Nina era completamente loirinha.

— Está bem. — Concorde a pequenina em inglês, surpreendendo-me ainda mais.

Ela parece se entreter rapidamente na antiga tevê.

— Ela fala inglês? — Pergunto espantado.

— Aqui ensinamos desde cedo as duas línguas. — Responde sem dar muita importância enquanto caminha para a cozinha.

Sigo ela e a observo se apoiar na pia e começar a se desmanchar em lágrimas.

— Não chora, por favor! — A puxo para meus braços e faço com que ela se apoie contra meu peito.

— Nunca me senti tão humilhada, Dan! Eles falaram aquilo na presença da minha filha! Ela é só uma garotinha! — Chora de uma maneira desesperada e dolorosa.

— Eu farei eles pagarem por aquilo, juro por Deus!

— Sinto-me tão suja! Ele tinha razão! O filho da puta já transou comigo, sinto-me nojenta! — Seu ar falta.

Eu só quero fazer sua dor sumir!

— Ei! — Faço com que ela me olhe. — Você não é suja! Ok, eu concordo que sua profissão não é uma das melhores, mas você não está roubando e nem matando. Sou capaz de entender que acabou nessa vida mais pela sua filha do

que por você!

— Se fosse apenas eu, não me importaria de passar fome, mas Nina não tem culpa das coisas que me aconteceram. Ela é a pessoa mais importante da minha vida, ela é a minha vida, Dan! Eu faria e faço qualquer coisa por ela!

— Eu sei, pequena. Tudo bem, fica calma. — Encosto minha testa na dela.

— Ah, Dan... — Ela suspira alisando meu rosto.

— Estou aqui. Só tente ficar calma.

Quando finalmente ela se acalma, eu faço algumas ligações, dou um jeito daqueles desgraçados passarem alguns dias na cadeia. Além de dar uma ordem direta aos soldados presentes na ocasião: aquele assunto havia morrido! Se eu escutasse alguém fazendo piada sobre, seria expulso!

Espero pacientemente Lana cuidar de Nina, quando a menina já está tomada banho e alimentada, finalmente perde a briga contra o sono e adormece nos braços da mãe. Lentamente ela deita a pequenina em uma caminha velha, cercando-a de travesseiros e cobertores para que não passasse nenhum frio.

— Durante o dia você cuida dela? — Pergunto.

— Sim, durante a noite, a filha da vizinha fica com ela.

— Agora entendo quando diz que seu dia é cansativo. — Sorrio.

— É, é sempre cansativo, mas é a melhor sensação do mundo.

— Imagino. Ela é linda, Lana!

— É sim! — Diz orgulhosa.

— Ela se parece demais com você.

— Sim, só é loira como o pai dela.

— Cadê ele?

— Lembra quando disse que era complicado?

— Ele é a parte complicada da história?

— Sim, é uma história muito, muito delicada. Uma história que não quero contar agora, meu dia já foi uma merda!

— Sinto muito por isso, pequena. — Beijo sua testa enquanto a abraço forte.

— Não quero te atrapalhar. Você deveria estar trabalhando, não?

— É, eu deveria estar no desfile.

— Então vá, vamos ficar bem.

— Nos vemos a noite?

— Sim, estarei te esperando.

— Promete? — Deslizo meu nariz ao seu.

— Prometo. Estarei lá, esperando você. — Suspira beijando o canto de minha boca.

Ah, Lana!

— Está bem. Até à noite. — Volto a beijar sua testa.
— Até, Dan. — Acompanha-me até a porta.

Capítulo 7.

Estava quase na hora de me encontrar com Lana, me apresso indo rapidamente em direção ao meu carro, mas sou abordado por Eric e alguns soldados. Noto que estão arrumados e prestes a saírem também.

— Soube do que houve na praça, estavam incomodando uma civil? — Eric me olha curioso.

— É, dois bêbados idiotas.

— Os soldados reconheceram a jovem, disseram que era a Allana.

Aqueles filhos da puta linguarudos!

— Sim, era ela.

— Ela está bem?

Sinto uma raiva crescer dentro de mim, só de ouvir ele mencionar o nome dela!

Não fale dela!

— Está sim.

— Que bom. Olha, já que o *senhor* está a comendo este mês, diga a ela que mal posso esperar para o mês que vem chegar. — Ele ri com desdém.

Raiva.

Ódio.

Desprezo.

O modo como ele riu e pronunciou as palavras, me deixou enfurecido.

Se depender de mim, você nunca mais tocará em um fio de cabelo dela!

Aproximo-me bem de seu rosto e praticamente cuspo as palavras.

— Fique longe dela, *Sargento!*

— Não. O *senhor* não cometeu este erro?

Franzo a testa sem o entender.

— Do que está falando?

— Se apaixonou pela puta! — Gargalha sendo acompanhado pelos demais.

Não consigo me controlar, ele passou dos limites! Sem pensar duas vezes, viro um soco em seu rosto, fazendo-o cair no chão e levar a mão aos lábios, onde sangrava.

— Estou avisando, *Sargento!* Não se meta com a Allana, senão terá um problema seríssimo comigo! Acho que nem você e nem os demais *cavaleiros* aqui, irão querer isso, certo?

Eles se calam e eu fico satisfeito. Entro em meu carro batendo a porta.

Obviamente não estava apaixonado por Lana, apenas sentia um carinho muito grande por sua pessoa e sem falar que sua aparência física me ganhava por

completo por ser a mesma da mulher que sempre amei, Lucy. Porém, mesmo não estando apaixonado por ela, faria qualquer coisa para a ajudar, estava claro que Lana era uma garota que havia sofrido muito e que precisava de toda ajuda possível. E eu estaria ali por ela.

Toc! Toc!

A porta se abre, revelando Lana com uma camisola curtíssima preta. Seus lindos cabelos estão soltos moldando seu rosto perfeito, seu sorriso é tão grande quando me vê, que não consigo deixar de retribuir, entro no quarto e beijo seus cabelos com carinho.

Ela passa seus bracinhos em volta de minha cintura, fazendo-me fechar a porta com o pé. Fecho meus olhos e afundo meu nariz em seus cabelos sentindo aquele perfume novo, porém encantador.

Paz! Minha paz!

— Estava tão nervosa hoje, que nem me lembro se te agradeci por tudo que fez. — Murmura com os lábios em meu peito.

— Não tem nada para agradecer, você estar bem já é o suficiente.

— Tenho sim. Quero muito agradecer você, por tudo, mas antes gostaria de te pedir um último favor. — Ela soa ansiosa.

Se afasta apenas o suficiente para procurar meus olhos.

— Qualquer coisa. — Aliso seu rosto com o dorso de minha mão.

Qualquer coisa!

— Não conte a ninguém sobre Nina, eu imploro. Aqui é muito perigoso e não a quero correndo nenhum perigo, eu imploro, não comente nada sobre ela. — Seus olhos brilham com as lágrimas se formando.

Não chore, Lana. Não faça isso, por favor!

— Jamais direi algo sobre sua filha. — A tranquilizo.

Aliso suas costas querendo passar total confiança.

— Obrigada. — Suspira aliviada voltando a enfiar seu rosto em meu peito.

Ficamos alguns minutos apenas abraçados e em silêncio. Devo confessar que aquele contato era tão bom que poderia ficar ali a noite toda sem reclamar.

— Senão se importa, já pedi nosso jantar. — Ela sorri apontando para a mesa.

Nossa, estou faminto!

Mas por outro lado, não quero a soltar.

— Perfeito, estou faminto. — Continuo com os braços ao redor de seu corpo.

— Então vamos comer! — Se afasta de meus braços e me puxa para a

mesa.

Comemos enquanto mantivemos uma conversa suave e adorável. Eu estava encantado com aquele momento, o jeitinho que ela franzia o nariz toda vez que ria era tão lindo, e o modo como revirava os olhos sempre que eu dizia algo que ela julgava bobagem, era encantador. Suas manias eram únicas e hipnotizantes.

Manias de Lana e apenas Lana!

Era tudo novo; gestos novos; manias novas; uma nova pessoa e isso me fascinava.

Quando terminamos de comer, ela se levantou e rodopiou no meio do quarto indo em direção ao rádio, fazendo um som calmo e doce ressoar pelo ambiente enquanto me olhava como uma menina travessa.

— Quer uma massagem com música hoje, senhor? — Mexe os ombrinhos de maneira tímida.

— Quero outra coisa.

— O quê? — Franze a testa.

Por um momento a vejo prender a respiração.

Calma, minha linda. Calma!

— Quero dançar com você, aceita? — Levanto-me estendendo a mão para ela.

Sua respiração volta ao normal.

— Sério? — Seus olhos brilharam feito luzes de natal.

— Sim, pequena.

— Ah! — Solta um gritinho correndo em minha direção e segurando minha mão.

Sem pensar duas vezes a puxo com tudo juntando nossos corpos. Ela é tão pequena perto de mim que a guio como bem-entendo, suas mãos tocam meus ombros enquanto as minhas seguram sua cintura, seu rosto está apoiado em meu peito fazendo com que o perfume de seus cabelos me domine por completo.

Meu Deus, que perfume maravilhoso!

Novo e maravilhoso!

Fecho meus olhos curtindo aquele momento agradável, mas sem querer, quase piso no seu pé.

— Desculpe, te machuquei?

— Não. É que você é bem grande. — Provoca.

— Ou você que é uma tampinha?

— As duas coisas! — Ela ri alto e eu me encanto.

No impulso do momento a levanto pela cintura, fazendo com que fique da minha altura, ela rapidamente entrelaça suas pernas em volta dos meus quadris e seus braços em volta de meu pescoço, suas mãos se afundam em meus cabelos

fazendo os dedos massagearem meu couro cabeludo. Fecho os olhos e curto aquele carinho gostoso.

— Seus cabelos castanhos são tão lindos, gosto de sentir o toque áspero de sua pele, onde os pelos da barba lutam para crescerem... — Alisa seu nariz pela extensão de minha mandíbula, fazendo-me sentir sua respiração quente em minha pele.

— Lana...

— Seu cheiro também é muito agradável, seus lábios são vermelhos e fartos, são sexys, muito sexys. — Diz com humor, enquanto desliza a pontinha de seu nariz em meus lábios.

— Nossa! — Rosno dando uma leve mordiscada em seu queixo delicado.

— Ah! — Ela geme, apertando-se mais em mim.

— Lana, estou ficando louco de tesão por você... — Confesso.

Mas logo me arrependo por sentir seu corpo ficar tenso junto ao meu.

— Não se preocupe, não irei fazer nada... — Antes que pudesse me corrigir, ela me interrompe.

— E eu por você. — Desliza seus lábios em meu pescoço.

Ah, pequena!

Não consigo me controlar quando sinto seus lábios beijarem com desejo toda extensão de meu pescoço, suas mãos puxam meus cabelos com vontade, fazendo-me gemer baixinho. Deslizo minhas mãos sob sua camisola e agarro sua bunda, e é a vez de ela gemer.

Ah, Lana, assim você acaba comigo!

Não sou capaz de resistir e a deito com tudo na cama subindo sobre seu corpo, suas pernas voltam a rodear minha cintura, enquanto suas mãos começam a arrancar minha camiseta.

— Você é lindo, Dan! — Ela geme quando espalma suas mãozinhas sobre meu peito.

— Linda é você! — Inclino-me para a beijar, mas ela vira o rosto.

— Desculpe, mas prefiro não beijar na boca.

Fico decepcionado. Estou morrendo de vontade de sentir seus lábios nos meus, mas respeito sua vontade e começo a beijar desesperadamente seu ombro enquanto desço a alça de sua camisola. Seu seio esquerdo fica exposto e não consigo resistir, o tomo para mim e começo a beijá-lo com adoração.

Ela se contorce sob meu corpo, mas isso só me deixa mais excitado, círculo seu mamilo com a língua fazendo com que ele se endureça, quando fica do jeitinho que quero começo a sugá-lo com desejo.

Nossa, posso chupar seus seios para sempre!

— Ah! — Ela geme mais alto e isso me enlouquece.

Deslizo a outra alça de sua camisola e deixo exposto os dois seios, passo a atenção de minha boca para o direito, mas não abandono o esquerdo por completo, continuo o estimulando com minha mão, puxo seu mamilo com meus dedos e o esfrego ainda estimulando.

Ela se contorce cada vez mais, seu quadril se levanta fazendo com que alisasse sua calcinha úmida em minha barriga nua, isso faz meu membro ficar ainda mais apertado dentro da calça. Quando não aguento mais de vontade de provar seu corpo todo, tiro sua camisola de uma vez e depois a calcinha.

Paro por alguns segundos para contemplar aquela linda e maravilhosa mulher. Mas não aguento muito tempo sem tocá-la, crio uma trilha de beijos molhados por sua barriga, não tenho pressa ali, beijo e lambo do jeito que tanto tenho vontade, próximo ao seu umbigo noto uma cicatriz fina e consideravelmente grande, parece um corte.

O que será? Uma cirurgia?

Quando passo minha língua sobre a cicatriz seu corpo fica tenso, percebo na hora que não a agrada, então levo meus lábios para um outro ponto, chego a sua pélvis depilada e mordo de leve, fazendo-a gemer mais alto, agarro seus quadris e o elevo um pouco, levando-a até meus lábios. Está completamente molhada e isso é incrível!

Não consigo me controlar e começo a chupá-la, passo minha língua entre seus grandes e pequenos lábios, afundando-me ali, começo a penetrar o máximo que dá, arrancando gemidos altos. Quando a sinto tremer, interrompo um pouco a penetração com a língua e vou até seu clitóris, o círculo lentamente diversas vezes, ele cresce sob meu domínio e isso tem efeito imediato em meu membro. Vejo que ela está quase explodindo de tesão, então começo a sugar seu clitóris como fiz com seus seios. Sugo. Circulo. O esfrego com a língua enlouquecidamente. Faço tudo que tenho vontade e ela aceita.

— Dan, pelo amor de Deus! — Grita gozando em minha boca.

Não perco tempo, começo a lambar ainda mais, fazendo seus gemidos aumentarem e seu corpo tremer tanto que é difícil até de segurar.

— Minha vez! — Ela se desvencilha de mim.

Com urgência me deita na cama. Sorrio quando a vejo abrir minha calça com rapidez e empolgação, em poucos segundos me deixa completamente nu, sentando-se em minhas coxas. Ela se inclina deslizando sua língua por todo meu peito, trilhando um caminho de beijos ardentes até meu membro completamente duro. Suas mãos não se fazem de tímidas, alisam desde minhas mãos, até irem subindo para meus ombros, escorregando pelos músculos do meu peito, atravessando meu abdômen, até se deslizarem as minhas coxas, onde suas unhas se gravam com força.

Ela olha para meu membro e sua respiração fica mais rápida, seu olhar procura pelo meu e nos perdemos ali.

Ah, não, vou gozar!

Se ela continuar a me olhar assim vou gozar como um adolescente que acabou de descobrir a masturbação!

— Lana... — Gemo enlouquecido me perdendo naqueles olhos.

— Nunca. Nunca. — Ela se interrompe por um momento. — Nunca fiquei com um homem tão lindo quanto você, sério. Estou fascinada. Quero provar tudo que está a minha frente, posso?

Inclinando-me um pouco para frente seguro seu rosto com ambas as mãos e mantenho o contato visual. Quero muito beijá-la, mas sei que não devo.

— Pode fazer o que quiser comigo. — Deslizo a ponta da língua sobre o canto de sua boca.

— Ah! — Geme abrindo a boca.

Por um momento acredito que vá me beijar, mas não o faz. Volto a me deitar para evitar demonstrar minha decepção de não sentir seus lábios nos meus.

— Quero te chupar, *senhor*... — Sussurra as palavras.

— Já disse, pode fazer o que quiser comigo.

Ela sorri e leva suas mãos ao meu membro ereto, começando movimentos firmes e maravilhosos sobre ele, subindo e descendo seus dedos de maneira tentadoramente gostosa.

Concentre-se! Não vai querer gozar agora!

Com os olhos fixados aos meus, ela aproxima a boca do meu membro e o lambe da base até a cabeça sem interromper o contato nem por um segundo. Estremeço. Estremeço enlouquecidamente. Ela repete o processo, mas desta vez quando chega na cabeça circula lentamente sua língua e o envolve completamente dentro de sua boca, fazendo um movimento de sucção, levando-me ao céu.

— Não. Pare. Nunca. Mais. Por. Favor. — Fecho meus olhos jogando a cabeça para trás.

Sinto suas mãos se espalmarem em meu abdômen, fazendo as unhas arranharem minha pele, sua boca maravilhosa continua o trabalho incrível me chupando de uma maneira única.

Sério, acho que nunca senti aquela sensação!

— Dan, está me deixando louca com seus gemidos. — Suas mãos voltam a me masturbar enquanto seus lábios trilhando um caminho de beijos desde meu membro até meu pescoço.

Não aguento e a abraço, fazendo seus seios se pressionarem contra meu peito. Mesmo com pouco espaço, ela não para de me estimular com as mãos, e

as desliza até meus testículos, massageando-os com cuidado e de maneira incrivelmente maravilhosa!

— Caralho, Lana! — Gemo com os lábios em sua bochecha.

— Acho que descobri meu som favorito... — Ela sussurra deslizando os lábios em minha orelha.

— Qual? — Estou quase perdendo os sentidos de tanto tesão.

— Seus gemidos, sua voz rouca... eu a adoro, Dan! — Seu nariz está colado ao meu, seus lábios chegam a roçar os meus.

Quero te beijar, Lana! Quero muito beijar você!

— Lana, por favor... — *Me beije!*

— O preservativo. — Ela se inclina sobre o criado-mudo e abre a gaveta retirando de lá uma embalagem dourada.

Sem desviar os olhos de mim, ela abre a embalagem e veste o preservativo em mim. Sentando-se sobre minhas coxas segura meu membro devidamente protegido e o guia até a entrada de sua umidade. Está tão molhada que se desliza com facilidade. Sinto um prazer enlouquecedor conforme vou me afundando dentro dela, mas, de repente, ela se força para cima quase me tirando completamente de dentro de si.

Ah, não!

— Lana... — Protesto.

— Olhe para mim. — Ordena.

Ela agarrando minhas mãos e volta a se abaixar, fazendo com que, eu a penetrasse por completo.

— Caralho! — Gemo.

Paraíso. Estou no paraíso!

— Ah! Meu Deus! — Ela para ficando imóvel, está se acostumando com a sensação.

Que visão maravilhosa!

Aquela linda e perfeita mulher morrendo de tesão sobre meu corpo. Respiro fundo para controlar a vontade de gozar. Não iria me perdoar se aquele momento não durasse para sempre!

Ela novamente movimenta os quadris, subindo e descendo, mas dessa vez ambos estremecemos e apertamos nossas mãos. Seu ritmo ganha vida e eu me delicio, mas quando achava que não poderia sentir prazer maior, ela faz um movimento circular com os quadris, arrancando de mim um rosnado de prazer enlouquecedor.

— Ah! — Agarro sua cintura com desespero.

— Dan! — Grita enlouquecida.

Não aguento mais de tesão! Preciso de mais, preciso senti-la como nunca!

Me mexo fazendo um movimento de vai e vem dentro dela, sua cabeça pende para trás e sua boca se abre de uma maneira sexy.

Ela é uma deusa!

— Lana! — A chamo.

Seus olhos verdes se prendem aos meus, seus dentes se cravam nos próprios lábios de uma maneira que, puta que pariu, me faria beijar seus pés! Ela começa a se movimentar subindo e descendo com determinação seguindo meus movimentos, toda vez que me fazia a penetrar por completo meu corpo delirava, o modo como seus quadris começaram a rebolar enquanto subia e descia estava me deixando... meu Deus!

Ela se inclina sobre mim, ficando com os lábios próximos aos meus, seus quadris continuavam a movimentar, esfregando-se em mim.

— Você vai me fazer gozar de novo se continuar a me olhar dessa maneira.
— Geme mordendo os lábios novamente.

Agarro sua nuca e a forço continuar me olhando.

— Está me fazendo enlouquecer! — Rosno.

Começo a penetrar com força e rapidez, enquanto continuo a olhar nos olhos.

— Ah! — Grita sem quebrar o contato visual.

— Gosta? Gosta quando vai fundo? — Abraço sua cintura e começo a penetrar o mais fundo que consigo.

— Sim! Sim! Sim! — Grita. — Dan, aí meu Deus! — Ela não aguenta muito tempo e goza novamente em meus braços.

Fico eufórico, a viro com tudo na cama saindo de dentro dela, novamente volto a chupá-la, quero lamber tudo!

E é o que faço, chupo tanto que sinto seu corpo tremer. Ela fecha os olhos exausta, mas quando a penetro dois dedos e os retiro completamente molhados, seus olhos logo procuram os meus.

— Quer mais? — Pergunto enquanto levo meus dedos aos seus lábios, fazendo com que ela os chupasse.

— Sim, quero muito mais! — Sorri enquanto alisa os lábios com a própria língua.

Sorrio e a viro de costas com um único movimento, puxo seus quadris para cima e separo suas pernas, deslizo meu membro em sua entrada úmida, sem esperar muito, a penetro com força, fazendo-a se segurar na cabeceira.

— Isso! Aí, isso! — Ela geme jogando sua bunda de encontro com meu membro latejando.

Inclino-me sobre ela e agarro seus seios, a penetro com força enquanto puxo seus mamilos e a vejo cair com o rosto afundado no travesseiro.

Sorrio ao vê-la tão excitada, seus dentes prendem a fronha!

— Dan, isso! Gosto desse jeito! — Geme.

Lana, definitivamente na cama era maravilhosamente sexy e sedutora!

— Lana, eu quero te foder para sempre!

— Sim, por favor, não para... ah, isso! — Grita quando dou alguns tapas em sua bunda.

Ela começa a rebolar enquanto continuo a penetrar, sua umidade começa a me sugar com força, fazendo meu membro vibrar há cada segundo.

— Caralho!

— Dan, assim, isso mesmo!

Deslizo minha mão até seu clitóris e começo a massageá-lo, enquanto continua a penetrar com força.

Ela enlouquece!

Seu corpo treme sob o meu, mas eu não paro, a vejo completamente suada e exausta, isso me deixa ainda mais louco e agarro seus quadris com força e começo uma sequência de estocadas secas e fortes.

— Ah! — Ela grita extasiada gozando novamente, fazendo seu corpo todo convulsionar.

A penetro uma última vez e é minha vez de gozar enlouquecidamente!

Porra, que alívio maravilhoso!

Que sexo incrível!

Saio de dentro dela lentamente e caio ao seu lado. Ela me olha com seus olhos brilhando e um sorriso encantador, sua mão toca meu rosto e eu beijo seus pequenos dedos. Retiro o preservativo que está me incomodando e jogo na lixei ao lado da cama, viro-me de lado e mordisco seu ombro enquanto minha mão desliza sobre suas costas e bunda.

— Obrigada. — Murmura sonolenta.

— Pelo quê? — FRANZO a testa.

— Fazia muito tempo que não tinha um orgasmo. — Sorri timidamente.

Isso me faz lembrar que ela transava com outras pessoas.

Não consigo evitar um incomodo tremendo de me lembrar disso; outros homens tocaram seu corpo, como eu toquei; outros homens a penetraram, como eu penetrei; outros homens a tiveram, como eu tive.

Merda! Eu não podia mudar o passado, mas podia mudar o futuro!

Ninguém irá tocar em você novamente!

Quer dizer, só se você quiser, claro.

E espero que não queira, espero que só queira fazer sexo comigo!

— Pretendo te dar muitos outros. — Digo beijando a ponta de seu nariz.

— Obrigada. — Fecha os olhos sorrindo.

— Mas quero algo em troca.
Seus olhos se abrem curiosos.
— O quê? — Franze a testa.
— Que seja só eu a te dar esses orgasmos.
— Sim, só você. Só com você. — Seus olhos tem um brilho diferente.
— Quero você só para mim. — Aliso seu rosto.
— Nunca tive nenhum, *aqui...* — Ela desvia o olhar do meu. — Só com você.
— Devo dizer que isso me deixa muito satisfeito. — Brinco. — Mas estou falando sério, quero você apenas para mim. Não quero você com mais ninguém, tudo bem para você?
— Isso é apenas um sonho. — Ela lamenta.
— O quê? — Estou confuso.
— O que eu mais queria era ser exclusivamente sua, mas não tenho esse poder, se me derem ordens... — Ela dá de ombros.
— Vou arrumar isso. Confie em mim.
Ela me dá um meio sorriso, não parece acreditar muito que fosse possível.
Confie em mim, pequena!

Capítulo 8.

Tive uma ideia que talvez agradasse a Lana, como era sábado, conversei com Jorge e disse que sairia com ela, mas que depois dormiríamos lá. No começo ele não gostou, porém, bastou ver algumas notas altas em sua mão e o assunto mudou, passou a ser o primeiro a apoiar minha ideia.

Cheguei ao bordel e encontrei a Lana na recepção conversando com outras jovens.

Meu Deus, como estava linda!

Seus cabelos ondulados estavam presos nas laterais, próximos as suas orelhas, deixando seu lindo rosto livre. O vestido que estava usando era branco com várias flores estampadas, a sandália da cor de sua pele pálida era de salto alto, mesmo assim ela parecia tão pequeninha.

Lana estava uma verdadeira princesa, não combinava nada com aquele lugar asqueroso!

Quando ela me vê, abre um lindo sorriso e corre até mim.

— Oi! — Abraça-me.

— Oi, pequena. — Retribuo com carinho.

— Você está lindo! — Olha-me de cima abaixo.

Rio e a observo com admiração, alisando seu rosto com o dorso de meus dedos.

— Roupas esportivas lhe caem muito bem. — Elogia segurando o pulso de minha mão que a acariciava.

— Levando a prostituta particular para uma volta? — Diz uma das jovens.
— Vai ter que recompensar muito na foda depois, hein, Allana?

Olho para a ruiva arrogante.

— Não ligue para ela, vamos? — Lana se anima.

— Vamos. — A abraço pela cintura e saímos daquele horror.

Sinto a empolgação dela, está se corroendo de curiosidade.

— Aonde iremos?

— Quero te levar para jantar em um lugar descente e depois daremos uma volta, o que acha?

— Perfeito!

Escolho um restaurante romântico e ao mesmo tempo simples, pelo pouco que a conheço, duvidava muito que fosse ficar à vontade em um ambiente extremamente elegante. Ela parece encantada com tudo que vê e isso me deixa incrivelmente feliz. Sentamos em uma das mesas perto da antiga fonte localizada na praça da cidade; a decoração repleta de flores e velas deixavam o ambiente

perfeito para ela: uma princesa.

Sempre fazia isso com Lucy, ela amava, talvez Lana também ame.

Por um momento me ocorre que é a primeira vez em muito tempo que penso em Lucy sem que acabe com meu ânimo de qualquer coisa. Pelo contrário, a lembrança é doce e encantadora.

Uau!

Um pensamento incrível invade minha mente; Allana e Lucy, obviamente são idênticas aos olhos de quem assim como eu, conheceu as duas e, por mais que nos primeiros dias tenha comparado muito Allana a Lucy procurando todas as semelhanças possíveis, hoje posso dizer que não vejo nada de Lucy em Allana. É como se meu cérebro tivesse feito um filtro e separado a imagem das duas. Eu olho Allana, vejo sua beleza, seu rosto, seu corpo, tudo, mas não consigo ver nada de Lucy.

Como uma simples mágica: Allana se tornou Allana, uma jovem corajosa, doce, linda, com contrastes incríveis e uma história nova para mim. Uma jovem que vem se enterrando em cada poro do meu corpo, roubando para si qualquer pensamento do meu dia. E, Lucy, continuou sendo Lucy, minha melhor amiga, a primeira mulher que amei e que sempre iria guardar em meu coração. Para sempre. Cada uma sendo incrivelmente maravilhosa e completamente diferente.

Duas faces. Dois corações.

— Gostou daqui? — Seguro sua mão.

Quero que tenha uma noite maravilhosa, minha pequena!

— É incrível! Nunca vim aqui e pelo cheiro a comida deve ser magnífica!

— Fico feliz que tenha gostado, uma noite dessas passei por aqui e só conseguia pensar que seria incrível te trazer.

— Obrigada, é muita gentileza sua tudo que vem fazendo por mim.

— Não me agradeça, ficar com você tem me feito muito bem. — Aliso seus pequenos dedinhos.

— Nina amou a boneca que você comprou para ela, sério, muito obrigada! Quando recebi hoje e a abri na frente dela... meu Deus! Você tinha que ver os seus olhinhos! — Olha-me com carinho e gratidão.

— Estava passando por uma loja e vi a boneca, na hora me lembrei dela. Viu como elas se parecem? — Rio.

— Vi! — Seu sorriso é maravilhoso.

Um vento nos atinge fazendo seu cheiro maravilhoso me invadir.

Ah, Lana, você me faz muito bem!

— Estava ansioso para te ver hoje. — Deslizo meus dedos por seu queixo.

— Por quê? — Olha-me com curiosidade.

— Não sei. Só pensei muito em você durante o dia, acho que é porque,

estou me acostumando com isso.

Volto a segurar sua mão entrelaçando nossos dedos.

— Vou sentir falta. — Olha para nossos dedos.

Franzo a testa.

— Do que está falando?

— Quando este mês acabar e tudo voltar como antes. — Encolhe os ombros. — Hoje Jorge me lembrou que falta uma semana, mas pode ter certeza, serei eternamente grata há esse mês que está me dando.

Sua voz está embargada e seus olhos brilhando.

— Não se preocupe com isso, irei conversar com o Jorge e renovarei. — Tranquilizo-a. — Estava falando sério naquela noite, quero você só para mim.

Ela me lança um sorriso triste.

O que está acontecendo?!

Meu coração parece pulsar de maneira estranha.

— Então, sabe, teremos que esperar para isso acontecer.

— Por quê?

— Parece que Eric já me *comprou* para o mês que vem, assim que terminar o seu, terei que passar um mês com ele.

Assim que termina a frase, a vejo estremecer como se sentisse nojo.

Ele fez o quê?!

Ah, filho da puta!

Um ódio me toma por completo, um ódio tão grande que se o visse na minha frente agora iria partir para cima dele sem pensar duas vezes nas consequências. Está fazendo de propósito, só pode!

— Ele fez isso?

— Tudo bem, Dan.— Força um sorriso. — Você não vai poder me comprar para sempre, já sou muito grata por tudo que me fez até agora.

— Confie em mim, darei um jeito e renovarei meu contrato.

Queria abordar um assunto com ela, mas tinha medo da sua reação.

— Dan, estou saindo muito caro pra você! Sei o quanto Jorge está te extorquindo, não quero te prejudicar.

Respiro fundo, lá vai...

— Lana, — Levo suas mãos aos meus lábios. — Você aceitaria se eu te ajudasse a arrumar um emprego e no sustento da sua casa para que não precisasse mais trabalhar lá?

Ela me olha com uma expressão espantada, mas, de repente, uma tristeza enorme a toma:

— Não sei se consigo trabalhar em outro lugar.

— Claro que consegue, você é capaz! Te ajudo a arrumar um emprego e

daremos um jeito no resto, o que acha?

— Dan, não posso.

Fico confuso.

Por que ela não quer sair de lá?

Não acredito que goste de se submeter aqueles abusos.

— Lana, confie em mim, você pode.

Ela fica em silêncio.

— O que é? Me conte. Sei que posso te ajudar no que for.

Ela pensa. Pensa. E pensa.

Estou quase explodindo de ansiedade!

— Dan, eu não tenho documentos.

— Como assim? — Franzo a testa.

— Meus documentos são falsos.

— Por quê?

— É uma longa história...

— Olhe nos meus olhos, Lana. — Peço e ela me obedece. — Nunca te machucaria, nunca, se você me contar o que aconteceu, posso te ajudar. — Fixo meu olhar no seu. — Confie em mim. Deixe-me a ajudar.

— Não posso. — Ela começa a chorar silenciosamente.

— Confie em mim, pequena.

Quero dar a volta na mesa e a abraçar, mas me contenho quando começa a falar.

— Eu confio, sei que você é bom. Não faria o que faz por mim, se não fosse, mas é por confiar e gostar muito de você, que não posso contar. Não quero te pôr em risco também. Nunca me perdoaria se algo acontecesse com você por minha causa.

O que é de tão grave assim?

Se eu posso correr algum risco, isso quer dizer que ela está correndo!

O pensamento me deixa enojado, não posso nem pensar que algo poderia acontecer com ela. Não posso!

— Prometo que não vai me pôr em risco, tenho algumas influências e meu cargo me dá um certo poder. Te juro que estarei em segurança. — Aperto mais seus dedos. — Agora, por favor, deixe-me te ajudar, querida.

Ela pensa por mais alguns segundos.

— Lana, só quero ajudar, posso fazer isso. Acredite em mim. — A incentivo.

— Quando minha mãe morreu, fiquei totalmente sozinha. Eu era muito novinha, então me apeguei demais ao meu namorado, Louis, e ele acabou me convidando para morarmos juntos e eu aceitei. Não que tivesse muita escolha.

Sabe, ele... ele sempre foi violento na hora do sexo, violento mesmo, mas eu entendia, cada um gosta de fazer amor de uma maneira. No primeiro mês foi tudo muito bom, só que aí, ele entrou para a polícia e foi como se o *poder* tivesse subido à sua cabeça. A violência que era apenas em quatro paredes, começou a virar algo do dia a dia...

— Ele te batia?

Ela sorriu com tristeza.

Desgraçado!

— Espancava; é a palavra correta.

Eu estremeço todo.

Não conheço esse filho da puta, mas já o odeio!

— Eu apanhava tanto que chegava a desmaiar e não tinha ninguém para me ajudar, não tinha amigos, não tinha família... meu medo era de engravidar e ele me bater mesmo grávida, então, durante anos tomei injeção escondida, o que fazia com que me batesse mais, pois dizia que eu não era mulher nem para dar um filho a ele. Só que um dia ele descobriu que eu tomava essa precaução e, nossa...

Ela se cala.

Meu sangue ferve por imaginar que ele poderia colocar as mãos nela novamente. Meu Deus, se eu o visse em minha frente agora, acho que um de nós não sairia vivo e, a julgar pela minha raiva, acredito que seria ele!

— Ele te espancou?

— Sim. Trancou-me em casa, literalmente, por meses, e, ficou me forçando a fazer sexo todos os dias enquanto gritava que eu daria um filho a ele. Engravidei quase oito meses depois, ele ficou completamente feliz, mudou da água para o vinho, me tratava como uma boneca e fazia todas as minhas vontades. Por um momento achei que fôssemos ser felizes como um casal normal, mas quando estava com seis meses, uma noite ele chegou bêbado e se irritou porque eu troquei algumas palavras com o entregador de pizza, sendo que havia apenas perguntado se ele tinha troco. Aquela noite levei uma das piores surras da minha vida, fui parar no hospital e perdi meu bebê. Naquele momento eu quis morrer. Foi a pior dor da minha vida! — Sua expressão se tornou uma dor sem fim.

Sinto que meu coração vai se arrebentar dentro do peito por vê-la sofrer.

— Lana, eu...

Ela continua:

— Nem a dor física chegava perto do que estava sendo não ter meu bebê comigo. Lembro-me de ele dizer a todos que eu havia sido assaltada, os médicos e enfermeiros não acreditaram, mas como ele era policial e tinha ajuda, me

liberaram.

— Filho da puta! — Esbravejo.

— Quando cheguei em casa sem meu bebê, lembro-me até hoje da frase dele: amanhã vou te comer novamente e quero que engravide o mais rápido possível!

— Meu Deus! — Fecho meus olhos.

— Eu nem podia ter relação. — Ela limpas as lágrimas que caem. — Mas alguns meses depois engravidei de Nina, dessa vez fiz de tudo para não o irritar, nem respirava direito quando ele estava em casa e minha pequena veio saudável ao mundo. Ele ficou decepcionado por ser uma menina, mas mesmo assim se via que a adorava, nos primeiros dias que voltamos para casa, ele continuou sendo *bom* para nós, mas conforme ela ia crescendo e chorando, isso ia o incomodando e ele me batia por não conseguir a calar.

— Eu nem o conheço, mas já o odeio! Odeio com todas as minhas forças!

— Quando ela tinha um aninho, estava na sala e sem querer derrubou o celular dele, infelizmente quebrou sua tela, ele ficou tão furioso que deu uma tapa em seu rostinho a fazendo cair e bater com a cabeça no chão. Não aguentei e o prato que estava em minhas mãos voou na cabeça dele. Bater em mim, eu até aguentava, mas nunca permitiria que ele tocasse nela! Não em minha filha! — Cuspe as palavras com ódio. — Ele desmaiou na hora, até pensei que tivesse morrido, mas não, só tive tempo de enfiar umas roupas em uma mochila e saí correndo de lá. Sem dinheiro, sem amigos, sem família... somente ela e eu. — Sua respiração se encurta. — Passei tanta coisa para conseguir dar de comer a ela. — Um sorriso fraco surge em seu rosto. — A hipocrisia é que nem podia ir à polícia, pois sabia que seus amigos iriam me localizar e me entregar a ele novamente, você sabe como eles se protegem. Estou há dois anos fugindo dele, já perdi as contas de quantas cidades passei, quis muito sair do país, mas sem documentação é complicado. Tenho medo de tentar um e ele me rastrear, pois qualquer notícia minha no sistema ele terá acesso.

— Lana, eu sinto tanto por tudo que você passou! — Puxo suas mãos as enchendo de beijos.

— Eu estou bem agora.

— A cicatriz que você tem na barriga...

— Ele me cortou em uma das brigas. — Concluí.

— Deixe-me te ajudar. Conseguirei uma documentação para você, uma legal, entro com um pedido de proteção e você muda de identidade. Juro por tudo que quiser, nunca mais, nunca mais esse filho da puta chegará perto de você.

— Tenho medo, Dan. — Encolhe-se na cadeira.

- Confie em mim, posso te ajudar.
- Quando entrei na casa do Jorge, ele disse que não teria volta, se eu tentasse sair iria me denunciar, pois sabe que não tenho documentação.
- Converso com ele, pode ter certeza que consigo sua liberdade. Só me deixe te ajudar, eu imploro!
- Por que faria isso, Dan? Sua vida é tranquila, não tem problemas e, eu só seria um estorvo.
- Porque me importo muito com você, muito mesmo, acredite em mim.
- Mas...
- Eu me importo com você, Lana. Mais do que você possa imaginar, me importo de uma maneira que, honestamente, me assusta.
- Ela me recompensa com seu sorriso maravilhoso.

Capítulo 9.

Andamos pelas ruas tranquilas de mãos dadas, Lana parecia mais tranquila e aliviada. Acho que era a primeira vez que estava dividindo seu fardo com alguém, estava feliz que ela havia aceito minha ajuda. Minha mente já estava trabalhando a mil, iria falar com Jorge para que ela não precisasse mais ir aquele lugar asqueroso, conversaria com algumas pessoas para a ajudar com um emprego e, principalmente, contrataria uma pessoa para me auxiliar em como poderia a pôr em proteção.

— Gostou do jantar? — A encosto sobre um muro de pedras grandes.

— Amei, foi uma noite incrível, nunca tive um encontro assim. — Alisa meus braços com carinho.

— Faremos isso mais vezes, ok? — Com carinho encosto minha testa a sua e beijo a ponta de seu nariz.

— Irei amar.

— O que quer fazer agora?

— Não sei, se quiser, podemos voltar ao bordel.

— Você me deixaria dormir na sua casa?

Ela se surpreende e fica pensativa de repente.

— Se não quiser, sem problemas, só achei que fosse gostar.

— Lá não teremos conforto. Sem falar que tem a Nina, teremos que ficar em silêncio e talvez ela acorde, se não se importar com nada disso, amaria passar a noite em minha casa com você.

— Não me importo com nada disso.

— Ótimo. — Beija meu queixo.

Quando entramos em sua casa, noto que a noite o lugar é ainda mais frio. Preciso mesmo arrumar um lugar melhor para elas, não tem condições de uma criança viver assim, não quero nem imaginar quando o inverno chegar.

— Lana, já chegou? — Diz uma jovem que assiste tevê na sala.

— Oi, Dulce. Sim, querida. Pode ir agora, eu assumo as coisas daqui. — Lana sorri com carinho para a jovem.

— Ok. Nina ainda teve um pouco de febre, mas o remédio cortou e ela dormiu tranquilamente.

— Certo, muito obrigada. — Ela agradece ao se despedir da menina.

— Nina está doente? — Questiono.

— Sim, creio que é a garganta, não comeu nada ontem.

— Já a levou ao médico?

— Paguei uma consulta ontem, ela também não tem documentos, então só o médico que atende no bordel aceitou a ver aqui em casa. Precisei pagar caro, o velho asqueroso queria me cobrar a metade se fosse para a cama com ele! — Revira os olhos.

Merda!

— Você foi?

Prendo a respiração até ouvir sua resposta.

— Não, claro que não! Se tenho a opção de não precisar me submeter a isso, sempre evito!

Graças a Deus!

Espere! Será que ela só foi para a cama comigo por achar que não podia evitar? Que não tinha a opção de dizer não?

Você a comprou! O que acha que ela pensa?

Merda!

— Amanhã ligo para um médico que conheço e peço para que venha aqui. Ficarei mais tranquilo se ela for examinada por um médico da minha confiança.

— Faria isso por ela?

— Claro, quando disse que queria te ajudar, estava falando a verdade.

— Obrigada, Deus deve ter te mandado para cá por um motivo.

Sim, com toda certeza!

Isso me faz lembrar o porquê de ter me aproximado de Lana, obviamente que no começo foi por sua semelhança com Lucy, mas agora? Só vejo ela: Lana. Na sua mais linda doçura, beleza, gentileza, sedução, só ela. Só vejo ela.

— Estou completamente encantado por você, Lana. — A abraço com carinho.

— O que isso quer dizer?

— Quer dizer que não quero me afastar de você. — Aliso meu rosto ao dela com carinho.

— Dan, olhe para mim: um ex-psicopata, uma fugitiva com filha e com um emprego daqueles. Sério, não devia se meter com pessoas como eu.

— Não me importo com seu passado. Não me importo com o que tenha feito. Não te julgo pelo que fez – se fez o que fez –, foi porque se sentiu coagida e tem uma filha a quem ama acima de qualquer coisa. Não te julgo, pelo contrário, te admiro como nunca admirei ninguém. — Toco seu rosto com carinho. — Você passou tanta coisa e poderia ter acabado morta ou viciada, mas está aqui, lutando para uma vida melhor e cuidando de uma criança sozinha! Eu te admiro muito, você é tão forte! Uma sobrevivente!

— Não tem vergonha de mim?

— Vergonha? Não. De jeito algum!

Seus olhos se enchem de lágrimas e ela alisa meu rosto com suas mãos pequenininhas.

— Obrigada por enxergar além das aparências e muito além dos julgamentos preconceituosos. — Beija o canto de minha boca.

— Eu enxergo você. Você. E só você, Lana!

Literalmente só enxergo você, minha pequena. Só você.

— Dan... — Ela geme quando a levanto pela cintura, apoiando-a sobre a pia.

— acredite nestas palavras: a única pessoa que eu enxergo é você, Lana. Só você!

Mesmo que ela não saiba o real significado das minhas palavras, quero deixar claro nem que seja subconsciente.

— Você é uma das melhores coisas que já aconteceram em minha vida, Dan. Às vezes acredito estar sonhando, não parece real. Não parece real que você exista.

— Você sem dúvida foi uma das melhores coisas que já aconteceram na minha vida. Antes estava deprimido e me sentindo só, me aproximei de você por te achar parecida com uma pessoa, mas agora me encanto com sua doçura, sua garra e seu jeitinho único. Obrigado por me mostrar que há esperanças. Obrigado por me fazer enxergar você e apenas você.

— É verdade, na primeira vez que você me viu, me confundiu com a Lucy, né?

— Sim.

— Somos muito parecidas? — Sorri.

— É, pelo menos eu achava. Agora vejo o quão diferente são, porém, duas pessoas incríveis e maravilhosas.

— Por que você se separou, se a amava tanto?

— Eu a conhecia desde sempre, foi minha primeira e única namorada. Acabamos ficando noivos e, enquanto eu estava em uma missão há um ano, recebi a notícia que ela havia sofrido um acidente de carro e não tinha resistido.

Ela solta um suspiro triste.

— Perdão, não quis ser indelicada.

— Na época a dor foi tanta, que achei que nunca mais fosse me recuperar. Hoje ainda dói, ainda sinto falta dela. Afinal, antes de mais nada, ela era minha melhor amiga, mas agora, consigo lidar melhor. Posso falar dela sem me sentir sufocado.

— Sinto muito que você tenha a perdido.

— Obrigado, pequena. — Beijo a pontinha de seu nariz. — Estou bem

agora.

— Que bom. — Ela alisa o nariz ao meu, fazendo uma carícia maravilhosa.

— Lana...

— Sim?

— Você só foi para cama comigo, por que achou que não tinha a opção de dizer não?

Ela pisca algumas vezes, franzindo a testa totalmente confusa.

— O quê?

— A primeira vez que nós fizemos sexo. — Explico. — Você fez por achar que não tinha a opção de dizer não?

Ela dá de ombros.

— Por favor, preciso saber. — Insisto.

— Não, não fiz por achar que não tinha opção. Fiz porquê... porquê...

— Por quê?

— Dan... — Ela suspira tocando meus lábios suavemente com os dela.

Oh, nossa! Ela vai me beijar!

Lentamente mordisco seu lábio inferior e invado sua boca com minha língua, nossos lábios se encaixam perfeitamente, fazendo com que eles se massageiem de uma maneira única. Seus dedos se enterram em meus cabelos e a sinto me puxar para mais perto de si, seu beijo é quente e profundo, adoro o modo como sua língua parece acariciar a minha. Seu gosto é diferente de tudo que já havia provado. Eu o amo. Mal havia sentido e já sabia que me viciaria completamente.

Nossos lábios se movimentam como se já tivessem feito isso antes. A gentileza de seus movimentos me deixa completamente desconsertado, sinto vontade de morder cada cantinho daquela boquinha. E é isso que faço!

Mordisco seus lábios e vou bebendo seus gemidos. Sua língua macia se desliza pela extensão de meus lábios e os devora novamente em um beijo ardente. Sinto meu corpo todo incendiar com a paixão que depositamos em nosso beijo.

Deus, meu corpo está pegando fogo!

— Que beijo bom. — Sussurro contra seus lábios sem intensão de parar com os beijos.

Ela coloca suas mãos sob o tecido de minha camiseta e começa a acariciar minha barriga e toda a lateral de meu corpo, a puxo pelas coxas ficando bem entre suas pernas, mas sem deixar de beijar aquela boca que já havia me viciado de tal maneira que estava me enlouquecendo.

— Faz amor comigo. — Suplica. — Faz amor comigo aqui, aqui mesmo!

— Pedi enquanto abre o zíper de minha calça e a abaixa junto da cueca.

— Querida. — Gemo em sua boca enquanto levo minhas mãos sob o tecido de seu vestido e a livro da calcinha.

Sem perder tempo ela puxa minha carteira do bolso e pega um preservativo que tenho guardado, sorrio por ver que já me conhecia o suficiente. Com as mãos trêmulas ela toca meu membro que já está ereto e o veste com rapidez.

— Dan, por favor! — Implora ficando mais perto da beirada para facilitar que eu a penetre.

Levanto uma de suas pernas um pouco para me encaixar melhor e a penetro lentamente, fazendo cada centímetro valer a pena. Quando estou completamente dentro dela volto a beijar com loucura, agarro seus cabelos com força e intensifico nosso beijo enquanto permaneço dentro dela.

Quase explodo quando ela mexe os quadris, fazendo-me se deslizar em seu interior enquanto permanecemos nos beijando, gemo em sua boca e ela parece beber meu prazer extasiada!

Levanto-a rapidamente e a sento sobre a mesa que é mais baixa e facilita ainda mais a penetração, ela abre bem as pernas apoiando seus pés nas cadeiras e isso faz com que eu vá mais fundo. Quero muito livrar seus seios do vestido para os beijar como desejo, mas me parece impossível deixar seus lábios.

— Dan, vai mais devagar, está fazendo muito barulho e pode acordar, Nina!
— Ela geme em meus lábios.

— Ok.

Tento com todas as minhas forças me movimentar mais lentamente, porém o tesão é tanto que falho algumas vezes, ela se inclina para trás e deita na mesa enquanto agarra meus antebraços, minhas mãos seguram sua cintura a puxando de encontro com meu corpo. Seu olhar é de tesão, o modo como ela lambe os próprios lábios me causa inveja, eu queria estar os lambendo, uma de suas mãos vai até o meio de suas pernas e começa a massagear o clitóris enquanto eu a penetro com mais força.

Puta que pariu! Que visão maravilhosa!

— Assim vai me fazer gozar só de te olhar! — Digo entre dentes.

— Estou molhadíssima por você!

Ela me mostra os dedos molhados e eu os coloco em minha boca, lambendo com vontade.

— Caramba, Dan! — Geme rebolando em meu membro.

— Vem cá. — Sento-me na cadeira a colocando sentada sobre mim.

— Minha vez, querido. — Diz sorrindo.

Ela se apoia em meus ombros e começa a rebolar enlouquecidamente em meu membro. Esfrega-se. Aperta-se. Enlouquece-me. Não consigo evitar e livro seus seios do vestido e abocanho um enquanto massageio o outro com minha

mão.

— Dan! — Geme alto.

— Shhh, querida. Vai acordar a Nina. — Digo com os lábios ainda em seu seio.

Ela crava suas unhas em meus ombros e começa a subir e descer com força, quando desci e vai até o fundo os dois estremecem com o prazer que nos atinge, sem pensar duas vezes a deito novamente na mesa e retomo meu ritmo. Começo ir tão rápido que seus seios balançam a minha frente deixando impossível os colocar novamente em minha boca.

Não vou aguentar mais, vou gozar, mas quero que ela goze primeiro!

Levo meu polegar até seu clitóris e começo a massagear enquanto ainda a penetro, ela não aguenta muito tempo e acaba gozando sob meus toques, seu corpo treme todo e isso me deixa mais excitado. Continuo dando algumas estocadas até que acabo gozando também.

Ela me empurra até que me faz cair sentado na cadeira, ajoelha-se em minha frente e retira o preservativo, sem nenhum pudor começa a me chupar e a limpar meu membro todo.

— Mm... — Gemo jogando a cabeça para trás.

— Eu adoro seu sabor, Dan.

— E eu o seu! — A puxo para meu colo e começo a beijá-la.

— Se não disse com todas as palavras, agora estou a dizer: aceito sua ajuda. Não quero nunca mais precisar ir aquele lugar e o único homem que quero tocando meu corpo é você. — Olha-me diretamente nos olhos. — Só você!

Isso, meu amor!

Quero você enxergando apenas a mim, igual eu a você.

— Perfeito! — Meu sorriso é tão grande que parece que vai rasgar meu rosto. — Sim, só eu tocarei no seu corpo, querida. E irei tocar com todo carinho, amor e adoração! — Aliso seu rosto. — Ninguém mais poderá te machucar, ninguém. Não enquanto eu puder evitar.

— Só você. — Abraça meu pescoço, enquanto volto a beijar seus lábios. — E só eu vou poder tocar você.

Seus olhos procuram o meu para avaliar minha reação.

— Sim, só você irá me tocar.

— Querido. — Suspira.

— Logo você estará com uma identidade nova e livre para ficarmos assim. — A abraço forte.

— Identidade nova. — Testa as palavras. — Isso quer dizer mudar meu nome, não é?

— Isso, exato.

— Por favor, se eu puder escolher. Entendo que Allana é óbvio, mas deixe Lana. Sei que também é óbvio, mas, por favor, se vou passar a vida toda com outro nome, que seja o apelido que minha mãe me deu. Será a única coisa que terei dela, por favor.

Franzo a testa, não é uma boa ideia.

— Por favor, Dan. Por favor!

— Ok, vou ver o que posso fazer. — Tento a tranquilizar.

Capítulo 10.

A primeira coisa que faço é ir atrás de informações sobre como colocar Lana e Nina em proteção. Rapidamente um amigo advogado consegue puxar algumas informações, diz que consegue por ela e a filha, em um tipo de proteção à testemunha, a identidade de ambas iriam mudar e mais ninguém teria acesso a elas. Seria como se Lana fosse apagada do sistema para sempre, não só ela, mas Nina também. Peço que ele agilize tudo, preciso destas documentações o mais rápido possível, e comento sobre o desejo de Lana por seu nome. Quando já tenho esse problema resolvido vou até o bordel falar com Jorge.

— Está pedindo que eu libere uma das melhores garotas que tenho? — Explode o velho nojento.

— Não, estou dizendo que Allana não fará mais parte disso. Que a partir de agora, ela não *trabalha* mais para você.

— Você não pode fazer isso! Tenho um contrato assinado por ela, se fizer isso a entregarei para a polícia! — Esbraveja.

— Por favor, Jorge. — Apoio-me em sua mesa. — Acredita mesmo que esse contrato vale de alguma coisa? Ela não tem se quer documentos.

Ele não diz nada, está com raiva.

— Vai entregar *quem* a polícia? Processará *quem* por quebra de contrato, se ela nem existe para o governo? Sem falar que duvido que este lugar esteja cem por cento dentro da lei.

Ele se mexe na cadeira inquieto, peguei na ferida.

— Se você não concordar e ainda tentar prejudicá-la de qualquer forma. Eu denuncio esse lugar na mesma hora! E quem acabará na cadeira e cheios de processos será você!

— Eu já a vendi para Eric!

— Ela não é sua mercadoria, entendeu?! — Grito. — Não mais!

— Ele pagou muito bem para comer a vadia!

Inclino-me sobre a mesa e o seguro pela gola da camisa fazendo com que me olhe diretamente nos olhos.

— Devolva o dinheiro ou arrume outro jeito de se desculpar, mas Allana não fará mais parte disso, entendeu?

— Sério que um homem como você se apaixonou pela trepada de uma puta?

— Chame ela de puta mais uma vez e eu quebro estes dentes pobres!

— Só estou dizendo que se vai assumir uma prostituta, terá que aguentar muitas piadas dos seus amigos. É isso que realmente quer?

— Não terei que aguentar nada! Todos terão que respeitar ela, por bem ou por mal!

— Eric ficará muito puto, ela é a favorita dele!

Ele não vai tocar nela!

Nunca mais!

— Isso não é problema meu. A partir de hoje, ela não virá mais aqui, entendeu?

— Capitão...

— Entendeu?!

— Entendi.

Quando a porta se abre uma visão totalmente diferente do que estou acostumado surge: Lana está vestindo roupas simples, calça jeans e um casaco de lã para se proteger do tempinho frio, Nina está em seu colo apertando firme sua nova boneca entre os bracinhos.

Sorrio igual um idiota vendo aquela imagem.

Elas são lindas!

— Boa tarde, garotas. — Cumprimento-as.

— Oi. — Nina ri.

Eu acho a coisa mais linda do mundo aquela pequeninha falando inglês com um sotaque puxado. Lana é incrível mesmo, dá para ver quanto ama a filha e que mãezona é!

— Oi. — Lana sorri ao me ver.

— Para você. — A entrego um buquê de flores.

— Para mim? — Seus olhos se arregalam.

— Claro, temos muito o que comemorar hoje!

— Muito obrigada, são lindas! — Cheira as flores. — Nunca recebi flores!

A pequenina Nina diz algo em alemão e eu não compreendo, Lana por sua vez, sorri e alisa o nariz em sua bochecha fazendo com ela ria de cocegas.

— Fale em inglês, amor. Dan, não sabe alemão. Lembra que vamos treinar?

A pequenina concorda.

— São vermelhas! — Nina repeti em inglês olhando para as flores.

Sua empolgação é incrível.

— Posso entrar?

— Claro! — Lana me abre espaço.

Sigo-a até a cozinha. Ela procura algum lugar para pôr as flores, porém segurando a pequenina se atrapalha um pouco.

— Deixe-me pegar ela? — Estendo os braços.

— Certeza?

— Claro, eu adoro crianças! — Bato palmas e faço sinal para Nina. — Quer vir comigo?

— Quero! — Joga-se para meus braços. — Você é grande!

— É, eu sou. — Rio.

— Nina, foi o tio Dan quem te deu a boneca. O que devemos dizer?

A loirinha diz em alemão obrigada, isso sou capaz de entender.

— Em inglês, amor.

— Obrigada, tio! — Abraça meu pescoço.

— Por nada, querida.

— Quero desenho! — Nina muda de assunto do nada.

— Ela é viciada em desenhos, tem alguns que honestamente... — Lana revira os olhos e liga a tevê.

— Chão! Chão! — Nina protesta.

— Ok! — A coloco no chão e ela corre para o sofá ver desenho.

— Se tiver comida e desenho, Nina se torna a criança mais quieta do mundo! — Lana brinca.

— Ela é quietinha mesmo.

— É, ela é, mas não se engane, ela tem seus momentos!

— Lana, tenho algumas novidades...

— Espere, antes de mais nada. — Se aproxima rapidamente de mim. — Preciso disto primeiro!

Junta seus lábios aos meus e inicia um beijo calmo, beijo qual recebo com adoração. Abraço sua cintura com vontade e me deleito naqueles lábios macios e tão quentes, suas mãos se perdem em meus cabelos, fazendo-me chegar mais perto dela. Minha ereção se revela e não podendo evitar, pressiono contra sua barriga.

— Dan, estava com saudades, não te vejo há dias. — Geme em meus lábios.

— Eu também, querida. Estava correndo com algumas coisas.

— Pronto, agora pode me dizer o que quiser. — Sorri afastando-se um pouco.

— Estava dizendo que tenho novidades, logo você estará em um programa de proteção. Isso significa que sua vida anterior será apagada e tudo será diferente! — Beijo sua testa. — Também falei com Jorge, disse que a partir de hoje, você não trabalha mais lá. Já que hoje acaba seu contrato, não queria correr o risco de te obrigarem a nada!

— Mas, Dan, — Ela se afasta. — Esta casa é dele, ele não vai mais querer alugar para mim. Sem falar que ainda não tenho um novo emprego, como vou

conseguir pagar um outro lugar? Você deveria ter esperado eu arrumar outra coisa primeiro, quando chegasse meus documentos!

— Mas...

— Como vou fazer a compra? Como vou alugar um novo lugar? Como vou comprar as coisas da Nina?

— Ei, calma! Eu vou te ajudar com isso, podemos ir hoje mesmo procurar um novo lugar. Não se preocupe com detalhes, porque isso são detalhes!

— Você não pode nos manter assim, Dan. É muita coisa. Criança dá muito gasto; remédios, comida, roupas, não é fácil como parece!

— Lana, achei que confiasse em mim. Eu disse que te ajudaria e vou fazer isso. Sem falar que dinheiro não é problema, ganho bem e sou sozinho, moro no quartel. Minhas refeições são lá. Quando preciso de médico, sou atendido lá. Não tenho gastos, realmente dinheiro não é problema. Ah, falando em médico, Robert vai vir hoje ver a Nina, para um retorno, ok?

— Dan, sinto-me mal por estar fazendo tudo, nos conhece há pouco tempo e...

— Não me importa, conheço há pouco tempo, mas já são importantes para mim.

— Quando conseguir um emprego te pagarei, ok?

— Não estou cobrando nada, Lana.

— Eu sei, você sempre foi muito cavalheiro comigo.

— É o mínimo que merece. Não se preocupe, vi com o Jorge e ele disse que seu aluguel vence em duas semanas. Temos esse tempo para arrumarmos um novo lugar, de preferência mais seguro e mais quente.

— Como vou poder agradecer por isso?

— Superando todos os seus medos e vivendo uma nova vida.

— Com você?

Por favor!

— Sim, comigo.

— Dan, eu tenho uma filha. Você é solteiro, poderia arrumar alguém menos complicada.

— Sério? Nem tinha notado que tem uma filha! — Provoco.

— Estou falando sério, Dan!

— Eu sei. Lana, não quero outra pessoa, quero você. Estou completamente ciente de Nina. Espero que eu consiga ganhar o carinho e respeito dela também.

— A olho com sinceridade. — Quando digo que, quero uma vida com você, quero dizer com vocês.

— Mas...

— Você não quer uma vida comigo? — Pergunto com medo da resposta,

mas me adianto. — Olha, estou a ajudando, mas isso não te obriga a nada! Vou continuar te ajudando e do seu lado, mesmo que me diga que só quer minha amizade. Não estou te comprando, estou só querendo te dar a liberdade.

Por mais que me doa, é a verdade. Mesmo que Lana não queira uma relação comigo, ainda assim a ajudaria no que fosse, pois em primeiro lugar está seu bem-estar e de Nina. São as únicas coisas que me interessam.

Eu quero você, Lana. Mas você é livre para decidir se também me quer!

Ela fica em silêncio por um momento.

— Lembra quando você me contou que foi morar com Louis, pois não tinha escolha?

Ela assente.

— Então, quero deixar claro que você tem escolha agora. Prometo não te tocar mais e nem forçar a barra se for isso que quiser. Não sou um homem que faço as coisas por interesse, nunca fui. Faço por... — Me calo por um instante. — Eu faço por amor. Posso ter uma profissão dura e completamente contrastante com o que sou por dentro. Mas com o tempo, você irá me conhecer de verdade e saber que, nunca, nunca usaria ninguém.

Será que eu a usei no começo? Quando via Lucy nela?!

Não, nunca quis ir para cama com ela para me lembrar de Lucy! Nunca foi assim! Eu só estava curioso e fascinado, era só isso, nunca a usei. Nunca!

— Deus, você é lindo e quando diz essas coisas fico completamente louca. Eu quero uma vida com você. Não por estar me ajudando. Não por achar que não tenho escolha. Ou talvez seja isso, talvez eu realmente não tenha escolha.

Meus olhos se arregalam.

— Você tem, Lana. Eu juro que tem!

— Não. Não tenho. Não tenho escolha porque meu maldito coração não me deu opção. Ele te adora de uma maneira que, honestamente, me assusta. E isso me deixa sem saída! — Agarra-se em meu pescoço e me beija.

Sorrio segurando sua cintura e aceitando o beijo de bom grado.

Ela me quer!

Capítulo 11.

Os dias seguintes são bem produtivos. Lana, agora tem seus documentos novos. Hoje ela é Lana Diehl, Nina é, Mia Diehl, mas aqui em casa usávamos Nina como se fosse seu apelido, assim não deixaríamos ela confusa. Consegui um apartamento bem localizado e organizado para Lana e Nina, dois quartos, uma sala grande e uma cozinha perfeita para fazer refeições completas. Adianto alguns meses para deixá-las seguras com o contrato.

Quando mostro o apartamento à Lana, nossa, nem sei como explicar sua reação; o choro de felicidade e o modo como observava cada cantinho fazia tudo aquilo valer a pena.

No dia da mudança, consigo o dia livre, quero ajudar Lana, pois sei que é muita coisa para ela. Fazemos algumas viagens de carro para transportar seus pertences, era mais as coisas pessoais, já que o apartamento já vinha mobiliado.

Enquanto eu tirava algumas roupas de Nina da caixa, observo Lana varrendo o chão e passado pano nos móveis, estava claro o quanto era caprichosa e dedicada em tudo que fazia. Ela conseguia ser linda até descabelada e com roupas velhas. Seu olhar se encontrou com o meu algumas vezes, enquanto fazíamos nossas tarefas.

— Dan! — Nina me chama enquanto puxava minha calça.

A pequenina parece já ter se acostumado comigo nessas últimas semanas, tanto que sabe que comigo tem que treinar seu inglês.

— Oi, pequenina. — Pego ela no colo.

— Desenho, mamãe não quer deixar! — Diz torcendo as mãozinhas pequenas, seu narizinho estava vermelho e seus lindos olhos verdes estavam avermelhados por conta do choro.

Ah, não dá!

Não dá para dizer não. Olha só essa carinha!

— Por que ela não pode ver o desenho? — Protesto em defesa da pequenina.

— Porque ela tem que tomar banho e jantar! — Lana coloca as mãos na cintura com a típica postura de mãe.

— Mas e se deixarmos ela ver só um pouquinho enquanto a banheira enche? — Sorrio.

Nina abraça meu pescoço, apoia minha ideia.

— Nem venha, Sr. Collins! Esta mocinha aí, vai direito para o banheiro e sem desenhos!

— Desenho, Dan! — Nina me faz se sentir péssimo com aqueles olhinhos.

Ela me ganhou!

Faço o que ela quiser se continuar me olhando daquela forma.

— Lana...

— Daniel, não seja um frouxo e caía no jogo dessa mocinha! — Aproxima-se de nós e pega a pequenina de mim.

— Mas...

— Ela vai para o banho! — Leva a pequena que chora sentida.

Tadinha, ela só queria ver desenho. Por que tanta crueldade com alguém tão pequeninha?! Mas como perdi a batalha continuo fazendo a minha tarefa, e não demora para escutar as gargalhadas de Nina enquanto brinca com a água.

Nossa, como crianças se recuperam rápido de uma tristeza!

Escuto alguém bater na porta. Estranho, pois não conhecemos ninguém aqui. Quando abro, me deparo com a síndica, uma mulher na faixa de uns trinta e poucos anos, muito bonita, mas seu jeito provocativo é bem apelativo, notei isso desde o dia que vim ver o apartamento sozinho.

— Boa tarde, Sr. Collins.

— Boa tarde, Sra. Lee. Posso ajudar em alguma coisa?

— Ah, não, pelo contrário. Meu marido me contou que estava de mudanças hoje, vim ver se não precisa de alguma coisa. — Olha-me de cima a baixo.

Noto uma movimentação atrás de mim, rapidamente vejo Lana colocar Nina já tomado banho e trocada no sofá para ver um pouco de tevê.

— Querida, venha até aqui, por favor. — Chamo por Lana.

Assim que ela se aproxima, abraço-a pela cintura e beijo seus cabelos.

— Esta é a Sra. Lee, é a síndica do prédio, na verdade, ela e o marido cuidam de tudo por aqui. Sra. Lee, essa é Lana, minha namorada. Ela quem irá morar de fato aqui, já que eu fico mais do quartel pelo trabalho.

— Ah, não sabia que morava com sua namorada. Muito prazer, querida. — Sra. Lee soa sarcástica.

— Muito prazer.

Lana como sempre é muito educada e gentil.

— Moro com ela e com nossa filha, Mia.

— Vocês têm uma filha? — Seus olhos se arregalam ainda mais.

— Sim, tem três aninhos. — Digo orgulhoso.

Sem aviso nenhum, Lana abraça meu pescoço e me lasca o maior beijão na frente da síndica, sem pensar duas vezes retribuo e sinto o sabor que me faz delirar só de imaginar.

— Mm, perdão, desculpe, Sra. Lee! Mas meu namorado é tão lindo e gostoso que não resisto! Se nos der licença, estamos ocupados. — Lana não dá a chance nem da mulher responder, fecha a porta e volta a me beijar

enlouquecidamente.

— Querida, Nina está aqui na sala, sejamos mais decentes. — Digo e ela gargalha.

— É verdade, tem razão, mas não resisti quando chamou ela de *nossa* filha. Acho que foi a frase mais sexy que já me disse. — Ri alisando meu rosto. — Se não fosse *nossa* filha acordada e com fome, juro que ficaria de quatro, literalmente, sobre à mesa, para que você me comesse bem forte por trás.

— Caramba, Lana! Não fala essas coisas assim! — Sinto-me duro imediatamente.

— Vem cá. — Me puxa para a cozinha e ficamos escondidos atrás da geladeira. — Esta noite vamos estrear a cama, quero te chupar inteiro e quero que me foda bem gostoso!

Uau! Ela está com tesão mesmo!

— Farei isso! Vou te comer do jeitinho que mais gosta, quer?

— Sim! — Alisa os seios em mim quando se inclina para me beijar.

— Definitivamente eu sou louco por você.

— E eu por você. — Diz mordendo meu lábio inferior. — Espera, como assim sou sua namorada?

— Ué, achei que já tivesse entendido isso.

— Você nem me pediu. — Dá de ombros.

— Opa, desculpe! — Ajoelho-me a sua frente e segurando sua mão, peço da maneira mais romântica que consigo. — Lana, você aceita namorar comigo?

— Mm, vai depender de como será nossa noite. Se me der alguns orgasmos bem gostosos, eu aceito!

— Uau, que missão! Mas como um bom militar, não irei fugir dessa missão, afinal: missão dada, é missão cumprida!

— Gosto assim, meu Capitão! — Inclina para me beijar e eu a abraço.

Depois de passarmos uma noite incrivelmente quente e de uma manhã ainda melhor, na qual a fiz gozar várias e várias vezes ganhando meu título de namorado, vou para o quartel. Preciso fazer algumas coisas antes do almoço. Fico responsável por passar alguns treinamentos aos sargentos, para que eles repassem aos soldados.

Infelizmente isso significa ter que aguentar Eric.

— Tenho permissão para falar, senhor? — O infeliz me olha.

— Tem. — Digo com desprezo.

— Então é verdade, senhor? — Puxa o assunto.

Sabia que ele tocaria no assunto de Lana.

— O quê? — Me faço de desentendido.

— Que tirou a puta de lá e a assumiu como namorada.
Sem pensar duas vezes agarro seu braço.

— Olha como fala dela, sou seu superior e *exijo* o máximo de respeito!

Ele engole com dificuldade, acho que pelo meu tom deixei claro que não aceitaria nenhum comentário infeliz novamente.

— Desculpe, só quis saber se era verdade.

— Não que seja da sua conta e de mais ninguém aqui, mas, sim, Lana não trabalha mais lá e a partir de agora é oficialmente a minha namorada. Então, exijo que a respeitem e se eu souber que você ou mais alguém está falando mal dela pelas minhas costas, terão um sério problema, entendeu?

— Sim, senhor. — Limita-se a dizer.

Mas vejo que em seus olhos passa algo do qual não vou gostar de saber.

— Desembucha, o que foi?

— Com todo o respeito, *senhor*. Não o julgo, ela era maravilhosa no que fazia, não seria difícil se apaixonar mesmo.

Sem pensar duas vezes dou-lhe um soco bem dado no meio do rosto, por julgar o barulho, creio que seu nariz se quebrou.

— Estou tentando manter o máximo de respeito aqui, Sargento. Mas talvez seja preciso uma outra abordagem em relação a sua postura. Sou um homem justo e correto, porém se continuar a se comportar assim e me faltar com respeito, talvez seja melhor te rebaixar e mandá-lo de volta para sua base de formação.

Seus olhos se arregalam e ele engoli sua prepotência, enquanto o sangue toma conta de seu nariz e boca.

— Desculpe, senhor. Prometo que não se repetirá.

— Assim espero, pelo seu bem.

Antes de ir para o apartamento, passo em uma floricultura e compro um buquê de flores, uma caixa de bombom e um ursinho. Quero fazer uma surpresa para Lana e para a pequena Nina, assim que estaciono o carro na garagem do prédio ouço meu celular tocar.

É Allison.

Nossa, havia muito tempo que não falava com meu amigo.

— Alô, quanto tempo! — Alegro-me.

— Oi, Dan! Cara, você sumiu. Nenhuma ligação. Nenhuma mensagem. Você só sumia assim quando estava com a... — Se cala por um momento. — Desculpe, não quis ser tão idiota.

Ele quis se referir a Lucy. É, eu sempre sumia quando estávamos juntos, pois meu tempo era todo dedicado a ela quando voltava de alguma missão.

— Tudo bem, não faz mal. É, eu sumi um pouco, desculpe, como você está?

— *Estou bem, cara! Fazendo as mesmas coisas de sempre!* — Ri.

— Então significa que está transando cada dia com uma e quebrando o coração de todas!

— *Bem por aí, e você?*

— Estou ótimo. Conheci uma pessoa, ela é incrível, engraçada, doce, inteligente, linda, sexy... — Suspiro.

— *Não acredito, Dan! Não sabe como fico feliz, cara! Eu tenho que confessar que achei que nunca fosse superar a Lucy! Que bom que tirou um pouco a imagem dela de sua cabeça e conheceu uma nova pessoa!*

Imagem. Nova pessoa.

Sim, hoje eu vejo Lana como uma pessoa única, nada parecida com Lucy, mas se todos que conheceram Lucy me vissem com Lana, não iriam entender. Tenho certeza que pensariam o pior, que estou usando Lana; isso não é verdade. Nunca a usei, nunca mesmo, nem quando ainda estava confuso. Nunca!

— É. Com certeza! Estamos praticamente morando juntos, é recente, mas ela já significa muito para mim.

— *Fico muito, muito feliz, Dan!*

— Ela tem uma filhinha, é linda, sério, uma garotinha incrível!

— *É a sua cara mesmo, você sempre quis uma família e sempre teve um coração muito maior do que a maioria de nós. Mas estou ansioso para conhecê-las! Então, fico feliz em dizer que daqui duas semanas chego aí! Consegui alguns dias de folga e vou te visitar!*

— Sério? — Tento fingir uma empolgação, mas a verdade é que fico apavorado.

Não quero que ele veja Lana, não ainda, preciso de tempo, quero que ela se sinta segura em relação a mim, e então, contarei de sua incrível semelhança com Lucy. Tenho medo de contar agora e ela se apavorar e me deixar!

Não, ela não pode me deixar. Eu... eu a amo!

— *Sério! Espero que sua garota te deixe dar uns perdidos comigo!*

— Ela não te conhece, não sabe o perigo que é.

— *Mas logo irá me conhecer!* — Ri alto.

Droga!

Capítulo 12.

Lana está terminando de fazer o jantar quando entro com os presentes nas mãos, assim que me vê, um sorriso maravilhoso surge em seus lábios. Aproximo-me dela e sinto a necessidade de abraçá-la o mais forte que consigo sem a machucar.

— Dan, está me sufocando! — Brinca e eu a solto. — Por que tudo isso?

— O ursinho é da Nina, não seja gananciosa! — Rio e o coloco no balcão. — Agora os chocolates e flores são para você, queria pedir oficialmente que seja minha namorada, minha garota...

— Dan, já aceitei ser sua garota há muito tempo. — Puxa meu rosto com delicadeza para poder beijar meus lábios.

Não consigo evitar e um medo terrível de perdê-la me atinge. Volto a abraçar, quero que sinta o quanto é especial para mim e que realmente me apaixonei por ela e apenas por ela.

— Você é muito importante para mim, Lana. — Beijos seus lábios mais uma vez.

— Você também é muito importante para mim, não só por ter me dado uma nova chance, uma nova vida, mas também, por ter me feito se apaixonar como uma adolescente boba. — Se encolhe tímida. — Quando dá a hora de você chegar, sinto minha barriga gelar. Só de imaginar que irei beijar e fazer amor com você a noite toda, meu Deus, saber que é você e apenas você que irá me tocar... Dan, eu estou completamente apaixonada por você. — Se declara com total sinceridade e amor nos olhos.

— Jura? Jura que se sente assim em relação a mim?

— Juro! Você mal entrou na minha vida e já se tornou parte dela, uma parte fundamental da qual tenho até medo, pois sem você, hoje me sentiria sem chão. E não por ter me dado tudo isso. — Gesticula apontado para todo o ambiente. — Isso aqui é o de menos, eu me viraria da forma que fosse para Nina ter um teto, mas sofreria terrivelmente sem ter você ao meu lado. Eu te amo, Daniel Collins.

— Eu também estou completamente apaixonado por você, Lana. Por você. Não por sua aparência. Não por sua imagem. Mas por você e mais ninguém. Você. — Digo a olhando bem nos olhos. — Por favor, lembre-se sempre disso.

— Amor. — Me abraça forte.

A maior prova de que estava completamente apaixonado por ela e que não tinha nada a ver com Lucy, era o fato de eu nem ter ido atrás de saber o porquê de serem tão semelhantes, com toda certeza tinha um parentesco aí, mas não me importava.

Lana era a Lana. Única e incrível. Ela era minha loucura, eu a amava de uma maneira que até me doía a alma imaginar que pudesse me deixar.

Acredito que Lucy não se sentia traída, pois sabia que enquanto esteve viva, meu único amor foi ela, sempre fui fiel, sempre a venerei, ela era minha base. E hoje, eu ainda a amo, sempre irei amar, não só por ter sido meu primeiro amor, mas por ter sido minha melhor amiga e fiel amante. Porém, meu sentimento é de amor e admiração há alguém que já se foi, alguém que vai deixar marcado na minha alma sua presença para sempre, assim como amo e admiro meus pais e avós que também se foram.

— Tenho uma ótima notícia! — Diz empolgada.

— Qual?

— Graças a Deus consegui um emprego! — Sua felicidade não cabe em si.
— Um ótimo emprego! Paga relativamente bem e me dá plano de saúde, qual incluí a Nina, o horário é bem suave e é pertinho daqui.

— Sério?! Não creio, onde?

— Vou trabalhar de secretaria em um dos melhores escritórios de advocacia da cidade! Conversei com o Sr. Lewis hoje, ele é o advogado chefe de lá, disse que me achou bastante disposta a aprender e eu que poderia começar daqui dois dias! Fiquei tão animada que gastei até um pouco das minhas economias comprando roupas elegantes; saias, blazers e camisetas. Ah, claro, sem falar dos sapatos!

— Fico muito feliz, de verdade! Com certeza você tem capacidade, mas me responda uma coisa: este tal Sr. Lewis, é jovem? — Franço a testa.

Ela ri.

— Está com ciúme?

Não respondo.

— É jovem? — Insisto.

— Ah, deve ter uns trinta e poucos anos.

— É bonito?

— Dan! — Revira os olhos.

— É só uma pergunta. — Finjo inocência.

— Feio ele não é. — Olha-me descontraída.

— Mais bonito que eu? — Brinco.

— Ah, isso não! Você é mais, gato! — Provoca-me alisando meu membro sobre o tecido da calça. — Você me deixa com água na boca, sabia?

— Deixo? — Seguro sua mão mais firme em mim.

— Deixa! — Sussurra. — Nina dormiu, então acho que vou te chupar agora!

— Vai me fazer gozar na sua boca?

— Vou. Vou beber tudinho, e depois, deixo você gozar novamente onde quiser em *mim*.

— Onde eu quiser? — Arregalo os olhos.

— Sim, onde quiser!

— Que tal você desligar estas panelas e a gente foder aqui mesmo? — Enfio um dedo em seu decote e livro um seio.

— Sim! — Geme manhosa.

— Deite-se sobre aquela maldita mesa, agora! — Ordeno.

— Mas eu quero te chupar! — Faz beicinho.

— Depois, amor. Agora estou tentado a gozar em você, em todos os lugares!

Ela parece muito excitada com a ideia, livrando-se de tudo que estava sobre a mesa.

Antes que ela termine de me obedecer, decido:

— Fique nua, totalmente.

Sem pensar duas vezes ela abandona as roupas no chão da cozinha e se deita sobre a mesa de barriga para cima. Quando estou prestes a pedir que abra as pernas, parecendo ler meus pensamentos, ela apoia cada pé sobre os encostos das cadeiras, isso a deixa completamente escancarada para mim. Olhando-me com malícia, ela agarra os próprios seios e começa a estimular seus mamilos, fazendo com que fiquem duros rapidamente enquanto mantem os olhos em mim.

Cacete!

Ela geme alto quando desliza suas mãos para o meio de suas pernas, onde começa a acariciar de maneira delicada suas dobras succulentas. Vou me despindo enquanto a observo hipnotizado.

Já completamente nu, começo a me masturbar recostado a pia. Meu tesão vai as alturas quando meu olhar encontra o dela, acho que nunca vi uma cena tão sexy em toda a minha vida: ambos se masturbando enquanto nossos olhares se devoram. Ela desejando meu corpo. Eu desejando o dela. Sentimos prazer imaginando um ao outro.

Meu Deus, que delícia!

— Dan, amor... — Geme rebolando seus quadris enquanto penetra um dedo em seu interior úmido.

— Me imagine te penetrando fundo. — Digo com a voz rouca. — Estou escorregando para dentro de você...

Ela fecha os olhos com força e afunda mais um dedo dentro de si, aumentando o ritmo, enquanto sua respiração fica mais rápida.

— Pequena, estou te fodendo tão fundo, que ambos estremecemos.

Ela grita.

— Você se lembra de quando te fiz tremer toda com meu pau te fodendo bem rápido?

— Sim! Sim! Sim! — Seus dedos fazem tanto barulho entrando e saindo que a imagino completamente molhada e receptiva.

— Se lembra de quando eu estava te comendo por trás, por aquele lugarzinho bem apertado e gostoso? — Ela volta a gemer alto. — Enquanto enfiava meus dedos dentro de você, te fazendo gritar e quase desmaiar com um orgasmo forte?

— Por favor! — Implora com as pernas tremendo, interrompo minha masturbação e as seguro, mantendo-as bem abertas enquanto ela continua a se penetrar com os dedos.

— Vou te comer mais tarde novamente por trás e vou te foder tão forte, que vai desejar que eu não pare nunca mais!

— Dan! — Grita gozando na própria mão, molhando completamente o interior de suas coxas.

— Porra! — Sem esperar um segundo substituo seus dedos por meu membro duro.

— Ah! — Ela grita alto.

Vamos acordar a Nina desse jeito!

Inclino-me tomando seus lábios para mim, enquanto crio um ritmo entre nós, começo a fodê-la de maneira rápida e funda, ela estremece sob meu corpo e, isso me deixa completamente louco.

— Aí, amor. — Ela geme em meu ouvido. — Eu sinto tanto tesão por você, que as paredes dentro de mim sugam desesperadamente este seu pau enorme e grosso. Quero você para sempre dentro de mim. Isso, aí que delícia, amor!

Eu urro cravando os dentes na curva de seu pescoço, seu perfume maravilhoso me toma por completo e acho que vou gozar enlouquecidamente dentro dela.

— Depois irei ficar de quatro nesta mesa, desejando que você me coma daquela maneira que ambos amamos, quero sentir suas mãos agarrando minha cintura, ajudando meu corpo se chocar com o seu. Quero sentir você entrando e saindo de mim com força e tesão. Quero que goze na minha bunda!

— Caralho! — Agarro sua bunda e a levanto um pouco da mesa, o que me dá mais profundidade.

Eu a penetro como um louco, levando ambos ao ecstasy!

— Olhe como estou por você, Dan! — Ela desliza os dedos até o meio de suas pernas e os umedece em seu próprio fluído. — Não para, amor! Não para nunca mais!

Então é a minha vez de umedecer um dedo em seu fluído, ela me observa

enlouquecida, quando o vejo completamente lubrificado deslizo para o meio de suas nádegas, lentamente introduzo em seu ânus, fazendo com que ela estremeça completamente.

— Amor! — Geme de uma maneira que me enlouquece.

— Isso! Isso, amor! Goza de novo. Goza no meu pau, agora! Vamos lá! — Me aperto contra ela, deixando-a totalmente preenchida.

— Não pare! — Sem intensão alguma de parar, esfrego minha pélvis em seu clitóris, voltando a penetrar com força: uma, duas, três vezes... dez vezes. — Aí, Dan! — Explode em um orgasmo violento.

Vê-la tão maravilhada é demais para mim e acabo gozando ao acompanhá-la.

— Nossa... — Caio sobre seu corpo e ela me abraça com as pernas e os braços.

— Muito melhor assim, né? Sem preservativos! — Diz ofegante em meu pescoço.

— Sim, muito melhor!

Nos últimos dias nós fizemos exames de sangue para ver se estávamos saudáveis e após o resultado ser positivo, graças a Deus, ficamos livres para curtirmos nosso amor sem precisar de um preservativo entre nós.

Pele com pele era muito melhor!

— Não se preocupe, estou tomando a injeção certinho! — Ela beija meus lábios com carinho.

— Ok, mas sabe, quando tudo estiver bem e nada mais nos preocupar, talvez possamos dar um irmãozinho para Nina, ou irmãzinha, tanto faz, mas quero aumentar essa família para uns quatro filhos!

Lana ri nervosamente.

— Quer ter mais três?

— No mínimo! — Concordo animado.

— Meu Deus! Vamos com calma, aí! Por ora, vamos só treinar, ok? — Alisa o nariz em meu pescoço.

— Sim, vamos treinar muito!

Lana está adorando o novo emprego, ouvir sua animação a noite é contagiante e encantador. Ainda me sinto um pouco receoso pelo chefe dela estar dando elogios demais para quem acabou de começar. Não confesso isso a ela, não quero que sinta que não a acho capaz para o cargo, tento dar o maior apoio que consigo.

— Então ele conseguiu provar que o vizinho estava mesmo roubando! Dan,

sério, o Sr. Lewis é muito inteligente. — Diz animada.

Ela está entre minhas pernas, enquanto estamos sentados no sofá.

— Mm, você elogia muito ele. — Resmungo.

— Não seja bobo, só acho ele um incrível profissional.

— Mm, sei. — Faço careta e ela ri.

— Sabe, queria te perguntar uma coisa. — Vira o rosto em minha direção e beija meu queixo.

— Pode perguntar.

— Você não tem nada a ver com meu emprego, né?

— Não, por quê?

— Sei lá, talvez tenham colocado alguma coisa na minha ficha falsa, pois não acredito que me contrataram ainda sem experiência.

— Contrataram porque viram o quanto você é dedicada e capaz, fico muito feliz que esteja se saindo bem.

— Obrigada. Agora, vem cá. Por que está tão inquieto?

— Nada, acho que estou ansioso, um velho amigo chega amanhã.

— Sério? Quer que eu prepare um jantar aqui em casa? — Se anima.

— Ah, querida, não se preocupe com isso. Ele também é militar e bem grosseiro, sabe? Acho melhor mostrar um pouco à cidade e sair para beber alguma coisa.

— Ah. — Sinto que ela fica chateada.

— Ei, não fica assim.

— Dan, você tem vergonha que ele me conheça? Que saiba do meu passado como prostituta?

— O quê? Não. Claro que não! Primeiro, seu passado é o *seu* passado, se quiser contar para alguém, ok. Senão, é um direito seu e só seu! Segundo, nunca tive e nem terei vergonha de você. Não me importo com a opinião de ninguém, eu sei quem é você. Sei por quem me apaixonei.

— Jura?

— Eu juro, amor. O problema é Allison, ele é grosseiro e meio babaca as vezes. — Minto.

Não minto em questão de sentir vergonha dela, nunca senti mesmo e nunca sentiria. Mas, menti sobre Allison, ele é incrível e adoraria que se conhecessem, só não acho que seja o momento certo. Não sei se Lana me ama o suficiente para entender sobre Lucy, sobre ser tão idêntica a ela. Idêntica para os outros, não para mim.

— Ok. — Beija-me.

— Vai se importar se eu dormir com ele no quartel por alguns dias?

— Você não tendo um caso com ele, tudo bem. — Brinca.

— Ei, ele não faz meu tipo! — Provoco e ela ri.
— Sabe, para um capitão, você é muito amável e bonzinho.
— Ah, querida, não devia ter me dito isso.
— Por quê?
— Porque agora quero te mostrar do que um capitão é capaz de fazer.
— E do que é capaz? — Provoca-me.
— Levanta-se e tire a camisola.
— O que irá fazer? — Sua respiração se acelera.
— Mandei tirar a camisola. — Ordeno e rapidamente ela fica em pé me obedecendo.

Capítulo 13.

Lana.

Já tinha quase uma semana que não via o Daniel, desde que seu amigo chegou à cidade ele pareceu ficar ocupado demais, nos falávamos todas as noites ao celular, mas era tão estranho ficar sem o ver por tanto tempo. Honestamente, não sabia dizer quando foi exatamente, mas me apeguei demais a ele, não só por tudo que fez por mim e por Nina, o que já era motivo de sobra.

Droga, era muito, muito estranho dormir em minha cama sem ele, me sentia solitária, a cama era grande demais e fria demais sem seu corpo para me aconchegar. Sempre que estávamos falando ao celular me deitava na cama e ficava imaginando que ele estava ao meu lado, como se eu fosse uma adolescente tola. Talvez seja exatamente isso que tenha me feito se apegar tanto, Dan era meu amor de adolescência: puro e genuíno.

— *Também estou com saudades, amor.* — Diz sincero.

— Quando você virá para casa? É horrível dormir aqui sem você. — Choramingo.

— *Allison irá embora amanhã à noite, então assim que ele for, vou direto para aí.*

— Ok, estarei te esperando.

— *Nina, como ela está?*

— Ela pergunta todos os dias sobre você, está com saudade.

— *Também estou com saudade dela, diz que quando voltar vou levar um presente!*

— Você deveria parar de mimá-la tanto!

— *Não, eu não acho. Quando ela me olha, pronto, já ganha tudo de mim!*

— Sei como é... — Rio.

— *Mas me conte, como foi seu dia?*

— Foi muito bom, Sr. Lewis teve um almoço importante e me levou para o acompanhar, fiquei um pouco intimidada com tantos homens importantes, mas me saí bem! Ajudei nas anotações e aprendi muito, foi inspirador! — Digo orgulhosa de mim.

— *Fico muito feliz por você, querida.*

— O que foi? Seu tom mudou.

Ele estava com ciúmes?

— *Nada.*

— Por favor, me diz.

— *Argh! É que o Sr. Lewis me parece ser o homem perfeito!*

— Está com ciúmes?

— *Preciso estar? Ele é galanteador?*

— Claro que não, Dan! Ele não me interessa em nada e, nunca, nunca me faltou com respeito.

— *Desculpe, é que estou com saudade e saber que o Sr. Perfeito está passando mais tempo com você do que eu, me deixa um pouco enciumado. Perdão, espero que continue se saindo maravilhosamente no trabalho, de coração desejo isso.*

— Eu sei. Sabe, até gosto desse seu *ciuminho* bobo, me dá um certo tesão saber que você não quer que mais ninguém me toque, me desfrute, me domine...

— O provoco.

— *Lana, não faz isso, não quando estou longe.* — Sua respiração parece irregular.

— Amor, estou só de toalha deitada na cama... sabe, estou sentindo o meio de minhas pernas pulsar só de te ouvir, juro, sou capaz de ficar molhada apenas com isso: sua voz!

— *Caralho, Lana!* — Geme.

— Dan, — Solto o ar lentamente. — Queria que você pudesse estar aqui, iria abrir bem as pernas e olharia nos seus olhos implorando que passasse sua língua fodidamente maravilhosa entre minhas dobras úmidas.

— *Lana, caralho!* — Escuto uma porta se fechar. — *Sério, se continuar a me falar essas coisas terei que me masturbar no banheiro.*

— Não iria precisar se viesse aqui. Estaria de pernas bem abertas na cama, dando a melhor visão quando atravessasse a porta, estaria gemendo seu nome enquanto penetrava meus dedos em meu interior quente e macio. — Gemo. — Dan, minhas coxas estão tremendo, estão esperando suas mãos a tocarem, sua língua se perder nelas... ah, amor, como desejo você me fodendo bem gostoso!

— *Quando eu te ver, juro que vou te foder tanto, mais tanto, que terá que pedir, ou melhor, implorar para eu parar!*

— Estou contando os minutos! — Aperto uma coxa na outra para aliviar o tesão que sinto.

— *Eu também! Sinto muito, querida, mas Allison está me esperando.*

— Ah, ok. — Digo tristonha. — Boa noite, até amanhã.

— *Boa noite, querida. Durma bem e sonhe comigo te fodendo.*

— Antes disso, pode ter certeza que irei me masturbar pensando em você.

— *Jura?* — Parece extasiado.

— Sim! Vou foder meus dedos pensando neste seu pau enorme!

— *Porra, Lana!*

— Vá, não deixe seu amigo esperando, estarei aqui amanhã.

— *Isso! Isso mesmo, estará aí, me esperando de pernas abertas!*

— *Abertas e molhadinha!*

— *Sim, molhadinha!*

— *Tchau, amor.*

— *Tchau, te amo.*

É o tempo de encerrar a ligação e me livrar totalmente da toalha para começar a me tocar. Sério, teria mesmo que me masturbar pensando em Dan, caso contrário, teria uma noite horrível!

Acordo cedo e arrumo Nina, como é sábado, eu não trabalho, irei levar minha pequena para tomar café fora e passear no parquinho aqui perto mesmo. Está frio, então a agasalho bem, seu nariz está vermelhinho enquanto andamos pela rua, quero a pegar no colo, mas, independente que é, insiste em ir andando e correndo pela calçada.

De repente a vejo dar um gritinho e apontar para dentro de uma cafeteria, não era qual pretendia a levar, essa é mais caro e muito refinado para nossos paladares, mas quando vejo Dan sentando à uma mesa com um outro homem, entendo o porquê dos seus gritinhos.

— Tio! Quero o tio, mamãe! — Grita me puxando para dentro.

Não queria atrapalhar Daniel com seu amigo, mas acho que um oi não iria matar.

— Calma, Nina! Já vamos! — Começo a caminhar até a mesa, enquanto Nina corre na frente.

— Tio! — Ela grita agarrando seu braço.

Ele se assusta com o ataque, mas quando a reconhece, o vejo arregalar os olhos e ficar paralisado por alguns segundos.

O que é isso?

— Desculpe interromper, mas ela te viu e quis dizer oi. — Digo chamando a atenção de ambos.

Nina continua agarrada a um Daniel pálido e tenso, não se move nem para a pegar, a menina está implorando por sua atenção e ele parece em choque demais para reagir.

Que diabos está acontecendo com ele?

— Que porra... — Seu amigo ao me ver fica em pé rapidamente, encarando-me como se visse um fantasma.

Meus olhos vão em sua direção, ele me olha como se eu fosse de outro planeta. Talvez Daniel tenha contado do meu passado, para ser mais específica: com o que eu trabalhava.

— Lana, o que está fazendo aqui? — Dan reage se levantando, enquanto pega Nina no colo.

Nossa. O que houve?

— Estava indo levar Nina para tomar café da manhã fora, então ela te viu e quis dizer oi, só isso, não sabia que ia te incomodar tanto assim. — Soou magoada.

— Daniel, que porra é essa?! — Seu amigo, o qual imagino ser Allison, o olha sério, muito sério.

Não entendo nada, será que seu amigo estava o convencendo a me deixar, talvez seja por isso que ele sumiu. Contou ao amigo o que eu era, ou melhor, o que eu fui e, ele estava tentando o convencer que não valia a pena se envolver com alguém como eu.

Talvez, Daniel tenha até usado essa ausência para dizer que havia terminado comigo.

Será que estava viajando demais?

Não. Não estava. Daniel estava constrangido demais, com medo demais, diria até que estava em pânico com minha presença.

— Allison, fique aqui! — Diz enquanto literalmente me empurra para fora do café enquanto carregava Nina.

— Daniel! — Protesto quando chegamos à calçada.

— Lana, vá para casa, assim que der vou até lá e conversamos.

— Nossa, é tão constrangedor assim você me apresentar a um amigo? — Pego Nina de seu colo e sinto meus olhos se encherem de lágrimas.

— Lana, não, não é nada disso! — Tenta tocar meu rosto, mas me afasto.

— Tudo bem, eu entendo. — Digo passando uma mão em meu rosto para limpar as lágrimas que estavam caindo.

— Mamãe? Por que está chorando?

— Não é nada, querida. — A beijo.

— Lana, por favor. — Daniel tenta se aproximar, mas me afasto novamente.

— Entendo, sério, deve ser difícil mesmo, mas você disse que não tinha vergonha, foi por isso que nos aproximamos. Infelizmente não posso mudar o que fiz, Daniel. Desculpe se é demais para você, talvez estejamos fazendo tudo errado e nada disso...

— Ei, não! Não vá por esse caminho! — Implora passando os braços em volta de mim.

Nina e eu ficamos protegidas ao seu redor, seus lábios tocam minha testa e vejo minha filha alisar o rosto dele.

— Está pinicando! — Ela ri.

— Lana, juro por tudo que quiser, não tem nada a ver com isso, nada! Não

precisa se sentir insegura em relação ao seu passado, eu juro, não me importo com o que tenha feito, não me importo e nunca vou me importar e a defenderei de quem for contra isso! Acredite em mim, minha reação estúpida e grosseira foi porque eu cometi um erro, Allison é um velho amigo... enfim, deixe-me explicar tudo mais tarde. Promete que vai me escutar? Promete que não vai pensar besteira?

— Daniel...

— Olhe nos meus olhos. — Pede.

Eu não consigo evitar, olho em direção aos seus lindos olhos.

— Não estou mentindo, não tenho vergonha de você. Não tenho, amor!

Promete que não vai pensar isso de mim? Promete?

Ele se aproxima e beija com delicadeza meus lábios. Por mais raiva e magoa que esteja sentindo, seus lábios me dão um pouco de paz e confiança de que tudo tem uma explicação.

— Ok, nós falamos à noite.

— Isso! Obrigado, obrigado! — Respira aliviado.

— Volte para seu amigo, iremos tomar café agora. — Forço um sorriso.

— Sinto muito pelo que acabou de acontecer.

— Eu sei.

Ele parece receoso de nos deixar, mas quando vê seu amigo se aproximar, rapidamente volta a me beijar e a Nina, nos pedindo para irmos embora. Como não quero ficar mais ali remoendo uma dor e culpa que carregarei pelo resto da vida, decido obedecê-lo, mas não consigo fazer o que havia dito a ele. Não consigo tirar da cabeça que ele estava com vergonha de mim e de Nina.

Talvez o conto de fadas esteja chegando ao fim, afinal, na vida real, nem sempre o príncipe encantado fica com a pobre garota.

Capítulo 14.

Daniel.

— Daniel, que porra é essa?! Meu Deus, é a Lucy? QUE. PORRA. É. ESSA?!— Allison grita ainda parado ao meu lado.

— Você precisa se acalmar e me deixar explicar!

— Por favor! — Cruza os braços.

Conto a história toda; que a conheci em um bordel, que logo de cara fiquei obcecado por sua aparência, mas conforme fui a conhecendo e me envolvendo com sua história, acabei me apaixonando perdidamente por ela: Lana. E apenas Lana.

Não via mais semelhança alguma entre elas, era como se nem fisicamente fossem iguais, pois Lucy passou a ser alguém que amei e que sempre irei amar, mas Lana, Lana tinha se tornado a mulher que havia roubado meu coração para si. Seu jeito forte, meigo e sexy ao mesmo tempo, o modo como colocava seu coração na filha, o jeito que decidiu lutar contra tudo mesmo sabendo que não tinha muitas chances e ainda assim venceu.

Minha Lana era incrível!

Eu conseguia ver a mulher incrível e maravilhosa. A mulher que despertou em mim o melhor sentimento do mundo!

— Por que elas são tão parecidas?

— Não sei, no começo me aproximei dela exatamente para descobrir isso, mas o tempo foi passando e isso foi virando um detalhe, até que hoje não me faz a menor diferença, pois elas não são a mesma pessoa. Uma teve meu coração e terá sempre meu carinho, já a outra me tem nas palmas da mão, se ela quiser, pode acabar com meu coração sem muitos esforços.

— Ela sabe? Sabe de Lucy?

— Sabe que tive uma noiva, que ela faleceu, também sabe que são parecidas, mas não idênticas.

— Meu Deus, Daniel! Por que não contou?

— Tenho medo. E se ela achar que estou com ela só por lembrar a Lucy? E se não acreditar em mim? Imagine se envolver com alguém, se apaixonar e depois descobrir que é idêntico ao ex dela?

Ele não responde.

— Tenho medo que ela não acredite que eu a amo, tenho medo que pense que quando estou com ela fico me lembrando de Lucy. — Levo as mãos na cabeça. — Ela vai achar que transo com ela pensando em outra! E isso é completamente errado, pois sou louco por ela, louco!

— Desculpe, mas não vejo outro desfecho para isso! Qualquer pessoa pensaria assim e não tem o que fazer, mas você precisa contar a verdade, não pode esconder algo desse tipo, é errado demais, Daniel! E olhe que sou *eu* dando um conselho sério!

— Eu sei, só quero a deixar confortável e confiante antes de dizer. Ela já acha que tenho vergonha pelo seu passado, o que é besteira, imagina se souber de sua semelhança com Lucy?

— Cara, só conte logo!

— Eu vou.

No momento certo.

Abro a porta do apartamento e encontro a Lana dormindo encolhidinha no sofá, não consigo evitar, tiro meus sapatos e meias, jogo minha camiseta sobre o sofá livre e me deito lentamente ao lado dela. Fico observando seu lindo rosto, seu nariz está vermelho e suas pálpebras estão inchadas, ela havia chorado e muito.

Merda!

Deveria deixá-la dormir, mas não me aguento, aliso o dorso da mão em sua face delicada, aproximo meus lábios de sua testa e distribuo beijos suaves em sua pele quente e macia.

Vocês só têm as faces iguais, amor. Apenas isso. E mesmo assim, para mim, para o meu coração, são completamente diferentes. Seu toque, seu cheiro, seu jeito, sua personalidade, todo o resto são únicos e eu amo isso. Será que um dia você irá acreditar em mim? Será que entenderá que eu amo você, e apenas você?

Tenho tanto medo que me deixe, você me deu um propósito, me deu esperança e uma família, amor. Você me deu tudo e em troca levou meu coração. Por favor, não o destrua!

— Dan... — Espreguiça-se enquanto seus olhos procuram pelos meus.

— Oi. — Sorrio com tristeza enquanto continuo alisando seu rosto.

— Chegou faz tempo? — Sua voz é baixa e tímida.

— Não. Você andou chorando, né? — Beijo a ponta de seu nariz.

— Sim, um pouco.

— Olhe para mim, por favor. — Peço. — É verdade o que eu disse: não tenho vergonha de você, Lana. Tira isso da sua cabeça, seu passado não é um problema para mim, amor. Não é. Eu juro!

— Então por que nos tratou daquele jeito? — Diz magoada.

— Allison é meu melhor amigo, era um dos melhores amigos de Lucy também, ele sofreu muito com a morte dela, mas diferente de mim, ainda não

estava preparado para me ver com outra pessoa. Queria o acostumar com a ideia primeiro, você não o conhece, mas ele é muito, muito apegado.

— Dan... — Me olha como se não acreditasse naquilo.

Francamente, quem acreditaria?

— Sério, Lana, posso te jurar pela minha vida: aquela reação não foi pelo seu passado e muito menos por vergonha, juro!

— Você não tinha contado de nós?

— Tinha, mas tinha dito que estávamos nos conhecendo, não queria dizer de cara que, em pouco tempo, estava completamente apaixonado e morando junto da minha garota e da minha filha.

Seus olhos se arregalam.

— Filha?

— Claro, Nina é minha filha, não? Ela roubou meu coração mais rápido que você, sem falar, que a pequenina me adora. Não acha justo a chamar do que ela realmente é? Minha filha.

— Daniel Collins! — Agarra minha nuca e junta nossos lábios. — Eu amo você.

— E eu a você. Perdão pelo modo idiota que reagi.

— Tudo bem, amor.

— Perdão, nunca mais isso irá se repetir, prometo.

Já fazia um mês que Allison havia ido embora, Lana não me perguntou mais nada, pareceu entender que não me importava com seu passado e que nunca tinha tido vergonha dela.

Hoje era a festa do quartel e Lana iria comigo – como minha namorada – oficialmente, ia ser em um salão elegante e o traje era à risca, vesti minha melhor farda, coloquei minhas medalhas e ajeitei os últimos botões. Lana estava terminando de se arrumar no banheiro, não demorou muito para que ela quase me causasse um infarto.

Perfeita.

Maravilhosa.

Deslumbrante.

Isso tudo e muito mais.

— Meu Deus, que mulher mais linda. — Exclamo a olhando de cima a baixo.

Usando um vestido preto com decote discreto, mas que deixava muitas margens para a imaginação e uma fenda sexy nas pernas, ela estava me fazendo babar completamente. Seus lindos cabelos estavam arrumados em um coque que

deixava alguns cachos soltos ao redor de seu lindo rosto com maquiagem discreta.

— Não é linda? Comprei hoje! — Estende um pé para frente revelando uma sandália prata de salto altíssimo.

— Sexy para caralho! — Ofego.

— Sexy? Sexy é você com este traje! — Aproxima-se de mim e alisa meu peitoral sobre a farda.

— Gostou?

— Muito. Quando voltarmos, quero você me comendo com ela, entendeu?
— Seus lábios ficam próximos aos meus. — Capitão, quero ser punida. Muito, muito punida.

— E você será! — Digo com tom autoritário.

Seu corpo estremece e eu rio.

— Quero te chupar com esses saltos sobre meus ombros.

— Como quiser, Capitão.

— Espero que a partir de hoje, todos os seus medos de imaginar a loucura que tenho vergonha de você, sumam completamente.

— Acredito em você, amor. Hoje vejo que me ama e me respeita. — Alisa meu rosto com carinho.

— Ótimo! Vamos, antes que acabemos nesta cama! — A beijo rapidamente.

— Certo, só vou dar mais um beijo em Nina.

— Vamos, eu te acompanho.

Nina estava brincando com a babá e não estava nem aí para mim e para Lana, mas mesmo assim se esforça para nos beijar antes de voltar a brincar com suas bonecas.

Capítulo 15.

Lana.

Daniel não me soltava por nada, sempre muito amável e me apresentando a todos que se aproximavam como sua namorada. Estava me sentindo completamente feliz, pois pela primeira vez, sentia que realmente não tinha com que me preocupar, já que ele não havia mentido.

Meu Deus, ele realmente me amava e não se envergonhava!

Felicidade.

Euforia.

Gratidão.

Tudo isso misturado a um amor imenso; era tudo que sentia por ele.

— Está gostando? — Beija meus cabelos.

— Sim, muito. Obrigada, a noite está sendo maravilhosa. — Aliso meu nariz em seu rosto.

— Boa noite. — Escuto aquela voz que me causava náuseas.

Quando me viro, noto Eric me olhando com malícia e deboche, sinto o braço de Daniel ficar mais firme ao meu redor, como se quisesse me proteger daquele animal. Não me fiz de forte, queria mesmo que Daniel me colocasse entre seus braços e me protegesse, pois só de lembrar que um dia aquele animal do Eric me tocou...

Argh! Que nojo!

Ainda me lembrava da noite em que o desgraçado havia me deixado sangrando de tão violento que tinha sido, um calafrio percorre meu corpo. Dan deve ter sentido, pois beijou meu rosto e sussurrou com a voz suave:

— Estou aqui, amor.

Apenas assenti e respirei fundo.

Sim, ele está aqui!

— Boa noite. — Daniel responde formalmente.

Eu me nego, não falo nada.

— Está linda, Allana. Uma verdadeira dama. — Seu tom é nojento e o modo como lambe os próprios lábios me deixa com vontade de fugir.

— Mm. É a Lana. — É a única coisa que saí de minha boca.

— Lana?

— Sim, esse é meu nome.

Acho que vai me perguntar mais alguma coisa, mas apenas sorri debochadamente.

— Já apresentou sua linda garota para os demais, senhor? — Eric se dirige

ao Daniel.

— Sim, por quê?

— Nada, à toa. — Seu sorriso, claramente o desmentia, era óbvio que estava pensando algo.

— Se nos der licença. — Daniel me guia até irmos para a varanda do salão.

— Obrigada, estava precisando mesmo de ar.

Me apoio no parapeito e respiro o mais fundo que consigo.

— Não dê bola aquela idiota, não vale a pena. — Alisa minhas costas.

— Eu sei, mas... sinto nojo só dê o olhar.

— Amor, você nunca mais vai precisar conviver com aquele desgraçado, nunca mais.

— Ah, Dan... — Me viro o abraçando mais forte que consigo.

— Quer ir comer algo?

— Sim, mas antes vou ao banheiro.

— Ok, te espero aqui.

Eu o beijo.

Quando estou saindo do banheiro sinto uma mão agarrar minha cintura e me arrastar para uma sala ao lado. Meu coração parece bater na garganta, fazendo com que ficasse paralisada, não tive nem a reação de gritar.

Sinto meu corpo ser arremessado de encontro com uma parede, minha cabeça dá uma leve latejada com a pancada, fico tonta por alguns segundos, mas logo me recupero. Quando sinto aqueles lábios nojentos em mim, tenho quase certeza que vou vomitar.

— Ah, que saudade deste corpo gostoso! Quero te comer, *Lana!* E quero te comer aqui! — Eric se aperta contra mim.

— Eric, me solta! — Grito.

— Não se faça de santa, nós dois sabemos o quanto você gostava de foder comigo. Você gritava de prazer, sua puta!

— Eu gritava de dor! De nojo! Nunca foi de prazer, agora me solta! — Mordo seu ombro e o faço se afastar.

— Sua vadia! Você vai me pagar! — Sinto uma tapa forte em meu rosto, fazendo-me sentir uma dor imensa na cabeça.

Tento correr, mas a pancada na cabeça e a tapa me fizeram ficar ainda mais zozza, tentei, tentei muito me mover.

Vamos pernas, mexam-se!

Nada. Não me obedecem.

— Vamos! Vou te foder aqui mesmo, uma bem rapidinha para ninguém

notar! — Levanta meu vestido e rasga minha calcinha.

— Não! Não faz isso, Eric! Por favor, não faz isso! — Grito o mais alto que consigo.

— Abre a porra destas pernas! — Grita.

— Eric, não! — Berro.

Foi tudo muito rápido, de repente, Eric estava no chão. Daniel estava em cima dele e seus movimentos eram rápidos e certos. Socos. Muitos socos. Minha cabeça estava girando, estava quase desmaiando quando senti mãos me ampararem.

— Senhora, calma. — Um dos soldados estava me segurando pela cintura.

— Segurem o capitão! — Outro grita.

— Eu vou matar você, Eric! — Escuto o grito rouco de Daniel.

— Por que não posso comer ela de novo? — Eric cospe sangue no chão. — Já comi antes, já fodi com ela várias e várias vezes, qual a diferença agora?

Daniel volta a destilar mais e mais socos, até que finalmente, uns três soldados conseguem o tirar de cima de Eric.

Me sinto humilhada.

Me sinto completamente sem chão.

Minhas lágrimas caem como uma tempestade de verão.

— Está expulso, Eric! — Daniel aponto o dedo em seu rosto e fala com um tom muito sério.

— Não pode me expulsar! — Chia.

— Posso. Está expulso! A partir de hoje, você não faz parte mais do meu batalhão. Acabou para você! — Daniel se solta dos soldados que o seguravam.

— Você irá se arrepender pelo resto da sua vida se fizer isso! — Eric ameaça.

Daniel arqueia uma sobrancelha como se não se importasse.

— Você não pode me atingir. Está expulso! Soldados, levem esse homem daqui!

— Vai se arrepender, Daniel Collins! Eu juro! — Eric saí praticamente arrastado.

Rapidamente os olhos de Daniel veem em minha direção.

Estou destruída!

— Lana. — Daniel se aproxima e me abraça.

— Quero ir para casa, por favor. — Choro completamente sem chão.

Não sentia vergonha por mim, mas por Daniel, a esta altura todos já sabiam no que eu havia trabalhado.

— Nós vamos, amor.

Entro no apartamento já descalça, jogo as sandálias no chão e me sento no sofá completamente sem reação. Nunca quis envergonha o Daniel, estava se mostrando tão orgulhoso por me ter junto de si. Merda!

— Perdão. Daniel, perdão. — Choro em silêncio.

— Por que está me pedindo perdão? — Se senta ao meu lado enquanto me abraça.

— Fiz você virar piada, não é? Todos agora sabem no que trabalhei, Dan. Me perdoa, por favor, me perdoa!

— Está preocupada com isso? — Soa indignado. — Lana, olhe para mim. Obedeço.

— EU. NÃO. ME. IMPORTO! — Diz cada palavra bem destacada. — Amor, não dou a mínima pelo que vão dizer, entende de uma vez: seu passado é seu passado. Apenas isso.

— Mas...

— Lana, olhe para tudo que você sente. Não sou eu que tenho vergonha pelo que você fez, é você mesma. Amor, está na hora de superar isso, sei que não fazia porque queria, mas olhe por este lado: nunca roubou, nunca matou, nunca precisou enganar ninguém. Pelo contrário, fez de tudo para ser mais digna e dar tudo que *nossa* filha precisava. Quem tem que se envergonhar são os imbecis preconceituosos que ao contrário de ajudar quem precisa, estão perdendo tempo em julgar as atitudes alheias. O que você fez está feito. Então, deixe para lá. Eu não sinto vergonha de você e não tenho nada para perdoar, mas talvez, você devesse se perdoar. Está na hora, querida.

— Ah! — Cubro a boca para conter o choro e ele me abraça mais forte.

— Shh, calma, estou aqui. Estou aqui com você.

— Obrigada.

— Shh... — Começa a me balançar contra seu peito como se quisesse me ninar.

— Vamos para a cama? Preciso descansar. — Peço.

— Claro.

Daniel paga liberando a babá que estava no quarto de Nina e nós vamos para o refúgio de nossa cama. Ele me abraça protetoramente enquanto tenho meu rosto em seu peito.

— Estou com medo. — Confesso.

— Pelo quê?

— Eric.

— Ele não irá te fazer mais mal, eu prometo.

— Não por mim, mas ele prometeu se vingar de você! — Procuro por seus

olhos.

— Ele não pode me prejudicar em nada no trabalho.

— Certeza?

— Sim, absoluta. O único jeito de ele me atingir seria se te fizesse mal, e isso, pode ter certeza que ele não fará jamais!

— Dan...

— Juro, ele nunca mais irá tocar com você. — Promete olhando em meus olhos.

— Acredito em você.

Capítulo 16.

Lana.

Estou exausta quando chego em casa após um longo dia de trabalho. Nina está na sala brincando com sua babá, assim que me vê corre em minha direção, mas é só o tempo de me dar um beijo e já volta para sua melhor amiga. Sorrio a vendo tão feliz. Nunca imaginei em toda minha vida que poderia amar alguém como amo aquela pequena garotinha, por ela, eu seria capaz de matar e morrer. Se ela está bem, eu estou bem.

Ah, minha pequena garotinha!

Estou morta, o dia foi bem longo. Porém, a noite seria perfeita!

Tomo um banho quente para relaxar, visto uma calça jeans preta e um suéter de tricô rosa, calço apenas meias e vou até a cozinha, quero preparar uma janta bem gostosa. Hoje, Dan e eu, completamos oito meses morando juntos, quero comemorar. Estamos tão bem e felizes, parece que afinal, não estava sonhando: contos de fadas realmente existem!

Dulce, a babá, dá um banho em Nina e a deixa pronta para jantar, fico grata por ela ser tão atenciosa com a minha pequena. Quando dá seu horário, lhe dou seu pagamento e ela vai embora, mas antes promete que no próximo dia encontraria Nina e que elas brincariam muito mais. A minha pequena fica ansiosa por suas promessas e eu sorrio com carinho.

— Nina, quer brincar aqui no chão enquanto cozinho ou quer ver tevê?

— Desenho! — Grita animada.

Coloco em seu desenho favorito e volto a minha atenção à comida. Meu celular toca e é meu amor.

— Oi, amor.

— *Oi, pequena. Já está em casa?*

— Sim, estou preparando nosso jantar. — Animo-me.

— *Mm, vamos comemorar?*

— Você lembrou! Sim, vamos! — Sorrio como uma adolescente apaixonada.

— *Mal posso esperar, vou levar uma garrafa de vinho para nós.*

— Ah, sim, por favor!

— *Hoje quero apenas duas coisas, você e o vinho.*

— Ah. — Gemo com o pensamento. — O vinho em meu corpo?

— *Sim, entre suas dobras deliciosas. Vou te lambar e saborear o vinho ao mesmo tempo.*

Sinto tesão com suas palavras. Eu quero aquilo mais que tudo!

— Por favor, não demore!
— *Não vou, linda.*
— Quer alguma coisa especial esta noite, Sr. Collins? Algo branco, vermelho, ou sei lá, talvez, preto? — Soo sugestiva e ele ofega.
— *Mm, vermelho! Amo você de vermelho!*
— Então, é o que terá, Capitão.
— *Até logo, amor.*
— Até logo, gostoso. — Rio ao desligar a chamada.

Nina finalmente dorme após jantar, e eu corro para me arrumar para meu amor. Coloco meu melhor conjunto de lingerie vermelha, visto um vestido preto e justo, calço sandálias pretas de salto alto e deixo os cabelos soltos como ele gosta.

Quero estar incrível para ele. Quero que ao me ver, ele sinta vontade de me deixar nua!

Quando já estou pronta, vou mais uma vez para a cozinha e verifico se está tudo certo. De repente, escuto um barulho alto vindo da porta da sala, dou um pulo para trás, agarrando-me a pia.

O que é isso?!

Quando minha respiração parece voltar, ensaio dar um passo em direção a sala, mas um novo estrondo vem de lá, quando penso em reagir, surge a imagem dele à minha frente.

O homem de quem eu havia fugido há anos, está parado à minha frente com uma expressão surreal.

Ódio.

Raiva.

Fúria.

Cansaço.

Um misto de sentimentos parecia transbordar em suas feições.

Meu corpo inteiro ficou paralisado, não era capaz nem de engolir minha própria saliva.

Não! Não! Não! É um pesadelo! Só pode ser um pesadelo!

— Finalmente, sua vadia! — Ele dá um passo em minha direção.

Está mais magro do que me lembrava, sua pele branca está avermelhada por conta do frio, seus olhos azuis estão me olhando com desprezo, sua testa está frangida e, seus cabelos loiros estão curtos, quase inexistente. Ainda é alto e intimidador!

— Louis... — Sussurro.

— Seu amigo aqui me encontrou. — Aponta para o lado e a silhueta de Eric surge ao seu lado.

Ele me lança um sorriso debochado e uma expressão confiante.

— Eu disse que me vingaria de Daniel, o único jeito de atingi-lo, era atingindo você. — Pisca para mim.

Como? Meu Deus!

— Você é um monstro, Eric! Os dois são! — Rosno com desprezo.

— Eric me contou tudo. Me contou que a mãe da minha filha se tornou uma vadia que dá para todos nesta maldita cidade! Como pôde se rebaixar a tanto?! Como pôde! — Se enfurece, aproximando-se de mim.

Consigo até sentir o impacto de sua mão, antes mesmo de ela se aproximar de mim.

— Por favor, não! — Grito tentando me afastar.

É maior e mais forte, não tenho chances, ele agarra meus cabelos e me joga contra a parede.

— Você vai voltar comigo, sua vadia! E eu juro, vai pagar por todos esses anos e por essa vergonha!

— Não! Eu não vou com você!

— Não quer ir por causa daquele filho da puta que está comendo você? Como é o nome dele, Eric?

— Daniel.

— Isso. Esse mesmo! Não quer ir comigo por que esse tal de Daniel, está te comendo?!

— Não! Não quero ir com você, porque eu amo ele, amo! E sim, ele está me comendo e me comendo muito bem! Ele é muito mais homem do que você sonhou em ser um dia, Louis! — Cuspo as palavras em sua cara.

— Vadia! — Rosna dando-me uma tapa com tudo no rosto, não consigo evitar e acabo caindo com tudo no chão.

Eric gargalha.

— É sério que você acredita mesmo que Daniel te ama? — Eric volta a gargalhar.

— Sim, ele me ama! — Rosno apoiando-me na parede.

— Sua tola! — Eric me olha debochadamente. — Você acha que um capitão do exército dos Estados Unidos iria amar alguém que vem de um bordel?

— Ele me ama! — Grito.

— Não, sua imbecil, não ama! O único motivo de estar com você é este! — Eric se abaixa até mim e mostra uma foto que tira do bolso.

Na foto, vejo Daniel e eu abraçados em uma praia, ele me olha completamente apaixonado. Eu estou sorridente e radiante, pareço a mulher mais

feliz do mundo. Sou a mulher mais feliz do mundo, eu o tenho!

Mas, espere, que montagem é essa?

Como conseguiram colocar meu rosto e o dele ali?

— Não está reconhecendo a foto? — Pergunta satisfeito.

Eu faço que não.

Ele então tira mais três fotos do bolso e joga no chão, vejo meu rosto refletida nas três imagens. Em uma, estou de vestido de gala verde esmerada abraçada ao Daniel. Na outra, estou com uma roupa descontraída, parece que é de jogar tênis. E na última, estou sorrindo dentro do carro enquanto Daniel me abraça.

Espera! Não, não sou eu nas fotos. Mas, ao mesmo tempo, sou eu!

— Não está reconhecendo as fotos, porque não é você. Essa aqui é a Lucy, é a noiva falecida de Daniel. Agora entende? Entende por que ele está com você?

Não respondo. Não sou capaz!

— Ele está com você por ser idêntica a ex-dele, quando te beija, te come ou diz que te ama, é nela que está pensando. Não em *você*!

— Ah. — Sinto-me sufocada, meus olhos se enchem de lágrimas e não tem nada a ver com a dor física.

Agora tudo faz sentido; ter se confundido no primeiro dia em que me viu, ter ficado tão obcecado logo que me conheceu, ter me ajudado tanto... para ele, nunca foi por mim e sim, por ela! Ele sempre via ela e não eu! Ele nunca me enxergou! Ele só via ela!

E naquele momento eu não sabia o que me doía mais: Louis estar aqui para me buscar ou descobrir que Daniel nunca me amou, que estava comigo por eu ser parecida com sua noiva morta.

— Louis, e aí, vai cumprir com seu prometido? — Eric o olha enquanto se aproxima ainda mais de mim.

— Claro, claro. — Louis tem um sorriso falso no rosto.

— Seu marido me deu a chance de me vingar de você também, vadia! — Eric começa a abrir o zíper da calça e eu começo a perder os sentidos.

Não. Não vou suportar isso! Não vou!

Quando Eric dá mais um passo em minha direção, Louis saca sua arma que estava nas costas e atira bem na barriga de Eric, fazendo-o cair no chão e se contorcer de dor.

— Ah! — Grito me encolhendo toda.

— Não vai ter homem suficiente para tocar na *minha* mulher novamente!

— Louis me puxa pelos cabelos, fazendo-me ficar de pé.

Sinto dores horríveis no corpo todo. Só Deus sabe como estou conseguindo

manter os olhos abertos.

— Louis, não... — Gemo baixinho de dor.

— Mamãe!

Desperto-me rapidamente, a voz de Nina me traz a realidade. Está aqui. Na cozinha. Vendo tudo aquilo.

— Louis, nossa filha, por favor, não na frente dela! — Imploro.

Ele parece recuar um pouco e se vira para ela. Nina está com o rostinho cheio de lágrimas, e felizmente, está com os olhos em mim e não em Eric agonizando ao chão.

— Nina, fica olhando para a mamãe, ok? Só para mim! — Peço e ela obedece.

— Pegue suas coisas e as dela, vamos embora daqui! — Louis me empurra em direção a Nina.

Rapidamente a pego em meus braços.

— Louis, por favor, não! Prometo não contar a ninguém, mas nos deixe em paz, vá embora, por favor! — Imploro.

Ele ri com desdém.

— Nunca, entendeu?! Nunca vou te deixar em paz! Vocês são minhas, *minhas!*

Daniel.

Quando vejo a porta do apartamento escancarada sinto todos os pelos de meu corpo se arrepiarem, rapidamente corro para dentro chamando por Lana e Nina, mas não tenho respostas, corro para os quartos e os vejo completamente bagunçados e várias roupas delas havia sumido. Corro em direção a cozinha, me assusto quando vejo Eric caído recostado sobre o armário com as mãos ensanguentadas pressionando a barriga, ele parecia sem forças, adianto-me chegando mais perto.

— Eric? O que houve? O que faz aqui? Cadê a Lana? Cadê a Nina?! — Pergunto em desespero.

Ele parece não ter forças nem para engolir a própria saliva.

— Eu... — Respira fundo. — Louis...

Quando escuto esse nome, meu corpo todo paralisa.

— Eu, eu a entreguei... eu o encontrei!

Filho da puta! Se ele não estivesse praticamente morrendo à minha frente, com toda a certeza, eu o matava!

— Seu filho da puta! Sabe o que ele irá fazer com ela?! Desgraçado! — Agarro a gola de sua camiseta o puxando para perto de mim. — Para onde ele

levou elas?!

— Não... não sei... — Ele cospe sangue e olha em direção a geladeira, onde vejo várias fotos minha com a Lucy.

Não! Não! Não!

— O que você fez?! — Berro.

— Agora... ela sabe... — Suas forças se vão e eu o vejo morrer à minha frente.

— Merda! — Levanto-me.

Não, isso só pode ser um pesadelo! Louis as levou e agora, só Deus sabe o que Lana pode estar pensando sobre mim!

— Calma, Daniel! Use a cabeça! Use a cabeça!

Eu preciso pensar. Preciso usar a cabeça, não posso me desesperar agora! Preciso arrumar toda essa bagunça!

Quero elas em segurança novamente ao meu lado!

Faço duas ligações, uma para a polícia e outra para alguém que realmente poderia me ajudar:

— *Alô?*

— Allison, preciso da sua ajuda!

— *O que houve?*

— Preciso que me ajude a localizar uma pessoa!

— *Estou escutando...*

Em breve conheçam: Dois corações.

A continuação de Duas faces. Espero que tenham gostado até aqui, fiz com muito amor e carinho. Para quem não me conhece, escrevo há anos, tenho outras obras no Wattpad e em breve as lançarei aqui também, sem falar, que podem achar mais informações no grupo do Facebook: **Histórias da Cah.**

Serão muito bem-vindos lá!

Agradecimentos.

Queria muito agradecer aos meus leitores fiéis, que torcem por mim há cada nova conquista, sempre me ajudando e me apoiando em tudo que faço. Não quero citar nomes aqui, pois são muitos e vou acabar deixando alguém de fora sem querer, mas se sintam muito amados, pois amo vocês! Pessoal desde a comunidade do Orkut: Eu amo vocês, estarão sempre no meu coração!

Queria agradecer também a **Ingryd Trindade** e a **Amanda Estefanato**, minhas amigas pessoais, que conquistei devido as minhas histórias, nem acredito que já são dez anos de amizade! Sério, muito obrigada, sem vocês não teria chego até aqui, quando nem eu mais acreditava que tinha coragem para enfrentar meus problemas, vocês estavam lá, por mim, e me ajudando em tudo. Desde divulgação, problemas nas plataformas, correção, comentários ofensivos e entre outras coisas. Sério, serei eternamente grata a vocês! Amo vocês demais, podem contar comigo para sempre!

Também queria muito agradecer a escritora **Cora Hord** por me ajudar na correção e também por dar sua opinião crítica, de verdade, agradeço de coração! Espero que você cresça muito mais e que consiga atingir todos os seus objetivos, pois merece por ser uma pessoa tão dedicada e prestativa! Uma pessoa maravilhosa! Um ser humano que, se dedique, a ajudar alguém sem pedir nada em troca, realmente é especial! Espero que nossa amizade continue crescendo cada vez mais! OBRIGADA, POR TUDO!!!

Por último, mas não menos importante, queria agradecer uma das minhas melhores amigas, **Débora Monteiro**, obrigada por ser uma das pessoas que mais me apoia no mundo, por ter mais fé em mim do que eu mesma! Sei que não sou muito de demonstrar o quanto amo as pessoas, mas sabia que eu te amo, que torço muito pelo seu crescimento pessoal e também profissional. Obrigada por existir e estar sempre disposta em me ajudar! Vamos ainda conhecer o mundo e ambas fazendo o que amamos e muito realizadas. Obrigada por não achar meus sonhos idiotices e sim por me ajudar a realizá-los! Obrigada por ser uma das pessoas mais humanas que já conheci.

Obrigada a todos vocês!

Com amor,

Camila Fatala.

Table of Contents

[Prólogo.](#)

[Capítulo 1.](#)

[Capítulo 2.](#)

[Capítulo 3.](#)

[Capítulo 4.](#)

[Capítulo 5.](#)

[Capítulo 6.](#)

[Capítulo 7.](#)

[Capítulo 8.](#)

[Capítulo 9.](#)

[Capítulo 10.](#)

[Capítulo 11.](#)

[Capítulo 12.](#)

[Capítulo 13.](#)

[Capítulo 14.](#)

[Capítulo 15.](#)

[Capítulo 16.](#)